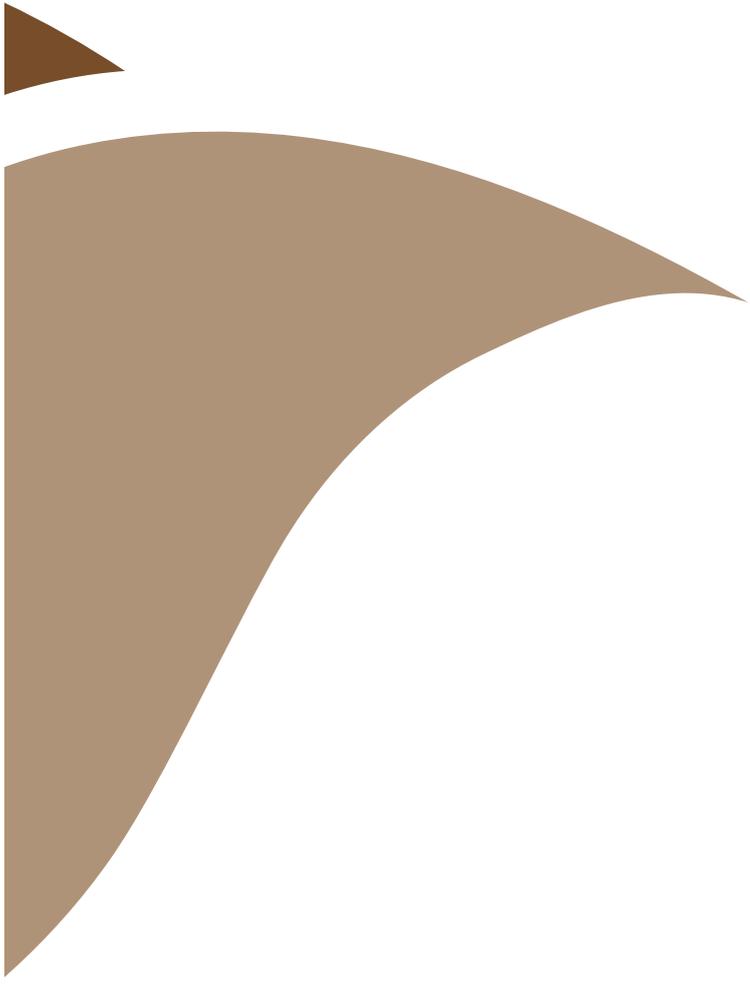




**CARTA
ARQUEOLÓGICA**

CALDAS DA RAINHA





Projeto
Caraca
Carta Arqueológica Caldas da Rainha
Projeto de estudo e inventário do património
arqueológico do concelho das Caldas da Rainha





Ficha Técnica

Título

Carta Arqueológica
de Caldas da Rainha

Autor

Alexandra Figueiredo e Cláudio Monteiro

Ano

2023

Design

Gabinete de Comunicação
e Relações Públicas
Instituto Politécnico de Tomar

Revisão Externa

Madalena Larcher
Adolfo Silveira
Luíz Oosterbeek

ISBN

978-989-8840-86-8

Índice

Prefácio	12
1. Introdução	13
2. Estruturação da Obra	23
3. A Região, Paisagem e Ambiente	24
4. Metodologia	27
4.1. Tratamento dos dados descritivos e espaciais	28
4.2. Fontes documentais, gráficas, digitais e orais	34
4.2.1. A toponímia	35
4.2.2. Detecção Remota	43
4.2.3. Documentos, jornais, obras e fontes orais	47
4.3. Prospeção Arqueológica	52
5. Inventário dos sítios arqueológicos	59
União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro	66
Serra do Bouro, Mancha de Ocupação, NI.º 1	66
Roçadas, Mancha de Ocupação, NI.º 10	67
Sítio do Bouro, Mancha de Ocupação, NI.º 66	69
Cabeço da Vela, Mancha de Ocupação, NI.º 70	71
União de Freguesias de Tornada e Salir do Porto	72
Alfândega, Mancha de Ocupação, NI.º 21	72
Capela de Nossa Senhora de Santana ou Santa Ana, Estrutura Patrimonial, NI.º 22	74
Castelo, Estrutura Patrimonial, NI.º 23	75
Sítio Casal do Cruzeiro, Mancha de Ocupação, NI.º 49	76
Sítio do Comboio, Achado Isolado, NI.º 65	78
Embarcação de Salir do Porto, Naufrágio, NI.º 36	79

Foz do Arelho	80
Vale Grande 4, Mancha de Ocupação, NI.º 4	80
Vale Grande 5, Estrutura?, NI.º 5	82
Vale Grande 2, Mancha de Ocupação, NI.º 14	83
Vale Grande 3, Mancha de Ocupação, NI.º 24	85
Azeirinhas 3, Mancha de Ocupação, NI.º 27	86
Azeirinhas 1, Mancha de Ocupação, NI.º 28	87
Surdão 1, Mancha de Ocupação, NI.º 33	88
Sítio do Miradouro, Achado Isolado, NI.º 52	89
Praia da Lagoa, Naufrágio?, NI.º 64	90
Foz do Arelho, Mancha de Ocupação, NI.º 101	91
Santa Catarina	93
Portela, Possível Monumento Megalítico?, NI.º 6	93
Arneiro, Arte Rupestre (Covinhas), NI.º 7	94
Pedrógão, Monumento Megalítico?, NI.º 8	95
Forno da Portela, Estrutura Patrimonial, NI.º 37	96
Castelo/Castro de Santa Catarina, Castro, NI.º 53	97
Laje da Abrunheira, Monumento Megalítico?, NI.º 61	99
Mata de Porto Mouro, Cais/Porto?/Fonte, NI.º 68	100
Landal	101
Achada 2, Mancha de Ocupação, NI.º 11	101

Achada 3, Mancha de Ocupação, NI.º 12	103
Capela de Nossa Senhora da Serra de Todo o Mundo, Estrutura Patrimonial - Capela, NI.º 13	104
Salir de Matos	105
Inscrição de Salir de Matos, Inscrição, NI.º 18	105
Ponte da Feteira, Ponte, NI.º 19	107
Ponte do Imaginário, Ponte 26	108
Almuinhas, Mancha de Ocupação, NI.º 54	109
Capela do Formigal, Monumento Religioso, NI.º 56	111
Capela de Santo Amaro, Monumento Religioso, NI.º 57	112
Estrada de Santo Amaro, Indeterminado, NI.º 59	114
Mina de Salir de Matos, Mina/Gruta, NI.º 62	115
Alvorninha	116
Zambujal, Monumento Megalítico, NI.º 9	116
Casa da Almofala, Estrutura Patrimonial, NI.º 17	117
Quinta da Machada, Estrutura Patrimonial, NI.º 29	118
Ponte do Rio das Bruxas, Ponte, NI.º 30	119
Quinta de Almofala, Estrutura Patrimonial, NI.º 32	120
Quinta da Cruz, Estrutura Patrimonial, NI.º 38	121
Minas/Grutas do Pego, Mina, NI.º 63	122
Antas de Baixo, Anta (já destruída), NI.º 100	123
Carvalho Benfeito	124
Cabeça Alta, Vestígios de Superfície, NI.º 16	124
Ponte do Carvalho, Ponte, NI.º 20	126
Praça da República 1, Estrutura, NI.º 40	127
Antas, Estrutura, NI.º 41	128
Capela de São Pedro, Mancha de Ocupação, NI.º 55	129
Túnel da Igreja do Carvalho Benfeito, Estrutura de Túnel, Igreja e Fonte, NI.º 60	131
União das Freguesias de Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório	133
Charneca de São Gregório 2 (30576), 3 (30577) e 4 (30578), Mancha de Ocupação, NI.º 44	133
Charneca de São Gregório 1, Mancha de Ocupação, NI.º 45	135
Sítio do Quartel, Mancha de Ocupação, NI.º 50	136
Galeria Termal, Estrutura, NI.º 67	138
Quinta do Paúl, Estrutura Patrimonial, NI.º 69	139

Caminho de Valmuinhas, Via?, NI.º 71	140
Hospital Termal D. Leonor, Estrutura Patrimonial, NI.º 72	141
Palácio Real, Estrutura Patrimonial, NI.º 73	142
Chafariz da Estrada da Foz, Estrutura Patrimonial, NI.º 74	143
Chafariz da Rua Nova, Estrutura Patrimonial, NI.º 75	144
Chafariz das 5 Bicas, Estrutura Patrimonial, NI.º 76	145
Necrópole da Igreja da Nossa Senhora do Rosário, NI.º 79	146
A-dos-Francos	147
Inscrição de A-dos-Francos, Epígrafe, NI.º 48	147
Quinta de Vila Verde de Matos, Monumento Religioso e Habitacional, NI.º 58	148
Vidais	149
Casal dos Cucos, Vestígios de Superfície, NI.º 2	149
Casal da Boavista, Mancha de Ocupação, NI.º 3	151
Quinta de Vidais, Estrutura Patrimonial, NI.º 31	154
Salir do Porto, Estrutura e Mancha de Ocupação, NI.º 39	155
Sítio do Machado, Mancha de Ocupação, NI.º 51	157
Carrasqueira, Mancha de Ocupação, NI.º 15	159
Ponte de São Gregório da Fanadia, Ponte, NI.º 25	161
Praça da República 2, Estrutura, NI.º 42	162
Casal do Rei, Mancha de Ocupação, NI.º 43	163

Gruta de Ribeira de Crastos 1, Gruta, NI.º 46	164
Grutas de Ribeira de Crastos 2, Gruta, NI.º 47	165
Casal dos Cucos Sul 1, Mancha de Ocupação, NI.º 80	167
Casal dos Cucos Sul 2, Descarte, NI.º 81	168
Nadadouro	169
Cais Palafítico 1, Cais, NI.º 34	169
Embarcação do Nadadouro, Naufrágio, NI.º 35	171
Nadadouro 1, Estrutura Madeira Indeterminada, NI.º 82	173
Quinta da Barrosa 7, Cais Palafítico, NI.º 77	174
Quinta da Barrosa 8, Naufrágio, NI.º 78	175
Canto Nadadouro Paiva e Sousa 1, Arte Rupestre e Gravuras Recentes, NI.º 83	176
Canto Nadadouro Paiva e Sousa 2, Ruína com nicho, tipo oratório, de pequena estrutura edificada, NI.º 84	177
Canto Nadadouro Paiva e Sousa 3, Gruta, NI.º 85	178
Quinta da Barrosa 1, Achado Isolado - Estruturas de Metal, NI.º 86	179
Ponta da Dordonha, Estrutura de Cais, NI.º 87	180
Braço da Barrosa 1, Via, NI.º 88	181
Braço da Barrosa 2, Naufrágio, NI.º 89	182
Braço da Barrosa 3, Embarcação, NI.º 90	183
Quinta da Barrosa 2, Embarcação, NI.º 91	184
Quinta da Barrosa 3, Estrutura de Madeira, NI.º 92	185
Quinta da Barrosa 4, Estrutura de Madeira, NI.º 93	186
Quinta da Barrosa 5, Cais Palafítico, NI.º 94	187
Ponta das Casinhas, Embarcação, NI.º 95	188
Braço da Barrosa 4, Estrutura de Cais, NI.º 96	189
Quinta da Barrosa 6, Calçada/Via, NI.º 97	190
Braço da Barrosa 5, Cais Palafítico, NI.º 98	191
6. Fichas de Análise de Naufrágios	192
7. Ocupação humana ao longo do tempo: análise sumária	215
7.1. Pré e Proto-História	215
7.2. Época Romana	220
7.3. Época Medieval	231
7.4. Época Moderna / Contemporânea	236
8. Conclusão	244
9. Bibliografia	246

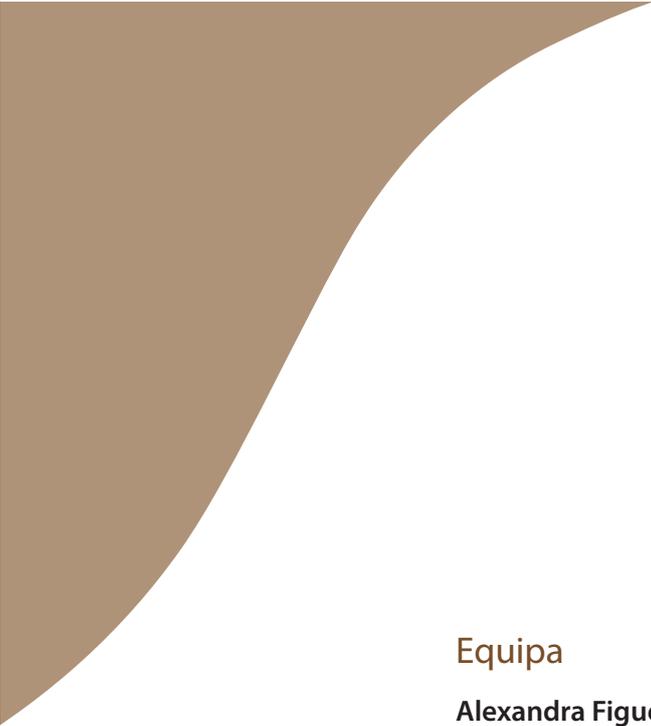


Agradecimentos

Agradecemos a todos os intervenientes, comunidade concelhia em geral, colaboradores e técnicos do projeto.

Parte dos textos recebeu pequenos contributos de elementos da equipa que integraram o projeto numa ou noutra etapa. Entre eles destacam-se: Ricardo Lopes, Raquel Henriques e Jardel Sténio.

Uma palavra muito especial vai para os Presidentes da Junta que nos acompanharam, em algumas situações, em campo, nos anos de 2017, 2018 e 2019, bem para alguns moradores, que pacientemente, nos mostraram sítios de suas memórias e nos responderam a todas as questões que fomos colocando.



Equipa

Alexandra Figueiredo

Instituto Politécnico de Tomar (Coordenadora)

Claudio Monteiro

CAAPortugal (Co-Coordenador)

Adolfo Silveira

Universidade Autónoma de Lisboa (Co-Coordenador)

Julio Rubin de Rubin

Geólogo

Ricardo Lopes

Arqueólogo

Raquel Henriques

Arqueóloga

Jardel Sténio

Arqueólogo

Silvério Figueiredo

Paleontólogo

Augusto Ferreira

Antropólogo

Daniel Alves

Antropólogo

Sónia Simões

Arqueóloga

Sandra Peliano

Arqueóloga

Prefácio

A arqueologia define-se como a disciplina científica que estuda as culturas e sociedades antigas através da análise dos seus vestígios materiais. Conhecer e perceber esse legado contribui para um desenvolvimento sustentável e para aprofundar a identidade de uma sociedade em constante evolução.

A partir de tal definição, percebemos a importância de um instrumento como a Carta Arqueológica de Caldas da Rainha que aqui se apresenta, desenvolvida no âmbito do projeto CARACARA, para estudo e inventário do património arqueológico do concelho de Caldas da Rainha, por uma equipa interdisciplinar, gerido pelo Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Arqueológico Subaquático, do Instituto Politécnico de Tomar e pela Associação sem fins lucrativos, CAAPortugal.

A Carta Arqueológica resulta de uma investigação de enorme rigor e dedicação feita por toda a equipa envolvida no projeto CARACARA, que se estendeu a todo o concelho, revelando-nos uma riqueza patrimonial imensa e um impressionante retrato da ocupação ao longo do tempo, no território que conhecemos hoje como Caldas da Rainha.

Ao longo do projeto fomos capazes de reconhecer novos dados desde a pré-história à época contemporânea, bem como se adicionou um conhecimento relevante sobre outro património, como o religioso, o militar, o industrial e etnográfico e o paleontológico, alguns apresentados em publicações paralelas à Carta Arqueológica.

Recolher, interpretar e divulgar são palavras chave da Carta Arqueológica de Caldas da Rainha, evidenciando o papel dos Municípios enquanto gestores do território nas suas diferentes dimensões, tendo no horizonte a gestão, investigação, conservação e salvaguarda do património arqueológico, promovendo também o crescimento da identidade local e das relações afetivas com o território.

O investimento numa “arqueologia municipal” concretiza-se na criação de condições para a valorização do património arqueológico enquanto recurso local e na definição de medidas de proteção e salvaguarda das áreas de reconhecido valor patrimonial, com impacto nas atividades económicas de âmbito cultural, histórico, turístico e social.

A Carta Arqueológica é assim um documento que se reveste do passado e evidencia os vestígios das populações que através do tempo se fixaram na área do concelho e que deixaram a sua marca num vasto património, mas que sobretudo aponta direções para o futuro, enquanto instrumento determinante para definição de políticas de ordenamento do território e desenvolvimento sustentável de Caldas da Rainha, num trabalho de contínuo aprofundamento e atualização.

Vítor Manuel Calisto Marques

Presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha

1. Introdução

A presente obra enquadra-se no âmbito do projeto CARACARA “Carta Arqueológica de Caldas da Rainha” e tem como objetivo apresentar os resultados decorrentes dos trabalhos desenvolvidos de 2017 a 2021.

A paisagem que se vislumbra na maior parte do território de Caldas da Rainha é muito distinta da que existia em épocas recuadas.

Os canais hídricos, como São Martinho do Porto e a lagoa junto à Foz do Arelho, estariam muito diferentes da forma como se apresentam atualmente. Associada a esta dinâmica observamos alterações nas planícies aluviais e no desgaste das pendentes, configurando novos relevos à medida em que avançamos no tempo. Estas movimentações derivam, em grande parte, na sua génese e evolução, das oscilações climáticas e consequentes transgressões e regressões marinhas que a região sofreu desde o Plistocénico Superior, assim como os mecanismos antrópicos de adaptação à paisagem que se observaram a partir do Neolítico, com a necessidade de abrir clareiras para a produção agrícola. Estas alterações agravaram-se após o período Romano (AZEVEDO & NUNES, 2021; FERREIRA, et al. 2009) com a intensificação da prática de cultivo e exploração pecuária e tornou-se determinante nas épocas que lhe sucederam. Como causa estiveram, não só os trabalhos diretos de gestão dos terrenos e com as técnicas usadas para as sucessivas plantações ou regadios, como também, as sedimentações constantes, provocadas indiretamente, nas margens das zonas internas que estavam imersas. Lentamente, as lagoas de toda esta região estremenha foram sendo encurtadas e a linha da costa alterada. Toda esta modificação da paisagem condicionou a ocupação na região ao longo do tempo.

Ainda que nos tenhamos debruçado em estratégias de prospeção superficial que fossem qualitativamente transversais a todo o território de Caldas da Rainha, dando uma atenção semelhante a todas as freguesias, pretende-se que seja claro ao leitor que este trabalho não é um fim em si mesmo; pelo contrário, muitas confirmações futuras devem ser realizadas, num processo contínuo de estudo,



valorização e salvaguarda da identidade local e do património arqueológico que lhe está inerentemente associado.

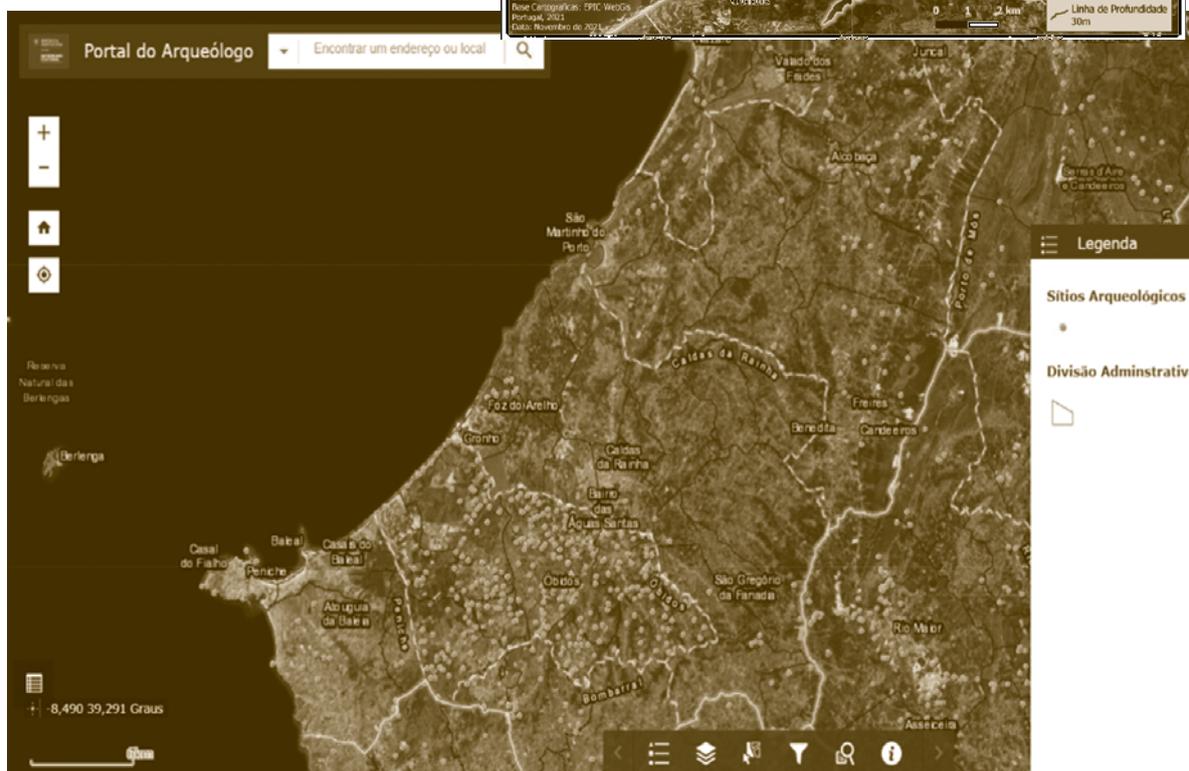
É relevante referir que, até ao início deste projeto, os dados somente eram provenientes das intervenções propostas pela Direção Geral do Património Cultural que, por sua vez, estava dependente dos registos que lhes chegavam. Centravam-se em trabalhos de estudo de impacte ou acompanhamento de algumas obras que foram realizados em locais mais sensíveis ou com maior probabilidade de possuírem vestígios arqueológicos. Estes, por sua vez, na revelação de indícios, davam origem a introduções de novos sítios na base de dados *Endovélico* (ferramenta existente para a gestão das entidades reguladoras do Património Arqueológico), presente no portal do arqueólogo <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>, onde todos os dados podem ser consultados. Estes registos, por não constituírem uma análise geral equitativa da região, e por serem essencialmente traduzidos pelas ocorrências obtidas dos trabalhos de Estudos de Impacte Ambiental ou acompanhamentos de obras próximas a incidências patrimoniais históricas, apresentam, normalmente, ainda que preciosos, poucos dados para nos dar uma ideia sobre a ocupação pretérita do concelho.

Um entendimento da ocupação de uma região carece de um contínuo trabalho em todo o território, que possa conjugar estratégias metodológicas, com base nas técnicas de prospeção e com trabalhos de estudo intrusivos, para a deteção de estruturas e contextos *in situ*, que garantam, posteriormente, o cruzamento de dados e informações mais aprofundadas, a fim de, com maior exatidão, permitir o delinear de propostas mais verosímeis.

O conhecimento arqueológico desta região era extremamente escasso em 2017 (figura 1).

Se compararmos o concelho de Caldas da Rainha com as regiões vizinhas, como podemos observar na figura 1, percebemos bem essa diferença. Atualmente, com o trabalho realizado no projeto CARACARA incrementámos em 250% o conhecimento de sítios arqueológicos na região (quadro 1 e figura 2).

Figura 1
Geoportal do arqueólogo -
Informação constante no site da DGPC -
<https://cutt.ly/MLswhzf>, consultado em 24
de fevereiro 2018, e integração da região
no mapa nacional português.
Fonte: Google earth



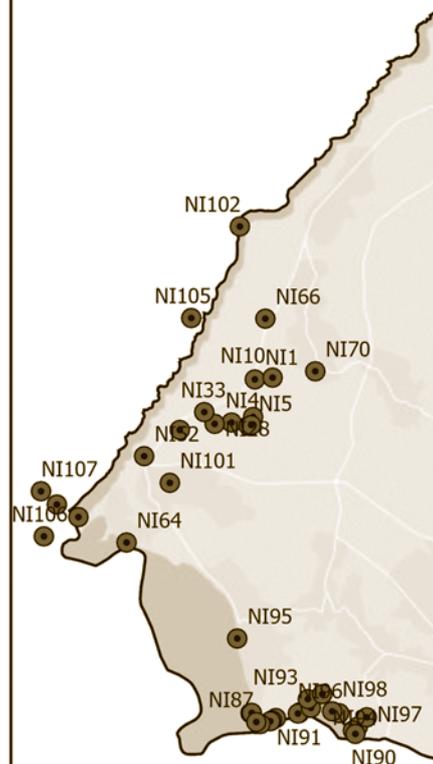
Quadro 1 . Legenda do mapa Figura 2, dos números de inventário dos sítios arqueológicos

Ninventário	Topónimo				
NI1	Serra do Bouro	NI36	Embarcação de Salir doP Porto	NI74	Chafariz da Estrada da Foz
NI2	Casal dos Cucos	NI37	Forno da Portela	NI75	Chafariz da Rua Nova
NI3	Casal da Boavista	NI38	Quinta da Cruz	NI76	Chafariz das 5 bicas
NI4	Vale Grande 4	NI39	Salir do Porto	NI77	Quinta da Barrosa 7
NI5	Vale Grande 5	NI40	Capela da Nossa Senhora do Rosário	NI78	Luís Paiva e Sousa 1
NI6	Portela	NI41	Antas	NI79	Necrópole da Igreja da Nossa Sra. do Pópulo
NI7	Arneiro	NI42	Pelourinho da Praça	NI80	Casal dos Cucos Sul 1
NI8	Pedrogão	NI43	Casal do Rei	NI81	Casal dos Cucos Sul 2
NI9	Zambujal	NI44	Charneca de São Gregório 2, 3 e 4	NI82	Cais Palafítico 2
NI10	Roçadas	NI45	Charneca de São Gregório 1	NI83	Canto Nadadouro Paiva e Sousa 1
NI11	Achada 2	NI46	Gruta de Ribeira de Crastos 1	NI84	Canto Nadadouro Paiva e Sousa 2
NI12	Achada 3	NI47	Gruta de Ribeira de Crastos 2	NI85	Canto Nadadouro Paiva e Sousa 3
NI13	Capela de Nossa Senhora da Serra de Todo o Mundo	NI48	Inscrição de A-dos-Francos	NI86	Quinda da Barrosa 1
NI14	Vale Grande 2	NI49	Casal do Cruzeiro	NI87	Ponta da Dordonha
NI15	Carrasqueira	NI50	Sítio do Quartel	NI88	Braço da Barrosa 1
NI16	Cabeça Alta	NI51	Sítio do Machado	NI89	Braço da Barrosa 2
NI17	Casa de Almofala	NI52	Sítio do Miradouro	NI90	Braço da Barrosa 3
NI18	Inscrição de Salir de Matos	NI53	Castelo / Castro de Santa Catarina	NI91	Quinta da Barrosa 2
NI19	Ponte da Feteira	NI54	Almuinhas	NI92	Quinta da Barrosa 3
NI20	Ponte do Carvalhal	NI55	Capela de São Pedro	NI93	Quinta da Barrosa 4
NI21	Alfândega	NI56	Capela do Formigal	NI94	Quinta da Barrosa 5
NI22	Capela de Santana	NI57	Capela de Santo Amaro	NI95	Ponta das Casinhas
NI23	Castelo	NI58	Capela de Vila Verde de Matos	NI96	Braço da Barrosa 4
NI24	Vale Grande 3	NI59	Estrada de Santo Amaro	NI97	Quinta da Barrosa 6
NI25	Ponte de São Gregório da Fanadia	NI60	Igreja do Carvalhal Benfeito	NI98	Braço da Barrosa 5
NI26	Ponte do Imaginário	NI61	Laje da Abrunheira	NI99	Parque Infantil D.Carlos I
NI27	Azeirinhas 3	NI62	Mina de Salir de Matos	NI100	Antas de Baixo
NI28	Azeirinhas 1	NI63	Minas do Pego	NI101	Foz do Arelho
NI29	Quinta da Machada	NI64	Naufrágio da Praia da Lagoa	NI102	SS Mesopotâmia
NI30	Ponte do Rio das Bruxas	NI65	Sítio do Comboio	NI103	La Force
NI31	Quinta dos Vidais	NI66	Sítio do Bouro	NI104	SS Zulo / Lulo
NI32	Quinta de Almofala	NI67	Galeria Termal	NI105	SS Brentford
NI33	Surdão 1	NI68	Mata de Porto Moiro	NI106	SS Roumania
NI34	Cais Palafítico 1	NI69	Quinta do Paúl	NI107	Barca Inglesa
NI35	Embarcação do Nadadouro	NI70	Cabeço da Vela		
		NI71	Caminho de Valmuinhas		
		NI72	Hospital Termal Rainha D. Leonor		
		NI73	Palácio Real		

Para melhor visualização da localização dos sítios veja as figuras 14 a 19.



Caldas da Rainha- Projeto CARACARA



Legenda

- Caldas da Rainha CAOP_Poligno_P
- Sítios arqueológicos

2017-2021
Projeto CARACARA

Credits: IPT e CAAPortugal.
Coordenação: Alexandra Figueiredo,
Claudio Monteiro e Adolfo Silveira



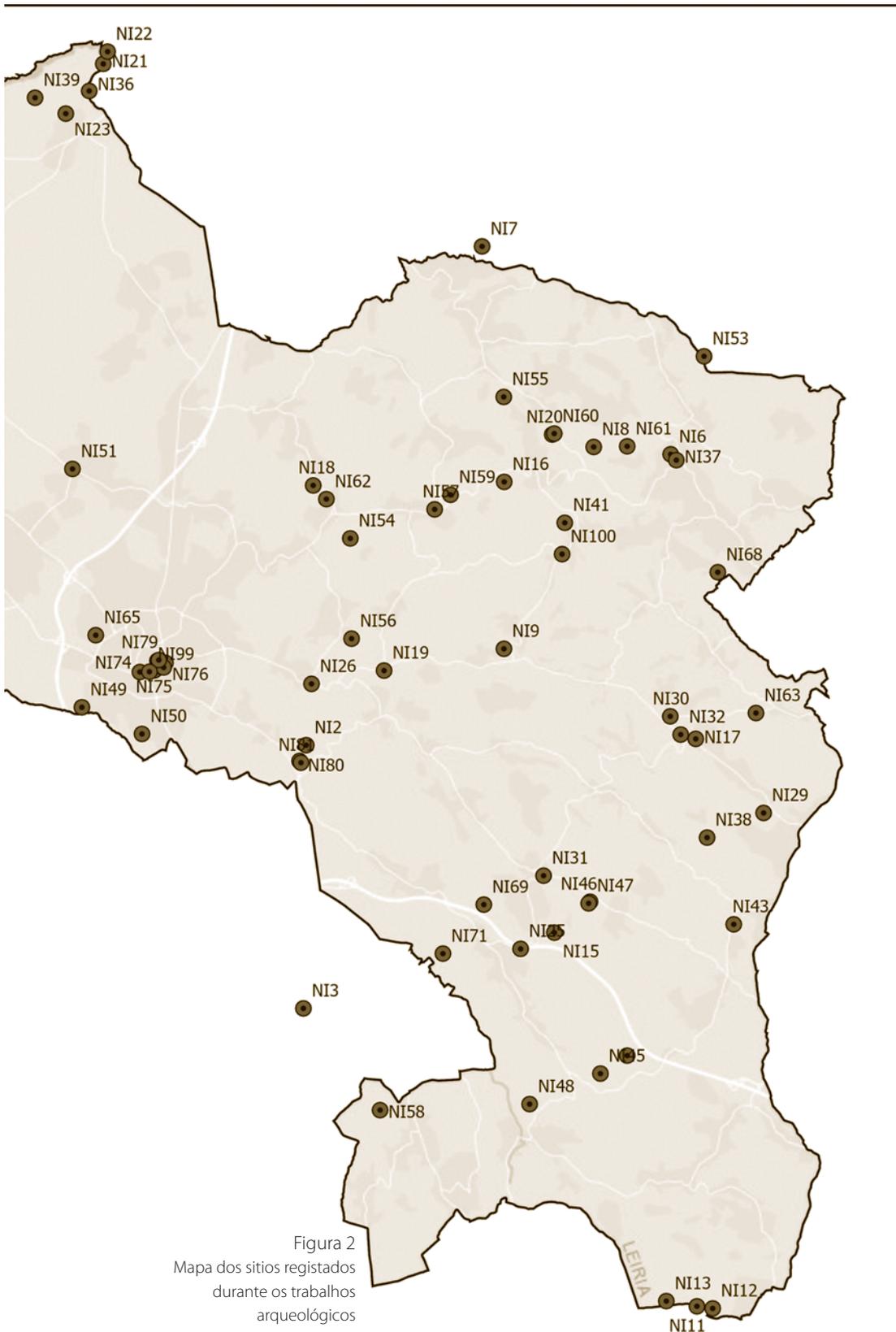


Figura 2
Mapa dos sítios registados
durante os trabalhos
arqueológicos

Para além dos sítios arqueológicos, foi ainda realizado levantamento de outro património que, pela suas características, integrou outras publicações (Figueiredo e Lopes, 2018; 2019). Nele apontam-se sítios religiosos em utilização, mesmo que as primeiras fundações remontem à Época Medieval, sítios militares, industriais, etnográficos e paleontológicos (Figura 3).

Estes dados encontram-se disponíveis para consulta no site do município, secção Carta Arqueológica e no site da ESRI-IPT, em formato geopackage.

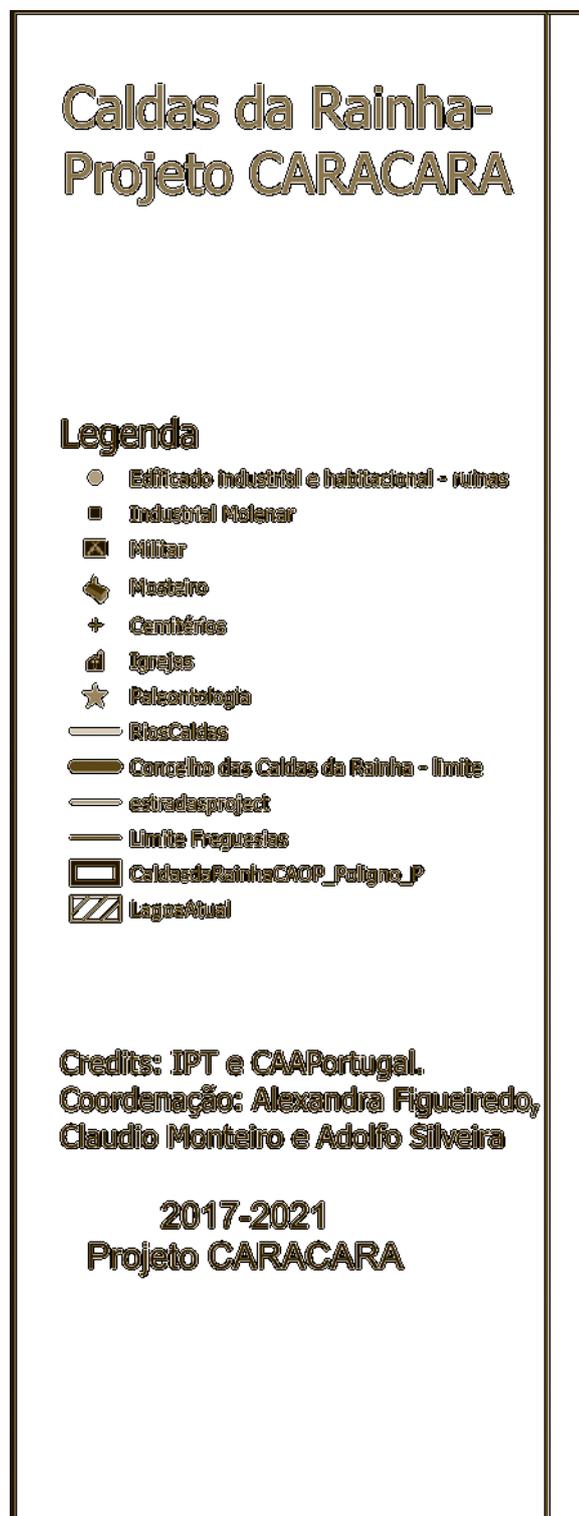


Figura 3
Mapa dos sítios registados
referentes a outro património.



Metodologicamente iniciámos o trabalho por uma pesquisa e estudo das fontes escritas, orais, etnográficas, gráficas, digitais e documentais, no sentido de averiguar a existência de indícios de vestígios arqueológicos ou apontar direções para a compreensão da ocupação da região. Nesta análise preliminar, com base no que era conhecido, trilhámos uma orientação prévia das ações práticas de campo da equipa de investigação.

Para garantir a conjugação de todos os dados, o projeto desenvolveu uma base de dados, em *Access, da Microsoft*, onde integrou todas as informações descritivas, incluindo aquelas provenientes das atividades diretas de prospeção relacionadas com os sítios arqueológicos, fotografias e materiais registados.

Para um entendimento espacial da dispersão criou-se, em *ArcGis*, da *Esri*, o Sistema de Informação Geográfico para o mapeamento temático arqueológico de Caldas da Rainha, e divulgaram-se os vários mapas com os sítios no site do município, através da plataforma do *google* <http://www.cm-caldas-rainha.pt>. Este mesmo mapa pode ser consultado em <https://ip-tomar.maps.arcgis.com>. Desta forma, estas três plataformas assumiram, durante todo o processo, a centralização dos dados que agora expomos nesta obra, contribuindo, no final, para o desenvolvimento das condicionantes de arqueologia a verter em todos os planos de gestão do património terrestre e subaquático na região, nomeadamente o plano diretor municipal.

Paralelamente a este trabalho desenvolveram-se diversas palestras, *workshops*, seminários de discussão com a comunidade local, escolar e científica, para um melhor apuramento dos dados e sensibilização da população para a salvaguarda e valorização desse património, bem como foram publicados trabalhos de âmbito patrimonial, como é o caso do *Moinhos das Caldas da Rainha* (FIGUEIREDO e LOPES 2018), *Lendas e Fotografias Antigas das Caldas da Rainha* (FIGUEIREDO e LOPES, 2019b) e *Paleontologia de Caldas da Rainha* (FIGUEIREDO, em prelo).

A *Carta Arqueológica de Caldas da Rainha* é o culminar de um processo de pesquisa, que conjuga a investigação de gabinete e de campo,

assente a última na prospeção, identificação e registo de vestígios, assim como na sua análise em relação com a paisagem, e os sítios observados na região, no sentido de apontar hipóteses sobre a ocupação e registar áreas de impactes, com vista a uma gestão do território que passe também pela salvaguarda patrimonial.

2. Estruturação da Obra

No capítulo dois expõem-se, de forma resumida, a região, a paisagem e o ambiente.

Todas as informações sobre a pesquisa de fontes, caminhos teóricos adotados, metodologia considerada em cada estudo ou análise encontram-se explanados no ponto três. Os trabalhos de campo permitiram confirmar diversos sítios arqueológicos. As prospeções realizadas tiveram por base um conjunto de critérios e índices de possibilidades que se estruturaram em torno de um conjunto de características da paisagem, do solo e do comportamento humano.

Desta forma desenvolveram-se prospeções seletivas em todo o concelho. Em algumas zonas optou-se por um levantamento sistemático, de forma mais intensiva, tendo sido percorridas áreas precisas, separadas por linhas de 5 ou 10 metros de intervalo.

Para cada sítio apresentam-se, no capítulo quatro, os principais dados obtidos, bem como as fotografias do local e os vestígios mais relevantes. Alguns dos materiais desenhados foram adicionados para melhor entendimento da tecnomorfologia dos mesmos.

Segue-se, no capítulo cinco, os levantamentos das informações documentais de naufrágios, desenvolvendo um estudo analítico das possíveis localizações dos vestígios.

O último ponto expõe uma aproximação sumária, por épocas, à ocupação do território no concelho de Caldas da Rainha.

3. A Região, Paisagem e Ambiente

Na classificação de unidades territoriais (NUTS), o Município de Caldas da Rainha localiza-se no Oeste (NUTS III), na região Centro (NUTS II), no Continente Português (NUTS I).

O concelho está inserido na zona Litoral Oeste de Portugal Continental.

Os 256 km² da sua área total fazem fronteira a oeste com o Oceano Atlântico, a norte com o concelho de Alcobaça, a este com o concelho de Rio Maior e a sul com os concelhos do Cadaval, Óbidos e Bombarral.

Contém atualmente, na sua área administrativa, 12 freguesias: União das Freguesias de Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório; União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro; União de Freguesias de Tornada e Salir do Porto; Vidais; Landal; Salir de Matos; Foz do Arelho; Alvorninha; Carvalhal Benfeito; Nadadouro; A-dos-Francos; e Santa Catarina.

O estudo técnico de Augusto Mateus e Associados, em 2008, dá conta de cerca de 202,8 habitantes por Km² (Mateus et al. 2008).

Inser-se na Carta Militar de Portugal, na escala 1: 25 000, nas folhas nº 316, 327, 337, 338, 339, 350, 351.

O concelho de Caldas da Rainha possui, como fronteira a ocidente, o oceano Atlântico. Na extremidade sul é cortada pela lagoa de Óbidos e a norte culmina na baía de São Martinho. A Este prolonga-se até ao distrito de Santarém, fazendo fronteira com o concelho de Rio Maior.

A faixa costeira conta com aproximadamente 32 km de extensão, considerando a rota traçada via *Google Earth*.

Quanto à geologia podemos inferir que a sua formação está diretamente ligada a uma sucessão de eventos geológicos que deram origem a diversas rochas calcárias de origem mesozóica, formando, no que consiste, hoje, uma pluma litológica submersa.

Esta região conta ainda com processos sedimentares recentes, dos períodos Pleistocénico e Holocénico (DUARTE, 2020). A área alvo de estudo é constituída por rochas sedimentares carbonatadas que materializam um registo contínuo de um período da história da Terra compreendendo grande parte do Jurássico Inferior até períodos geológicos recentes, como o Pleistoceno. Soma-se a este registo a grande quantidade dos afloramentos que exibem grande variedade litológica, bem como de estruturas sedimentares e de processos geológicos diversos que são mais evidentes na península de Peniche.

Como pontos geológicos e geomorfológicos peculiares destaca-se nesta caracterização regional a lagoa de Óbidos, a península de Peniche e a baía de São Martinho do Porto. O mapa esquemático (Figura 4) ilustra as dinâmicas geomorfológicas, sobretudo na área mais litoral.

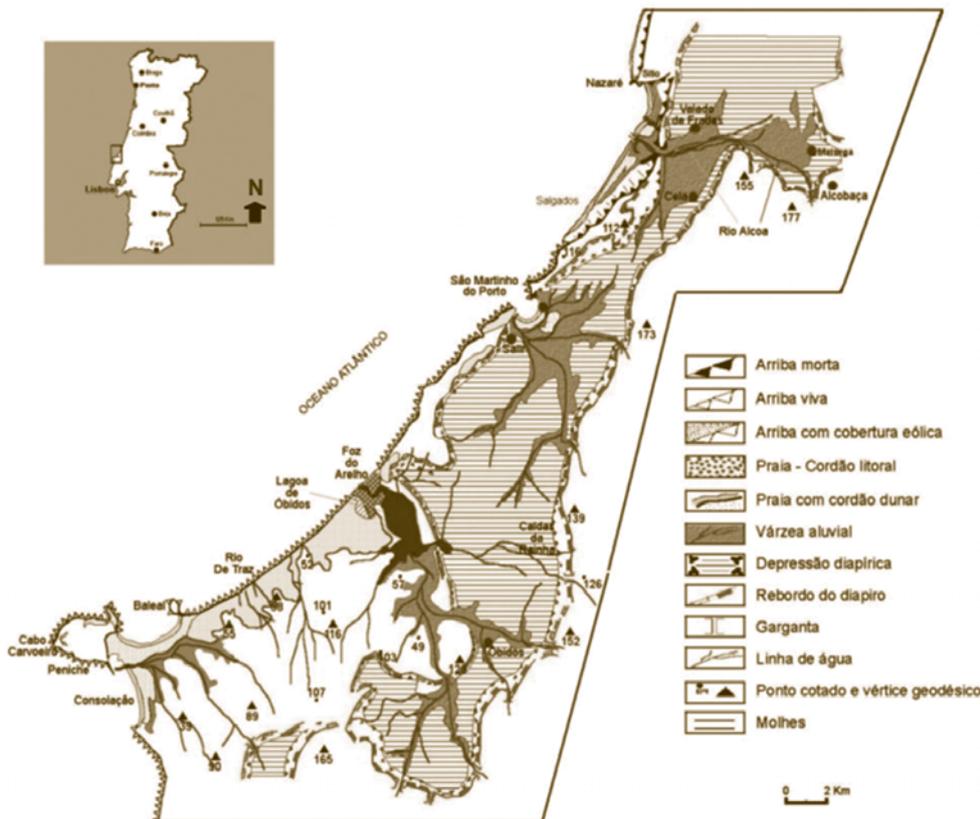


Figura 4
Dinâmica Geomorfológica da Área de Estudo.
Fonte: Henriques, 2002.

Do ponto de vista geológico, a lagoa de Óbidos é uma laguna, ou seja, um meio sedimentar natural localizado numa zona de depressão que se desenvolve na interface dos sistemas hidrológicos continental e marinho, dominado por água salobra a salgada de proveniência oceânica. Neste contexto, os aportes de água doce são suficientemente pequenos para inibir diluição significativa da salinidade, ou seja, essa característica classifica ainda a lagoa de Óbidos como um ambiente estuarino (PRICHART, 1967).

A baía de S. Martinho do Porto, que delimita o concelho a norte, apresenta forma elíptica, com cerca de 1800 por 400 metros, 3 quilómetros de areal e barra com cerca de 200 metros de abertura (DUARTE, 2020). Do ponto de vista geológico, integra uma unidade litoestratigráfica, constituída por rochas sedimentares, assim como a península de Peniche e lagoa de Óbidos. Porém, as suas características geomorfológicas e dinâmicas permitem classificá-la como unidade distinta da referida lagoa, sendo constituída por 3 sistemas litorais: os sistemas de falésias (funcionam como barreiras), os sistemas de praia e duna e os sistemas fluvio-marinhos, estes últimos drenados pelo rio Tornada, que percorre o concelho de Caldas da Rainha, constituindo, assim, um sistema estuarino (*idem*, 2020). Segundo Martins (2014), a forma e extensão desta baía manteve-se praticamente inalterada até ao século XIV, durante o qual as condições de proteção oferecidas pela baía, com águas mais calmas, propiciaram o desenvolvimento de atividades económicas marítimas e de navegação, tornando-se um dos principais portos e importante abrigo para as embarcações que percorriam a costa.

No interior circula uma rede de drenagem fluvial denominada de rios do Litoral Centro. A área desta faixa tem uma alta dinâmica costeira, sendo caracterizada pela existência de uma vasta extensão plana, sem sistemas hidrográficos muito grandes. Corresponde, de um modo geral, a ribeiras costeiras de pequena a média dimensão.

4. Metodologia

Para melhor compreensão do leitor optámos por explicar a metodologia utilizada de forma resumida, limitando-nos aos pontos mais relevantes para o entendimento do processo de estudo arqueológico.

O registo da ocupação humana, na pesquisa e percepção no terreno, requer olhares treinados e competentes no reconhecimento da cultura material e vivências das várias épocas. Muitos dos artefactos que podem ser encontrados num sítio, assim como eventuais estruturas, podem passar despercebidos a quem não é especializado na área. Convém, por isso, que todos os municípios tenham uma carta arqueológica para a devida gestão do território e invistam continuamente em trabalhos de reconhecimento cultural local, por arqueólogos, para a salvaguarda da sua história, identidade e memória.

É isto que determina a essência de uma região: as tradições, a etnografia, a história, a memória e o passado das suas populações.

Por isso, cabe a todos contribuir para esse reconhecimento e exigir a preservação do nosso património, pois ele é revelador das nossas raízes e do que somos atualmente. O termo património, que habitualmente aplicamos à nossa casa, bens e heranças dos nossos pais, também o é quando nos referimos a um monumento, estrutura ou vestígio material. É, nesse sentido, herança dos nossos pais mais distantes, que às vezes nos chega nos resquícios da ocupação de um espaço, percível na matéria em que foi construída pela dinâmica do tempo que atravessou, mas mesmo assim portadora da sua vivência, com reflexo no que somos e nas vias por que aqui chegamos. É, por isso, nosso dever, exigir às entidades de governação o seu estudo e compreensão.

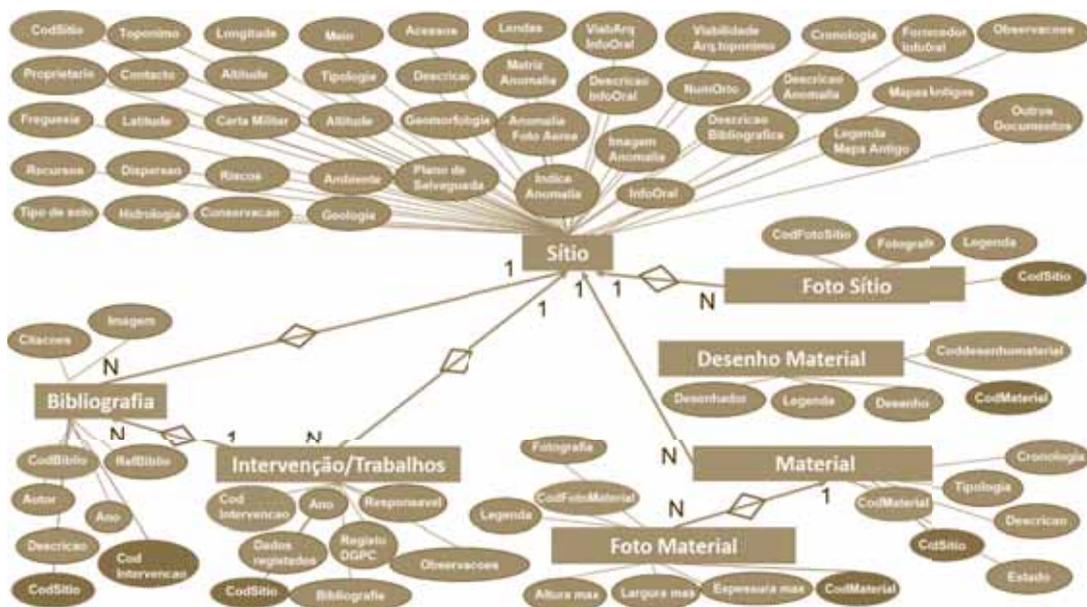
Neste sentido, e de forma abreviada, daremos alguns exemplos das ações que realizamos para o entendimento da ocupação da região, as técnicas empregues e as metodologias desenvolvidas.

4.1. Tratamento dos dados descritivos e espaciais

Para a análise dos dados recolhidos nas diversas fontes ou ao longo dos levantamentos de campo realizados em prospeção, optou-se por criar um sistema que pudesse armazenar, processar, conjugar e fazer visualizar os dados de natureza espacial e descritiva.

Desta forma foi desenvolvida uma base de dados, com a designação *BDCARACA*, e realizada a sua conexão através de uma GeoDataBase a um Sistema de Informação Geográfico, nomeado *SIGCARACA*. A organização, como em qualquer outra base de dados, comporta duas premissas importantes: a organização física e o desenho lógico do sistema. A primeira versa sobre a localização física dos ficheiros e a sua organização. A segunda é baseada na construção conceptual das relações entre as tabelas e respetivos dados (SENDRA, 1992). A escolha dos campos a adicionar teve como objetivo cumprir os intentos previstos no Plano de Investigação Arqueológico do Projeto CARACARA, apresentado à Direcção-Geral do Património Cultural (Figura 5) e aprovado em 2017.

Figura 5
Diagrama E-R da Base de Dados do Projeto, com todas as tabelas, relações e respetivos campos



As tabelas, num total de 7, abrigam um conjunto de campos / atributos, que se organizam em torno do número de inventário que é dado à estação arqueológica. Os campos, por sua vez, possuem um conjunto de registos que descrevem o objeto analisado.

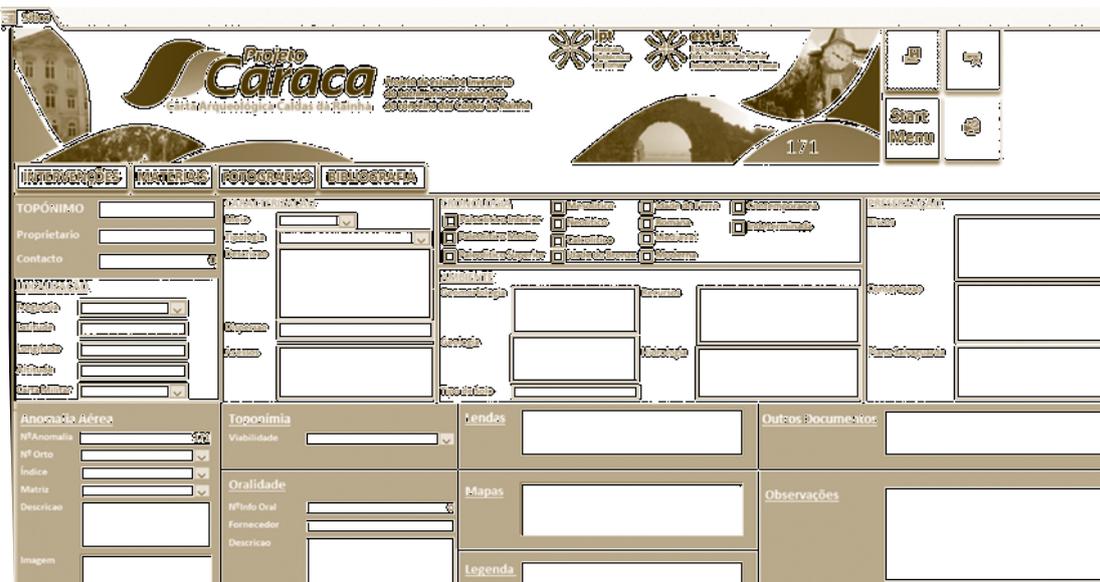
Todas as tabelas da base de dados estão relacionadas e são representativas da estrutura dessa mesma base de dados, permitindo assegurar a integridade referencial, impedindo a introdução de dados redundantes.

Os formulários foram criados numa estrutura prática e intuitiva, com o objetivo de permitir “navegar” de uma forma eficaz e simplificada (Figura 6).

A forma como a base de dados está organizada permite associá-la ao sistema de informação geográfica criado, o que torna possível a visualização dos dados nas projeções cartográficas, contribuindo assim para a criação dos mais diferentes mapas temáticos arqueológicos.

A representação cartográfica da distribuição do povoamento humano antigo, dos vestígios e sua inter-relação entre sítios ocupados é um problema que ocupa os arqueólogos desde os anos 70.

Figura 6
Formulário “Sítios”
da BD-CARACA



A primeira metade do século XX conheceu desenvolvimentos importantes nas técnicas e nas formas de representação, não apenas do povoamento, mas de toda a cartografia temática em geral. Após a segunda metade, essas preocupações alargaram-se às ciências históricas, como é o caso da Arqueologia, desenvolvendo as designadas Cartas Arqueológicas. Com o advento e a vulgarização das tecnologias de informação geográfica e sucessiva produção e disponibilização de informação em formato digital foi possível reinventar as formas de produção, criando-se plataformas interativas que permitiam gerar mapas complementares e de grande utilidade para o Planeamento e Ordenamento do Território.

A cartografia temática, com base nos vestígios de ocupação passada, possui um interesse relevante na pesquisa arqueológica, na compreensão das dinâmicas temporais de fixação da população e no conhecimento efetivo e contínuo dos bens com interesse patrimonial, com vista à sua valorização sustentável e devida salvaguarda.

Analisando os mapas que foram criados em momentos temporais diferentes dos atuais também nos é permitido cruzar informações, verificar padrões e registar alterações na paisagem e nas linhas de costa. Estas informações tornam-se relevantes para o entendimento das opções consideradas pelos povos no passado e modificações da morfologia do relevo provocadas por condicionalismos naturais e antrópicos.

Também, as novas tecnologias de informação aplicadas à arqueologia têm um grau de abrangência de grande dimensão no que concerne aos sistemas de análise espacial ou deteção remota.

O seu papel potenciador de análise é um dos principais fatores do seu uso em Arqueologia (FIGUEIREDO, 2007). Em termos gerais, um SIG consiste num conjunto de ferramentas que permite a recolha, armazenamento, organização, seleção e transformação de dados de natureza espacial (PEIXE e FIGUEIREDO, 2020). Estes dados são incorporados, neste caso concreto, na cartografia base do concelho, possibilitando aceder a uma imagem objetiva de conjunto e relacionar as informações que se foram obtendo a partir da investigação para a criação de mapas temáticos.



Figura 7
Carta Corográfica de 1867
e limite do concelho atual

Na cartografia de base integrou-se as cartas militares portuguesas 1: 25 000 (folhas 316, 327, 337, 338, 339, 350, 351), os ortofotomaps (fotografias aéreas), os limites administrativos, a rede viária, a carta hidrográfica e os planos diretores municipais. Destes, pela associação dos dados arqueológicos e cruzamento das informações, derivaram novas camadas como os modelos digitais de terreno, os

A Carta Corográfica portuguesa foi redigida e gravada em 1867, na “Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos, Topographicos, Hydrographicos e Geologicos do Reino”. O levantamento que a originou foi efetuado entre 1855 e 1867. Foi reimpressa em 1945 pelo Instituto Geográfico e Cadastral.

mapas temáticos arqueológicos, os estudos de declive e proximidade aos sítios, os gráficos de variantes e valores, a análise da associação ao tipo e uso do solo, entre outros.

Toda a projeção foi considerada em ETRS 1989, Portugal.

A cartografia antiga foi também adicionada e georreferenciada, para poder ser vetorizada. Entre os vários mapas destacamos a *Carta Corográfica Portuguesa* de 1867 (Figura 7 e 8). Foram ainda analisado o *Mapa de Hispania* de 1847, de Selina Hall, assim como o mapa desenvolvido por Alex Findley, referente ao período romano na Península Ibérica, publicado em 1849, entre outros.

Da mesma forma, foram trabalhadas as diversas obras que tratam da evolução da costa, da sedimentação ou das hipóteses de ocupação ou de acesso viário nos períodos remotos, tendo as descrições ou mapas sido vetorizados para uma melhor análise.

O sistema permitiu ainda: a integração: dos dados conhecidos na DGPC; a sinalização de áreas com índices de probabilidades elevadas de possuir vestígios arqueológicos, quer provenientes de pesquisas de dados toponímicos, quer das anomalias visíveis por fotografia de satélite ou de possíveis viabilidades após análise de deteção remota com LIDAR (Light Detection and Ranging); a inserção das lendas e contos etnográficos; e entrevistas e inquéritos realizados à população, pela equipa do projeto e que, numa base conjunta cartográfica, orientaram as

estratégias a tomar nas saídas de campo para o reconhecimento e prospeção das áreas com potencial para apresentar vestígios de ocupação.



Figura 8
Carta Militar atual e limite
da linha de costa e da lagoa
representadas na carta
Corográfica de 1867.

4.2. Fontes documentais, gráficas, digitais e orais

Qualquer trabalho arqueológico deve pressupor um bom planeamento das estratégias metodológicas e técnicas a adotar.

Quanto maior e mais diversificada for a pesquisa inicial de fontes, maior será a eficiência dos resultados obtidos.

Desta forma, o planeamento para as prospeções de campo, sobretudo no âmbito das técnicas de pesquisa de levantamento das áreas mais propícias à observação de antigas ocupações, recai, em seu grande volume de trabalho, num estudo aprofundado do registo material e imaterial dos vestígios de ocupação humana que nos podem chegar pelo estudo de fontes primárias e secundárias. São estes que vão permitir traçar uma visão aproximada da possível realidade arqueológica e auxiliar a trilhar as áreas com maiores potencialidades de ocupação, a ser inseridas no mapa de prospeções seletivas.

O arqueólogo volta atrás no tempo, partindo do que conhece, isto é, da ocupação atual, passando pela história da região, até chegar a outras fontes menos evidentes que possam ser incorporadas no processo arqueográfico de pesquisa. Por isso todas as fontes são analisadas, desde as mais comuns obras culturais e históricas, aos documentos régios, forais, bulas, registos paroquiais e administrativos antigos; aos jornais; aos artigos científicos publicados sobre descobertas; aos elementos referenciados na direção geral do património cultural; à informação oral (Figueiredo et al. 2020), às fotografias antigas (Figueiredo e Lopes, 2019); às tradições, cantigas, mitos e lendas etnográficos (idem, 2019); aos topónimos; às mais modernas formas de captar o conjunto do espaço: as fotografias aéreas, de satélite e os levantamentos de terreno, na tecnologia LIDAR.

O projeto, para além da pesquisa terrestre, teve a pretensão de desenvolver uma recolha de dados sobre vestígios ou potenciais áreas subaquáticas, desenvolvendo prospeções nas áreas de interface.

Nunca é demais referir e salientar a importância de algumas destas fontes.

Para uma melhor compreensão iremos explicar algumas, que foram mais produtivas nos trabalhos desenvolvidos.

4.2.1. A toponímia

Começamos, assim, por abordar o estudo dos topónimos. Trata-se dos nomes e designações atribuídos a um lugar, a uma terra ou a um arruamento. O povo é o gerador desse batismo, baseando-se muitas vezes na tradição ou nos marcadores de memória (ENCARNAÇÃO, 2008). Isto significa que, na maior parte destas designações, elas possuem uma origem espontânea tradicional, que se perpetua no tempo.

A Toponímia é a disciplina que estuda o nome dos lugares, estando intimamente relacionada com a investigação arqueológica, histórica, antropológica e geográfica de uma região. Como tal torna-se numa fonte extraordinária de informação, uma vez que indicia vestígios de antigas ocupações, pois os nomes dos lugares estão diretamente relacionados com a particularidade de cada local. É através dos topónimos que se acabam por perpetuar memórias: a perceção de um sítio, de um uso ou costume, de uma ocupação típica de um espaço, de um mito ou de um comportamento cultural ou religioso. Considera-se então a toponímia como um “espaço de memória”, que dá corpo e originalidade a uma região, contando a sua história (Fernandes, 2008).



LIDAR (*Light Detection And Ranging*) é uma tecnologia de deteção remota que pode ser aplicada à deteção de estruturas arqueológicas, através da medição de tempo de um pulso laser que é emitido a uma superfície e posteriormente refletido do objeto ou incidência ao aparelho.

Tendo-se consciência da importância que os nomes dos lugares podem ter para a descoberta de novos sítios arqueológicos (DJINDJIAM, 2002; 2011) e de novas evidências patrimoniais, foi efetuado o levantamento dos topónimos mais significativos existentes no concelho de Caldas da Rainha. Após esta tarefa, foi efetuada uma análise cuidada do seu valor histórico-arqueológico, usando-se, entre outras obras, o *Dicionário Etimológico* e o *Dicionário Onomástico e Etimológico* de José Pedro Machado (2003) e o artigo de origem militar da autoria de Luís Chaves (CHAVES, 1952).

A matriz de análise foi organizada em 3 valores: sem conexão; pouca conexão; e alta conexão. Os topónimos sem conexão foram descartados. Os topónimos de pouca ou alta conexão foram introduzidos na base de dados para cruzar com outros dados, nomeadamente análise de imagens de satélite ou LIDAR. Isto permitiu criar um mapa de potencialidades a que se juntaram outros estudos para a orientação dos trabalhos de pesquisa de campo.

Alguns destes topónimos correspondem a áreas de considerável dimensão, como é o caso, por exemplo, de Nadadouro, que designa toda uma povoação extensa, mas que está intimamente ligado à presença romana.

O termo advém de uma palavra latina “natatorium”, que após alterações fonéticas o levaram à forma de “nadadoiru” e posteriormente a “Nadadouro”, isto é, um local aprazível e próprio para nadar, do qual destacamos Touguio como ponto central, pela alta conexão a vestígios antigos. Logo se prevê, próximo a este, a existência de possíveis estruturas de apoio às atividades balneárias, como, por exemplo, eventuais estalagens ou outros edificadas com cronologia integrada no mesmo período.

Atendendo ao aspeto da possível extensão do topónimo, adicionámos a cada ponto georreferenciado uma área de maior dispersão, por intermédio de criação de dois anéis (*buffers*) (Figura 9), um com um raio de 100 e outro de 200 metros, prospetados sistematicamente e respetivamente por transectos de 10 e 20 metros de intervalo.

As áreas com presença de densa vegetação ou privadas/muradas, sem autorização de passagem, não foram prospetadas.

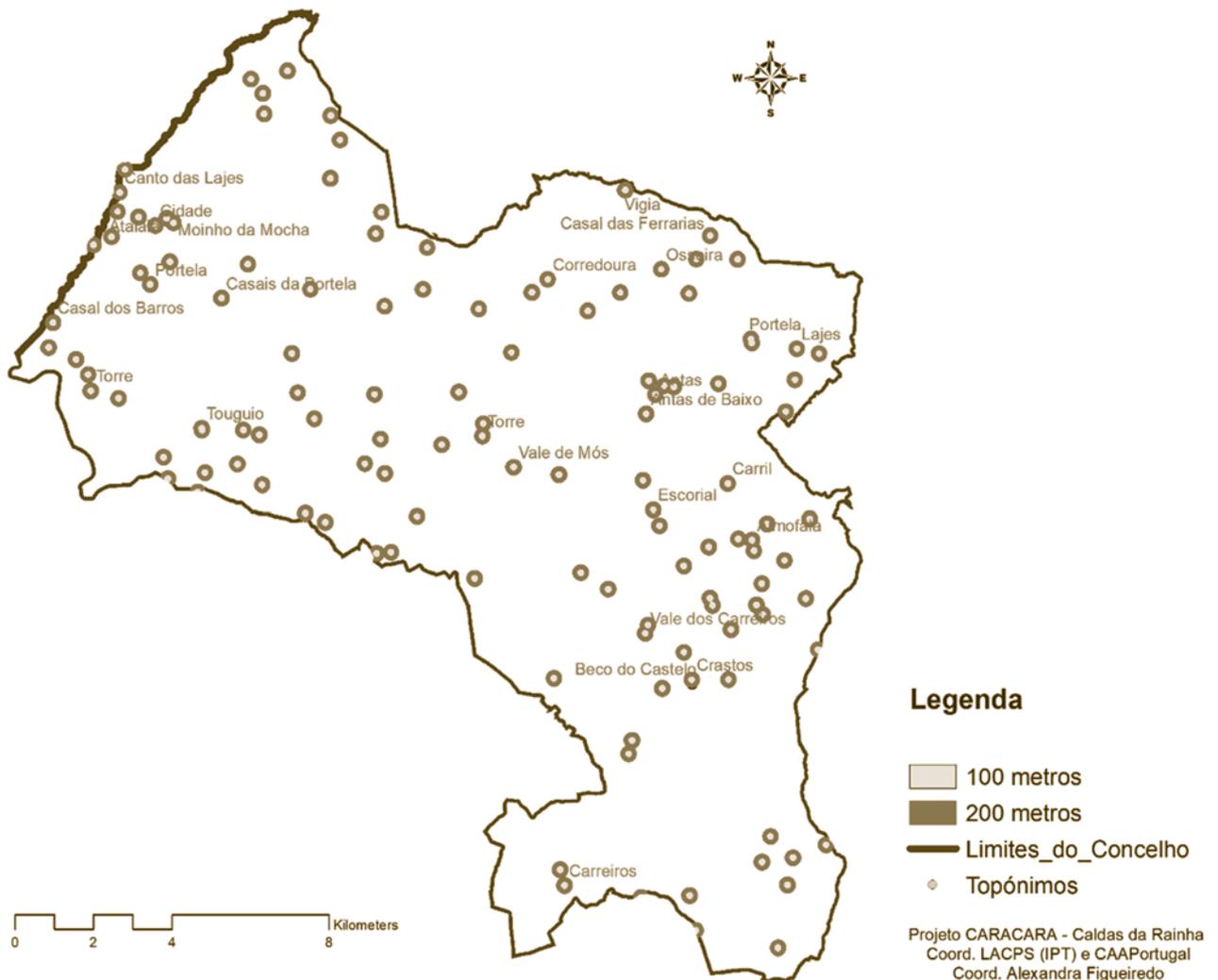


Figura 9
 Mapa com a representação dos topónimos de pouca e alta conexão. Destacam-se os de alta conexão, apresentando os nomes. Apresentam-se as circunferências prospetadas, nomeadamente de 100 e 200 metros em redor do local centro do topónimo.

Resultado dos levantamentos toponímicos

No total, foram recolhidos 607 topónimos. Destes apenas 128 foram registados. Somente 27 são de alta conexão.

Das diferentes freguesias observamos que a UF Santo Onofre e Serra do Bouro e Alvorninha registam o maior número de topónimos com interesse arqueológico. Nadadouro, Landal, Foz do Arelho e A-dos-Francos são as que registam menor número.

A maior parte dos topónimos que foram descartados por não terem conexão com indícios de património ou memória cultural referem-se a elementos de vegetação, como por exemplo: Salgueirinha, Casal Pinheiro, Casais da Junqueira Seca, Casal da Moita, Louriceira, Laranjeira, Oliveirinhas, etc.

Se observarmos o mapa da figura 9, verificamos que os indícios de topónimos com alusões a vias apresentam-se essencialmente na zona este de Caldas da Rainha, referindo a existência de uma via antiga que passaria por aí, provavelmente já desde o período romano.

Também os topónimos de ocupação pré-histórica se registam nessa zona, bem como na área de maior altitude próxima à Foz do Arelho.

A título informativo descrevem-se alguns topónimos arqueológicos, freguesia a que pertencem e respetivo significado simplificado. Este mesmo registo pode ser acedido no *site* do município.

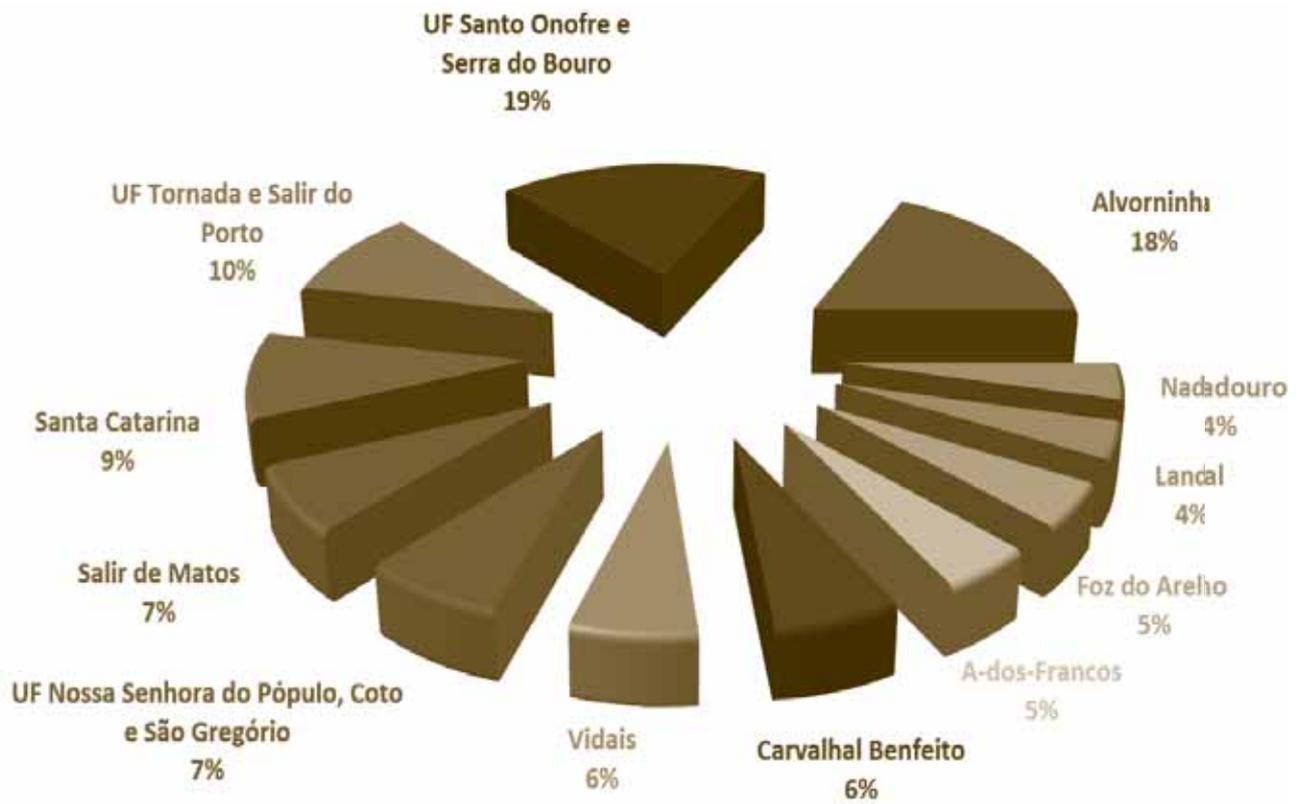


Gráfico 1
 Gráfico com a representação da percentagem de topónimos com interesse arqueológico. Os que apresentam maior percentagem são UF de Tornada e Salir do Porto; UF Santo Onofre e Serra do Bouro e Alvorninha.

Carreiros (A-dos Francos)

Caminho

Almofala (Alvorninha)

Do árabe "al-mahallâ", acampamento, campo, arraial, coluna expedicionária.

Antas de Baixo (Alvorninha)

Plural de "anta", monumento pré-histórico, topónimo muito frequente em Portugal e na Galiza.

Carril (Alvorninha)

Rego aberto pelas rodas do carro, trilho.

Escorial (Alvorninha)

Escórias ou amontoado de escórias, minas abandonadas, restos de metal.

Antas (Carvalhal Benfeito)

Plural de "anta", monumento pré-histórico, topónimo muito frequente em Portugal e na Galiza.

Corredoura (Carvalhal Benfeito)

Peça que está por baixo da mó do moinho, lugar de passagem, mais ou menos largo.

Osseira (Carvalhal Benfeito)

Deriva de "osso", restos mortais, parte dura e sólida que forma a armação do corpo dos vertebrados. Topónimo frequente na Galiza.

Casal dos Barros (Foz do Arelho)

Casal: do latim casãle, que pertence a casa; limites de propriedade, quinta, fazenda, herdade, granja; no sentido de homem e mulher, par. Barros: loiça ordinária, barro, apelido de família. Poderá indiciar produção cerâmica.

Torre (Foz do Arelho e Salir de Matos)

Topónimo de origem militar, casa elevada, castelo, palácio, pombal, quadrado (formação de combate). Muito frequente na toponímia portuguesa. Por se localizar junto à costa poderá ser torre de vigia ou do facho, etc.

Vale de Mós (Salir de Matos)

Vale: depressão alongada entre duas montanhas ou colinas; larga extensão de terra banhada por um rio. Mós: poderá vir de "mó", pedra de moer. Muitas vezes está relacionado com edificações dolménicas.

Casal das Ferrarias (Santa Catarina)

Ver Casal de Barros

Lajes (Santa Catarina)

Pedra chata ou mosaico com que se cobrem pavimentos, pedra de sepultura, rocha de superfície plana. Provável origem em idiomas pré-romanos da Hispânia.

Mata de Porto Moiro (Santa Catarina)

Mato: terreno inculto em que crescem plantas agrestes. Porto: lugar de uma costa onde os navios podem fundear, abrigo, refúgio. Moiro: "mouro", indivíduo árabe.

Portela (Santa Catarina)

Do latim "portella", portal, portinha, porta pequena, ponto onde um caminho ou estrada forma um cotovelo.

Vigia (Santa Catarina)

Sentinela, atalaia, construção geralmente alta, guarda, sentinela, vigilante.

Algueirinhos (UF Santo Onofre e Serra do Bouro)

Não se encontra registado. Pequenos algares?

Atalaia (UF Santo Onofre e Serra do Bouro)

Lugar alto, torre, guarita. O sentido alargou-se e passou a designar "barco ligeiro a remos que servia de vigia".

Canto das Lajes (UF Santo Onofre e Serra do Bouro)

Canto: ângulo formado pela reunião de duas paredes ou quaisquer outras superfícies, ângulo saliente; ato de cantar. Laje: pedra chata ou mosaico com que se cobrem pavimentos, pedra de sepultura, rocha de superfície plana. Provável origem em idiomas pré-romanos da Hispânia.

Casais da Portela (UF Santo Onofre e Serra do Bouro)

Ver casal de Barros

Cidade (UF Santo Onofre e Serra do Bouro)

Divisão administrativa. Segundo Leite de Vasconcellos, antigos povoados em ruínas têm o nome de "cidade, cidadelhas, cidelo".

Moinho da Mocha (UF Santo Onofre e Serra do Bouro)

Moinho: do latim “molinum, mó, construção que contém um engenho de moer, geralmente cereais, através de duas mós que são movidas a vento, água ou motor. Mocha: feminino de “mocho”, ave de rapina.

Portela (UF Santo Onofre e Serra do Bouro)

Do latim “portella”, portal, portinha, porta pequena, ponto onde um caminho ou estrada forma um cotovelo.

Crastos (Vidais)

De “castro”. Principais locais de habitações das tribos proto-históricas, sítio alto, montanha, castelo, local alto, povoamento.

Vale dos Carreiros (Vidais)

Vale: depressão alongada entre duas montanhas ou colinas; larga extensão de terra banhada por um rio. Carreiros: caminho

Touguio (Nadadouro)

Provavelmente relacionado com “atouguia”, de origem pré-romana, com significado incerto. “Atouguia” poderá derivar de “Tauria”, região com muitos bois.

4.2.2. Detecção Remota

Um outro tipo de fontes são as que nos permitem analisar dados através das técnicas de deteção remota (COWLEY, 2012), possibilitando assumir a existência de estruturas enterradas ou invisíveis numa prospeção e orientar os nossos trabalhos para zonas com maior potencialidade arqueológica. Dentro das técnicas de Detecção Remota surgiram, recentemente outras ferramentas, nomeadamente os levantamentos com tecnologia LIDAR. Durante este processo, os instrumentos de obtenção de imagens não entram em contato com o solo (ANDERSON, 1982). Os dados resultantes são depois fotointerpretados por profissionais capacitados, sobretudo os que necessitam de interpolação, como é o caso dos levantamentos LIDAR.

O estudo da paisagem, com base em análise de fotografia aérea e, depois, de satélite, chega-nos na década de 70, com a corrente arqueológica da *Nova Arqueologia*. Esta corrente teórica, que, contrariamente às anteriores, valorizava bastante a análise da arqueologia da paisagem, acabou por ter uma enorme influência no desenvolvimento e proliferação da técnica de recolha de dados utilizando os métodos de deteção remota (ANDERSON, 1982, RACZKOWSKI, 2002; CARVALHO, 2002; CRAVO, 2010), que mais tarde, com o desenvolvimento tecnológico e libertação de imagens, se centra no estudo e interpretação dos ortofotos de satélite (MENESES & ALMEIDA, 2012).

Um estudo com base nas fotos de satélite, atendendo à compreensão dos padrões de distribuição de sítios, características de preferência de opção das diferentes comunidades por determinadas zonas, proximidade a recursos e tipos de solo, bem como a perceção das alterações da paisagem, proporciona a deteção de possíveis elementos anómalos, quer de origem natural, quer antrópica, direcionando os nossos trabalhos para uma prospeção no terreno mais eficiente. (ANDERSON, 1982; MENESES & ALMEIDA, 2012; LASAPONARA & MASINI, 2011).

Desta forma, e de acordo com os objetivos traçados no projeto, foi realizado o levantamento das evidências registadas pela análise e interpretação das imagens sobre o concelho de Caldas da Rainha, usando as ortofotos presentes no Gabinete de Planeamento Urbano do Município das Caldas da Rainha, disponibilizados pela *database* da *Esri* e as várias tiragens desde 2006 até 2020, presentes na plataforma *Google Earth*. Para a análise LIDAR foram usados os levantamentos realizados pela Direção Geral do Território, referentes aos levantamentos de 2011, nomeadamente os modelos digitais de terreno de 1 e 2 metros, em formato *LAS*, que foram depois tratados pela equipa de projeto e integrados no *SIG_CARACA* para conexão com todos os outros dados existentes. Neste caso, no projeto *CARACARA*, por inexistência de outros dados, os levantamentos LIDAR foram orientados para a deteção de anomalias na topografia das margens superficiais até cerca de 600 metros da costa e até cerca de 400 metros de distância da linha terrestre para o interior, abrangendo uma profundidade aproximada de até, sensivelmente, os 20 metros, na zona marinha (Figura 10 e 12).

Todas as anomalias observadas com base nas diferentes técnicas foram consideradas para prospeção, sendo-lhes atribuído um número, uma localização, a identificação da fonte, fatores descritivos, um índice e uma matriz de potencialidade, bem como a imagem captada na ortofoto ou no LIDAR.

Alguns dos sítios submersos não foram prospetados diretamente, somente identificadas como anomalias, registadas na base de dados do projeto.

No caso das ortofotos, considerou-se quatro tipos diferentes de análise: o fitológico, o pedológico, o método baseado na análise da sombra e, por fim, o morfológico. No que toca o primeiro, consiste nos índices detetadas associadas a alterações no tamanho ou na cor da vegetação, podendo evidenciar a existência de estruturas enterradas. Sobre este ponto, por exemplo, convém explicar que o crescimento da vegetação é diferenciado quando ocorre sobre um terreno limpo ou sobre estruturas. O índice pedológico consiste na interpretação de anomalias relacionadas com as marcas de solo,

nomeadamente diferentes tonalidades que podem indicar maior ou menor humidade presente na terra. Também aqui, em zonas com presença de estruturas, a humidade tende a ser menor, o solo seca mais rapidamente, evidenciando-se pela diferença de tonalidade a presença de vestígios enterrados. O índice de sombra corresponde aos relevos detetados que provocam sombra no solo, sendo apenas possível reconhecer as que correspondem a estruturas positivas edificadas. Por último, o índice morfológico identifica possibilidades relacionadas com a tonalidade ou formas apresentadas pelas sombras observadas em meio aquático, a baixa profundidade. A cada anomalia foi também associado um valor de matriz de um a três, após a interpretação da mancha anómala, conforme a probabilidade de ser ou não um vestígio antrópico com carácter arqueológico. Assim, o primeiro termo corresponde uma interpretação de anomalia indeterminada; ao termo dois uma a prospectar (sem reconhecimento interpretativo arqueológico); e ao terceiro uma anomalia a prospectar com reconhecimento interpretativo provável.

Para a realização do levantamento das anomalias, quer nas ortofotos, quer nos modelos digitais de terreno, provenientes do LIDAR, desenvolvemos a criação de transectos (linhas paralelas com espaçamento de 25 metros entre si) que cobriam a área do concelho de Caldas da Rainha. Assim que eram detetadas anomalias era colocado um “pin” no respetivo local no mapa, sendo-lhe atribuído um número de anomalia, iniciando-se no número 1 e avançando de forma sequencial.

No *Google Earth*, estas eram interpretadas, visualizando-as ao longo dos vários varrimentos anuais, desde 2006 até 2022, que têm sido disponibilizados pela *Google*.

No *ArcGIS* (Esri), correndo as várias interpolações possíveis que nos permite, ao todo, 23 interpolações, com diferente aplicação de filtros, sobre os levantamentos LIDAR, fomos evidenciando, pelos transectos, possíveis índices topográficos, que cruzamos posteriormente com as restantes análises.

O concelho apresenta uma grande área agrícola, sendo abundantes os campos de cultivo e a plantação de árvores de grande porte, como o pinheiro e o eucalipto. Esta densa e alta vegetação acabou por

prejudicar a análise das fotos de satélite. Também aqui é de salientar a existência de levantamentos da DGT, de LIDAR, somente junto à costa, não nos permitindo usá-la no restante concelho. Para colmatar essa situação recorreremos aos Modelos Digitais de Terreno do satélite Copérnico.

A título de exemplo, entre as diversas anomalias verificadas, expõem-se imagens de duas delas (Figura 11 e 12).

4.2.3. Documentos, jornais, obras e fontes orais

Para a recolha de informações relativas aos naufrágios ocorridos na área do concelho de Caldas da Rainha, foram também utilizados os registos paroquiais, jornais locais, *Diário do Governo* e *Diário Ilustrado*, bem como os inquéritos orais a pescadores e a habitantes das freguesias do litoral. No que diz respeito aos registos paroquiais, a obrigação de os manter em todas as igrejas surge na sessão de 11 de novembro de 1563 do Concílio de Trento, sobretudo associados ao matrimónio (www.tombo.pt). A maioria dos livros paroquiais, em 1911, foi entregue ao Estado, sendo que os livros posteriores a esta data se encontram nos arquivos diocesanos ou na paróquia de origem. Atualmente, os registos paroquiais estão, na sua maioria, digitalizados *on-line*, nomeadamente em tombo.pt, um *website* de cariz particular, mas que contém informação muito relevante acerca de todos os registos, incluindo os obituários, que servem particularmente no rastreio de informações associada a naufrágios. Assim, foram consultados, pela

Ao todo foram definidas 255 anomalias por deteção de satélite, sendo 143 anomalias, segundo o índice de sombra, 82 pelo índice fitológico, 26 anomalias pelo índice pedológico e 3 anomalias pelo morfológico. As zonas com maior incidência de anomalias a prospetar foi a UF Serra do Bouro e Santo Onofre e a UF Tornada e Salir do Porto.



equipa, todos os registos dos livros de óbitos das freguesias do litoral do concelho, excluindo-se os registos da freguesia da Foz do Arelho e do Nadadouro, por serem inexistentes.

As informações orais relativas a naufrágios foram também levantadas junto de pescadores da Foz do Arelho, centros de desporto náuticos e residenciais da zona.

Também, entre os documentos consultados destacamos o *Diário do Governo*, que, após 1823, ficou legalmente obrigado a relatar todos os naufrágios existentes em território português. Foram analisadas todas as notícias registadas com informação referente à lagoa de Óbidos, São Martinho e à costa de Caldas da Rainha. Com base nas informações desenvolveram-se fichas de registo, desenhando áreas de possível incidência dos naufrágios no sistema de informação geográfica SIG_CARACA ou as incidências anómalas provenientes do LIDAR.

Tudo o que se refere a vestígios de índole subaquática ou naval foi integrado em capítulo próprio, estando explanados no ponto seis.

Além destas pesquisas, foram ainda recolhidas informações em fontes bibliográficas, nomeadamente em relatórios da DGPC ou

Figura 11
Anomalia 14
(Alfândega de Salir do Porto).
Imagem do *Google Earth*.



Figura 12
Registo de anomalia em MDT, interpolação MULTI-HS_D16_H35_RGB, proveniente de dados recolhidos sob o sistema LIDAR, onde se verifica, num campo agrícola frente a Casas da Cidade, na freguesia de Foz do Arelho, junto à rua Velha, a presença de uma estrutura retangular enterrada e uma zona alteada numa das suas extremidades. Esta estrutura não se encontra visível no terreno. Em prospeção não foram registados materiais arqueológicos à superfície.

publicações científicas, quer no âmbito da arqueologia terrestre quer da subaquática.

Entre as metodologias de captação de informações, as fontes orais tiveram um grande impacto na compreensão da ocupação da região e na deteção de vestígios arqueológicos. Destes trabalhos foram publicados alguns artigos científicos que o leitor pode consultar na página de internet do projeto no município (<http://www.cm-caldas-rainha.pt>) ou nos artigos publicados (FIGUEIREDO, et al. 2017, 2020; FIGUEIREDO, 2020).

Foram desenvolvidas várias atividades de contacto com a comunidade local (FIGUEIREDO et al. 2020; LOPES, et al. 2020), como: notícias nos órgãos sociais; atividades de educação patrimonial nas escolas (FIGUEIREDO et al. 2020); estágios temporários de acompanhamento dos nossos trabalhos e prospeções de campo realizados em parceria com a *Ciência Viva*, dirigidos, neste caso, para

os mais jovens; eventos científicos para discussão entre pares, como os diversos seminários anuais que foram implementados; ações de contacto com as associações locais, culturais ou desportivas, lares e centros de dia (FIGUEIREDO, et al. 2020); entre outras ações. Entre as atividades destacamos aqui o *Ciclo de Palestras “Conversas sem idade: olhares diversos sobre o património arqueológico no concelho das Caldas da Rainha”*, realizado em 2017 e 2018. O estado de pandemia que o nosso país atravessou impediu-nos de dar continuidade a esta relação mais próxima com a comunidade, tendo-se centrado os nossos trabalhos nas prospeções de campo somente com a participação da equipa do projeto.

Nas diferentes ações, para além da criação de estratégias com objetivos de educação cívica para a salvaguarda do património e sensibilização para o valor deste como fator identitário, cultural e económico numa região, estabelecemos, de forma informal uma relação profícua com os habitantes de algumas freguesias, no sentido de registar lendas, histórias e vestígios que fossem conhecidos pelos próprios.

Observámos na memória local uma fonte de informação extraordinária de tradição oral, permitindo a realização de um livro sobre as lendas (FIGUEIREDO & LOPES 2019), no campo do património imaterial, e outro sobre os moinhos (Figueiredo & Lopes, 1998), no material, os quais, ainda que não estivessem nos objetivos definidos no projeto, considerámos relevante expor ao público.

Depois de efetuada a análise de todos os dados recolhidos, bem como a sua introdução na base de dados do projeto e respetiva exportação para o programa *ArcGis*, foi possível cruzar todas as fontes orais, aéreas, toponímicas, escritas, sugerindo assim áreas de potencial arqueológico, permitindo um bom planeamento das áreas a percorrer durante a prospeção de campo.

Informações orais a reter referente a naufrágios:

Por intermédio das informações orais recolhidas, bem como de dados provenientes de relatórios de trabalhos de índole subaquática foi possível identificar algumas zonas sensíveis:

Nadadouro - Área referida por pescadores como zona onde atracavam muitas embarcações que ali eram abandonadas e acabavam por afundar. Nas prospeções realizadas observaram-se diversos naufrágios, relativamente recentes, estruturas de embarcações tradicionais afundadas e vestígios diversos de ocupação e uso desta zona para fins pesqueiros, desde a Época Pré-histórica.

Naufrágio junto à Serra do Bouro (Foz do Arelho – Serra do Bouro) - Uma natural do Nadadouro, referiu que, quando era jovem, por volta de 1950, se recorda de ter havido um naufrágio de uma pequena embarcação, que teria embatido nas rochas entre a Foz do Arelho e a Serra do Bouro, tendo falecido cinco pessoas. Referiu ainda que sempre conheceu aquela zona como uma área com fortes correntes e de afundamento de diversas embarcações.

Embarcação romana (Foz do Arelho) - Referido por pescadores locais da Foz do Arelho como um sítio onde teria naufragado uma embarcação romana. Pelo que foi possível aferir é uma informação que foi passando oralmente, apontando a sua localização junto a estacas de contenção, na lagoa de Óbidos, relativamente próximo da "Aberta".

Foi possível ainda constatar que a comunidade pesqueira e os habitantes das freguesias costeiras possuem conhecimentos acerca de possíveis vestígios arqueológicos subaquáticos, sendo premente, na próxima fase, desenvolver inquéritos e ações de formação e sensibilização no sentido de promover a consciência dos mesmos quanto à sua relevância e quanto ao interesse de transmissão da informação.

A equipa do projeto CARACARA estará sempre aberta à receção desses dados, essenciais para a preservação da nossa história e património (email de contato: labacps@ipt.pt).

4.3. Prospeção Arqueológica

A metodologia de prospeção e o seu conceito têm vindo a alterar-se à medida em que a própria definição desta tem evoluído na arqueologia (RENFREW & BAHN, 1991; CILIBERTO & SPOTO, 2000; DEMOULE, 2005). Em termos gerais, a prospeção arqueológica é entendida, tradicionalmente, como o processo de identificação de sítios e evidências arqueológicas, sem uso de processo invasivo (escavação). Inicialmente, detinha um valor secundário, constituída como um trabalho prévio de preparação para a escavação. Mas passou, após os anos 80, a ser vista como um fim em si mesmo, perdendo o seu carácter acessório e deixando de ser um mero ponto de partida para assumir um lugar fundamental no reconhecimento para a gestão do património arqueológico de um território (FERDIÈRE, 1998; RENFREW & BAHN, 1991; CILIBERTO & SPOTO, 2000; DEMOULE, 2005). Esta alteração de visão possibilitou uma mudança de estratégia, na medida em que se converteu numa técnica de registo eficaz, reduzindo as intervenções intrusivas e os métodos mais destrutivos ao mínimo essencial (MOZOTA, 1992; DEMOULE, 2005), bem como permitindo um conhecimento da evolução da ocupação e dos locais com maior sensibilidade patrimonial, garantindo uma gestão mais cuidada e sustentável do território e da identidade cultural humana.

Existem vários tipos de prospeção, sendo que aquela que é a mais utilizada no âmbito de uma Carta Arqueológica é a prospeção direta, pois confirma os locais, podendo ser seletiva ou intensiva, dependendo do tempo, recursos e da área a percorrer.

Esta tem como objetivo identificar vestígios e materiais arqueológicos, reconhecendo o contexto dos mesmos, através da observação direta e exaustiva do relevo, da vegetação e dos elementos existentes (FERDIÈRE, 1998).

Contudo, a conjugação de um bom planeamento e análise profunda dos dados com a aplicação de outras técnicas de aproximação do terreno, garante uma prospeção direta mais eficaz. Neste sentido, o estudo arqueológico de uma região passa, em grande medida,

pela conexão de várias ações de pesquisa, levantamento de dados, conjugação de informações e planeamento de intervenções no terreno com base em potencialidades, viabilidades e incidências.

No caso do projeto CARACARA, considerando a vasta área a percorrer, desenvolvemos uma prospeção seletiva com base nos índices obtidos com a pesquisa minuciosa de dados que fomos obtendo e já explanados nos pontos anteriores. Após a recolha das fontes e tendo congregado numa plataforma descritiva e espacial todos os dados registados da região, estabeleceu-se um quadro estratégico para o desenvolvimento dos trabalhos de campo. Este foi orientado pela malha de índices de potencialidades registadas.

Desta forma, o espaço do concelho foi estudado com base nos itens (pontos considerados com viabilidade) assumidos pelo projeto e interpretados através das fontes observadas.

Quanto mais incidências fossem registadas numa freguesia ou área, mais tempo assumíamos em prospeção de terreno. Todas as zonas em que observamos que vários elementos se sobrepunham, como é exemplo os topónimos, a informação oral, as anomalias de satélite, entre outros, mais atenção era dada, por nelas crescer a potencialidade de vestígios arqueológicos a registar.

A viabilidade do trabalho orientou-se, pois, prioritariamente para os espaços abertos e com pouca ou média vegetação, passíveis de uma mais fácil circulação e análise do terreno. Dentro dessas áreas mais propensas ao aparecimento de indícios de ocupação humana, dirigimos os trabalhos para uma prospeção sistemática e intensiva, tendo por base transectos equidistantes.

Todos os espaços privados murados ou zonas de alta vegetação foram contornados, à exceção daqueles para os quais obtínhamos autorização dos proprietários ou aos quais éramos conduzidos pelos mesmos. Algumas destas situações ocorreram aquando da realização dos inquéritos orais, sobretudo à classe sénior que frequentava os lares e centros de dia e que gentilmente se oferecia para nos mostrar os locais que consideravam pertinentes e estavam guardados na sua memória.

Assim, para além dos pontos/áreas sinalizadas para uma prospeção seletiva (proveniente da análise da potencialidade das várias fontes), foi, também, realizada uma prospeção intensiva.

Como o percurso se foi desenvolvendo de forma pedonal, foram criadas ligações entre os topónimos ou áreas de interesse, prospeitando-se também esses locais de passagem.

Alguns dos locais pela vegetação existente, foram percorridos em diferentes épocas do ano, para garantir um reconhecimento mais eficiente dos possíveis vestígios, aproveitando, sempre que possível, as situações da lavra dos terrenos. Esta situação foi mais aplicada para a confirmação dos sítios inscritos na *Direção Geral do Património Cultural* ou zonas inéditas anteriormente observadas.

Durante os trabalhos foram realizadas fichas de registo, que foram, nos relatórios intercalares e final do projeto, remetidas à entidade de tutela para a devida aprovação e inserção na base de dados *Endovélico*.

Parte dessas informações foram vertidas para esta publicação, registando-se os diferentes sítios por freguesias e a interpretação do conjunto dos dados por épocas.

Para além do preenchimento das fichas, quando eram observados materiais arqueológicos os mesmos eram recolhidos, limpos, inventariados, interpretados, fotografados e desenhados, encontrando-se arquivadas no *Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático*, do *Instituto Politécnico de Tomar*, a aguardar autorização pela *Direção Geral do Património Cultural*, para a sua transferência para uma reserva material patrimonial a ser criada pelo *Município de Caldas da Rainha*.

Em situações observadas em que os materiais requeriam estabilização ou conservação, os mesmos sofreram essas intervenções para a sua devida preservação pelo CAAPortugal.





Todos os relatórios foram aprovados pela DGPC e podem ser consultados na instituição.

Os documentos realizados no estudo do concelho foram, em cópia, entregues à *Camara Municipal de Caldas da Rainha* e encontram-se em arquivo científico no *Instituto Politécnico de Tomar*, no *Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático*.

O Sistema de Informação em *GEOPACKAGE* pode ser acedido pela Esri On-line, site do IPT ou consultado no site da *Camara Municipal*.

Os dados ficarão disponíveis no site da DGPC e na base de dados Endovélico.

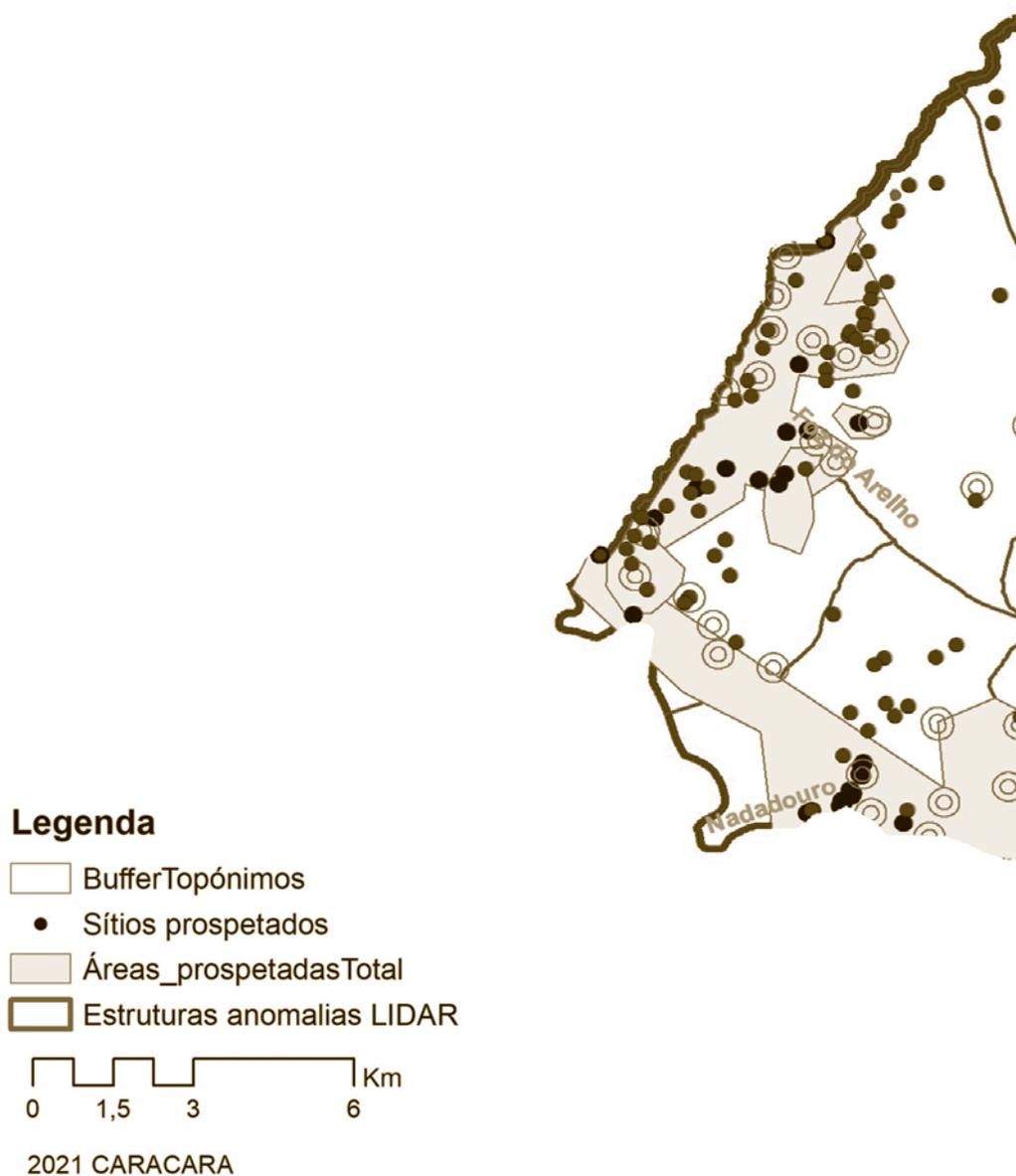
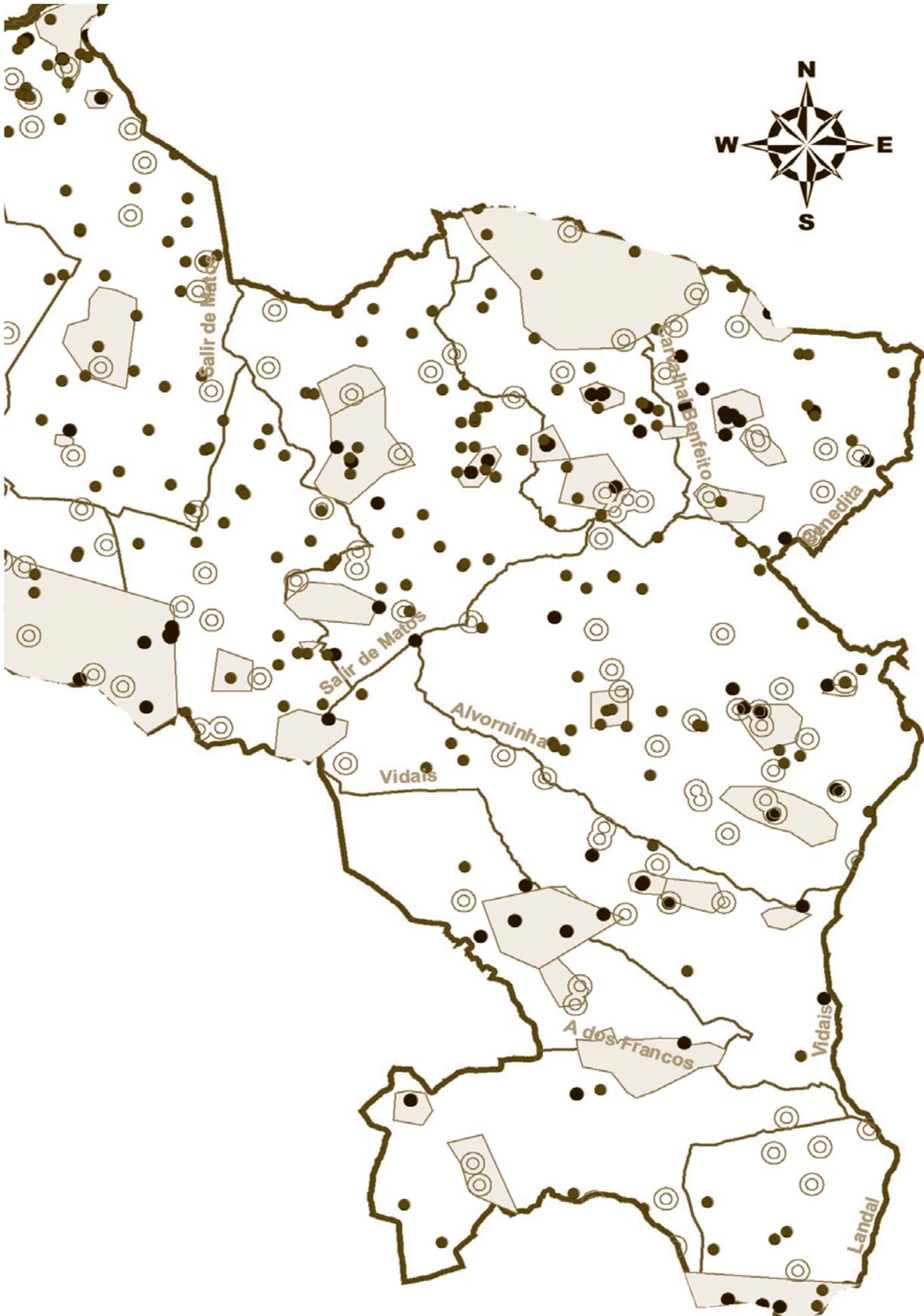


Figura 13
Mapa com a representação das áreas prospectadas de forma intensiva.
Em registo circular observam-se as áreas de topónimos prospectadas em
circunferências de 200 metros.
Os polígonos representam as zonas com registo de outras incidências
como anomalias de satélite e LIDAR e informação oral
Os pontos foram prospectados num raio de 50 metros.





5. Inventário dos sítios arqueológicos

Os diferentes dados levantados pelo projeto deram origem a vários inventários e publicações:

- Inventário do Património Molenar, com a designação *Moinhos das Caldas da Rainha*, publicado em 2018 (FIGUEIREDO e LOPES, 2018), e em 2ª edição por e-book, em 2021 (acesso pelo site do município).
- Inventário das Lendas, integrado no livro *Lendas e Fotografias antigas das Caldas da Rainha*, publicado em 2019 (FIGUEIREDO e LOPES, 2019), e em 2ª edição por e-book, em 2021 (acesso pelo site do município) .
- Recolha e apresentação das fotografias antigas das Caldas da Rainha, integrado no livro *Lendas e Fotografias antigas das Caldas da Rainha*.
- Informação digital de inventário do *Património Religioso e Militar*, 2020 (consultar no site do Município).
- Informação digital toponímica, 2018 (consultar no site do município).

Para além destes livros e plataformas onde se disponibilizou informação sobre o património mais recentemente, foram publicados diversos artigos e folhetos sobre os resultados dos trabalhos e as intervenções no âmbito da Educação Patrimonial realizadas com as escolas, associações, lares e centros de dia.

Explanam-se aqui os sítios arqueológicos (figura 14 a 19), cabendo no período da época moderna/contemporânea somente o registo do Património Subaquático e um ou outro sítio em ruínas.

Alguns apontamentos, do último período cronológico, como o militar e religioso foram explanados na versão digital (plataforma digital do site do município).

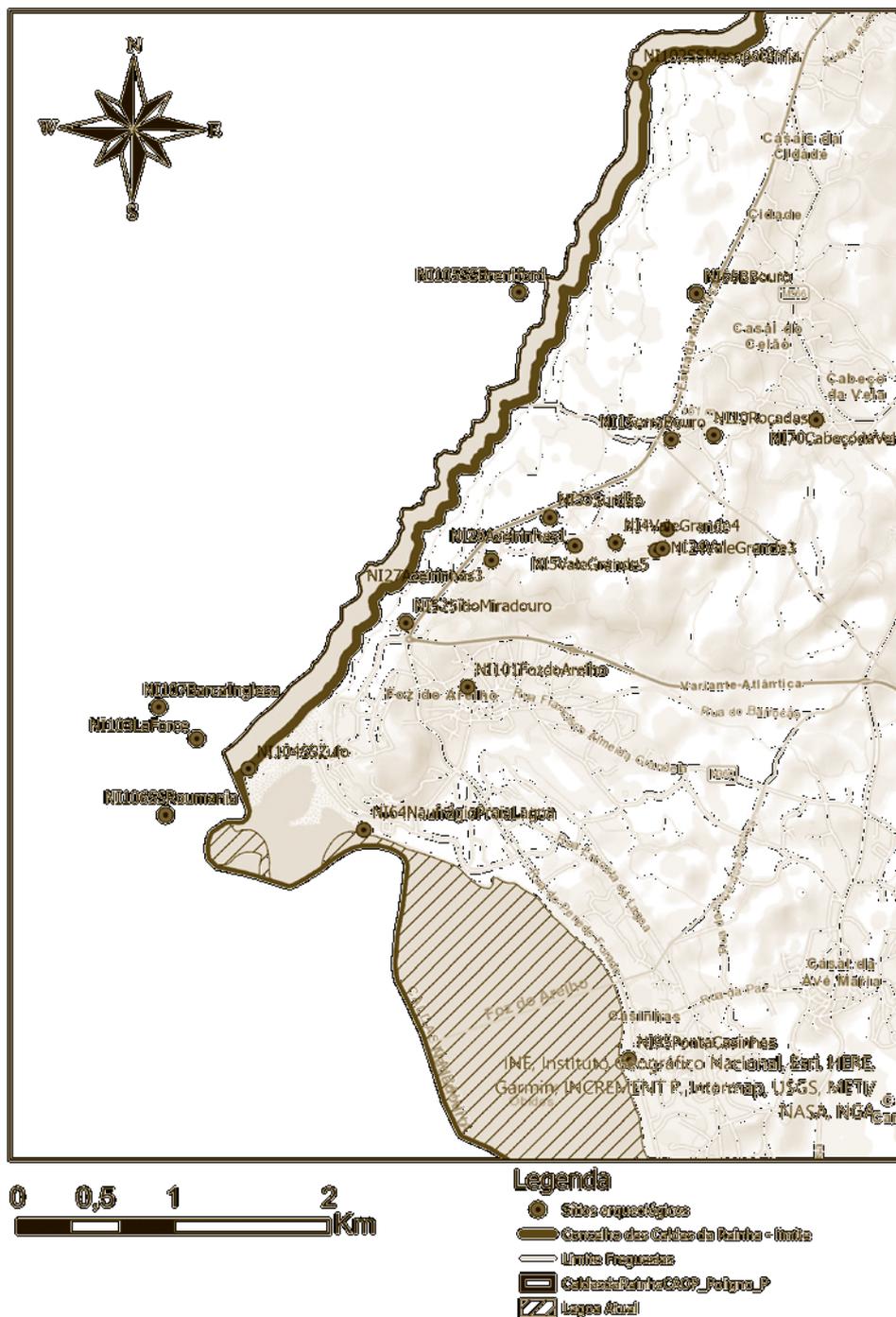


Figura 14
Sítios arqueológicos registados na zona ocidental sul do concelho.

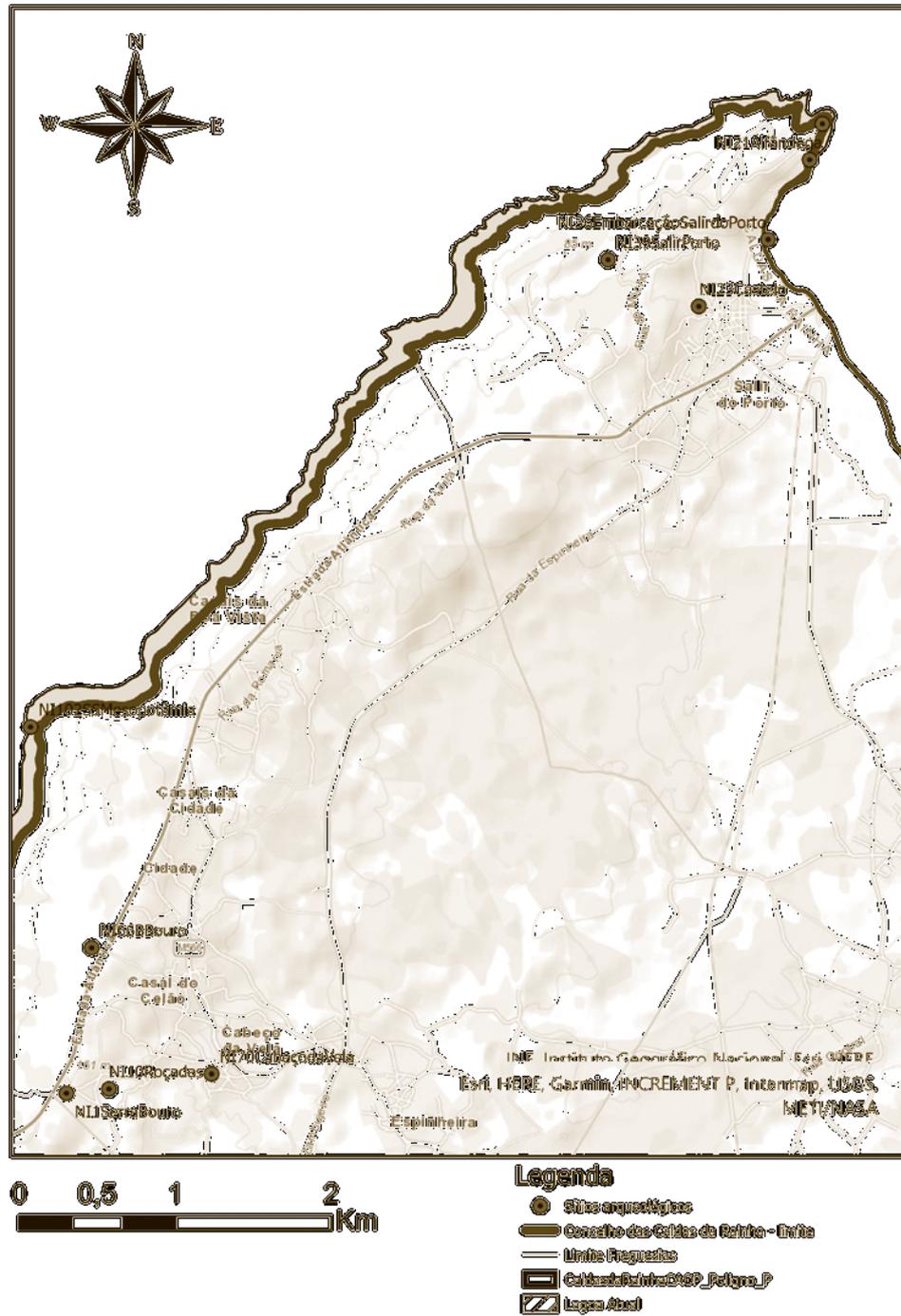
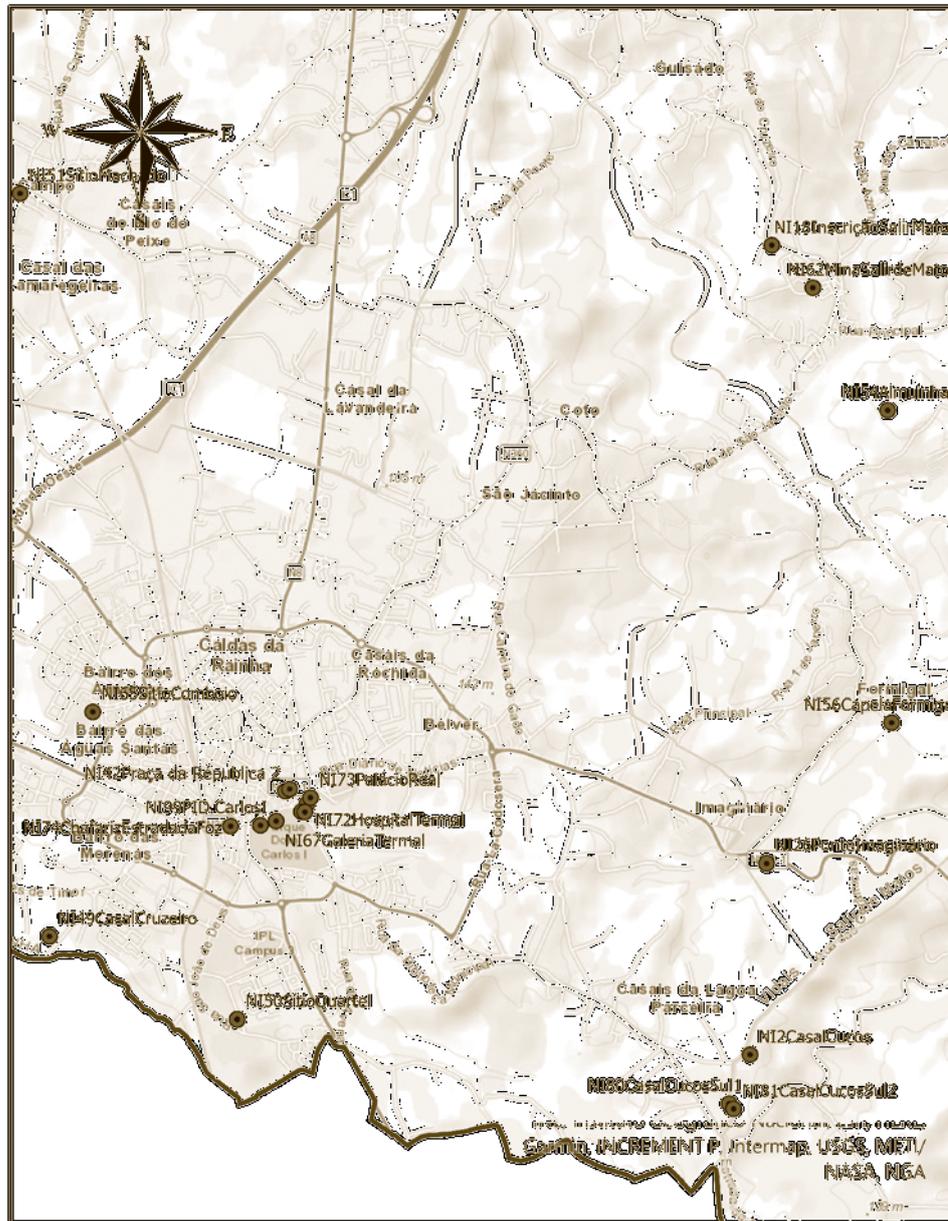


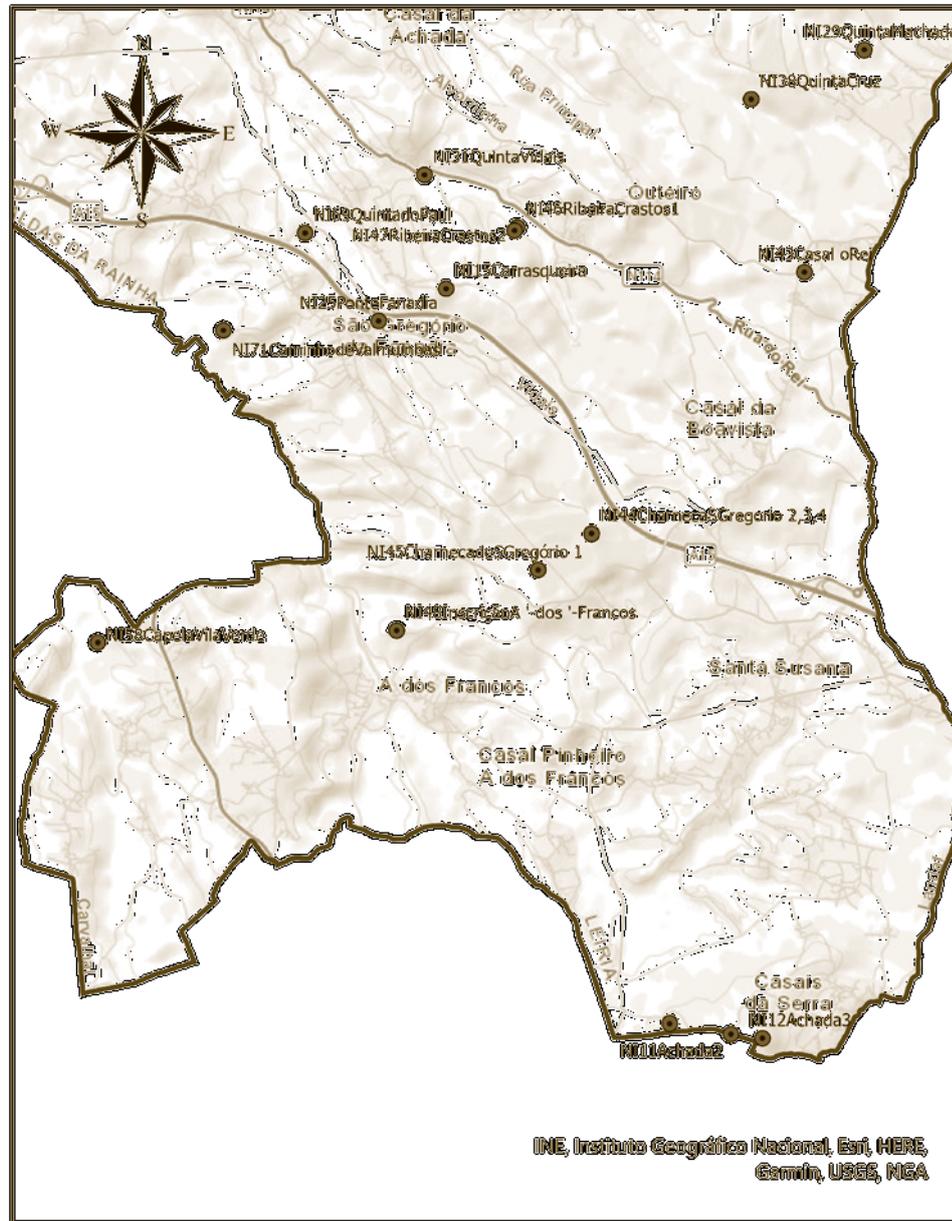
Figura 15
Sítios arqueológicos registados na zona
ocidental norte do concelho.



Legenda

- Sítios arqueológicos
- Concelho das Caldas da Rainha - limite
- Limites Freguesias
- ▭ Caldas da Rainha GRAP_Fregues_P
- ▨ Lagos Azuis

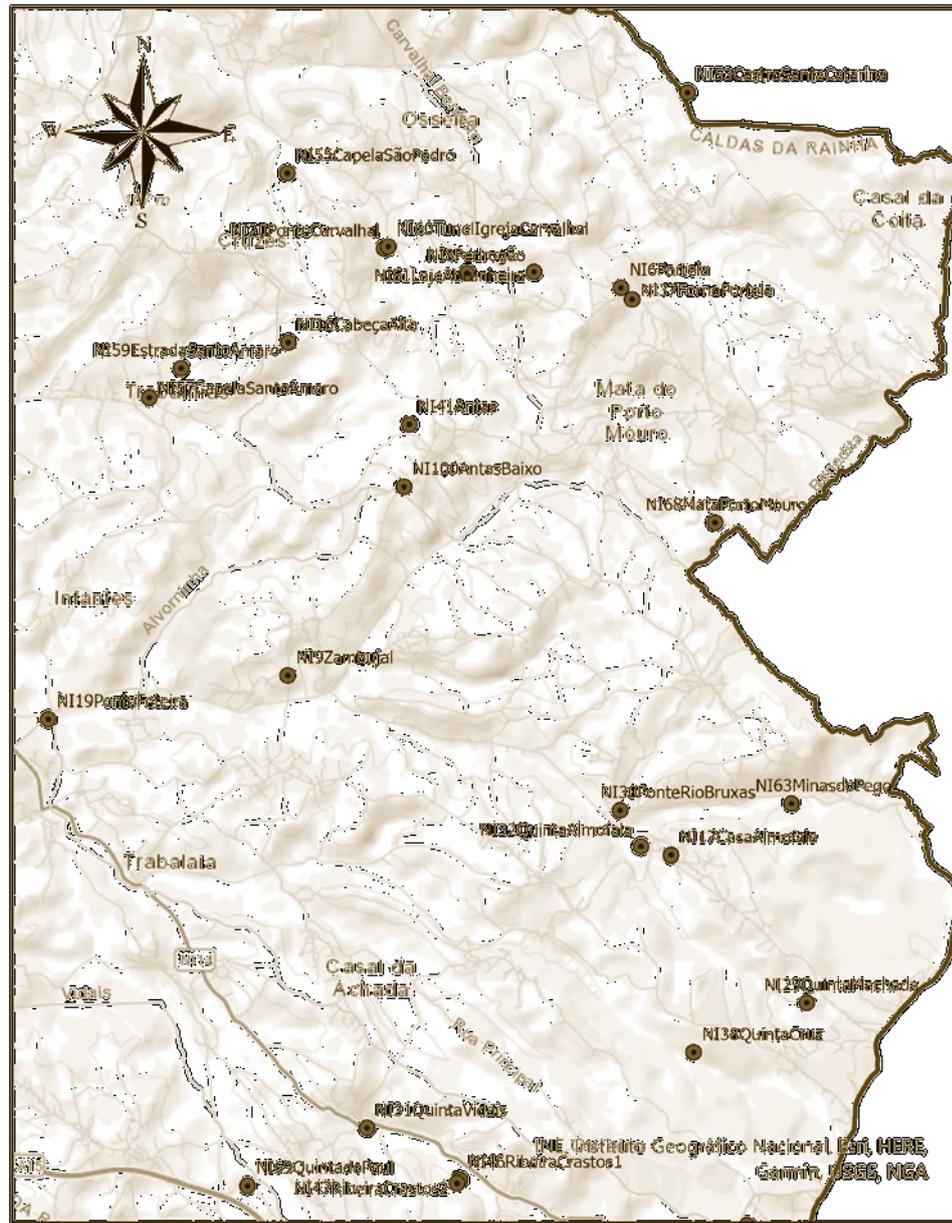
Figura 16
Sítios arqueológicos registados na zona centro - sul do concelho.



Legenda

- Sítios arqueológicos
- Concelho das Caldas da Rainha - limite
- Limite Freguesias
- ▭ Caldas da Rainha CAOP - Polígono P
- ▨ Lagoa Atual

Figura 17
Sítios arqueológicos registados na zona oriental sul do concelho.



Legenda

- Sítios arqueológicos
- Concelho das Caldas da Rainha - limite
- União Freguesias
- ▭ Caldas da Rainha CAOP - Polígono P
- ▨ Lagoa Atual

Figura 19
Sítios arqueológicos registados na zona
oriental norte do concelho.



Imagens: Fotografia da área em que se registam os materiais.
/ Estrada de Acesso / Lasca em quartzito

União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro

Nº de inventário: 1

CNS: 32579

Topónimo: Serra do Bouro

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°27.094'N / 9°12.086'W

Freguesia: U.F. de Santo Onofre e Serra do Bouro.

Lugar: Serra do Bouro

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Área de considerável dimensão com suave declive. Apresenta vegetação rasteira culminando, na zona de menor altitude, em terreno agrícola.

Encontra-se a cerca de 1km da costa marítima em situação privilegiada, com vista para a lagoa de Óbidos e toda a envolvente.

Registou-se o aparecimento de pequenas manchas com considerável quantidade de utensilagem de materiais pré-históricos, nomeadamente seixos quartzíticos lascados.

Acesso: O acesso é feito por estrada de terra batida, cuja entrada é realizada pela Estrada Atlântica no sentido Foz do Arelho - Salir do Porto.

Vestígios: Indústria macrolítica quartzítica.

Local de depósito: IPT

Nº de inventário: 10

CNS: 32580

Topónimo: Roçadas

Período cronológico: Pré-História Antiga / Idade Moderna

Localização geográfica: 39°27.111'N 9°11.896'W

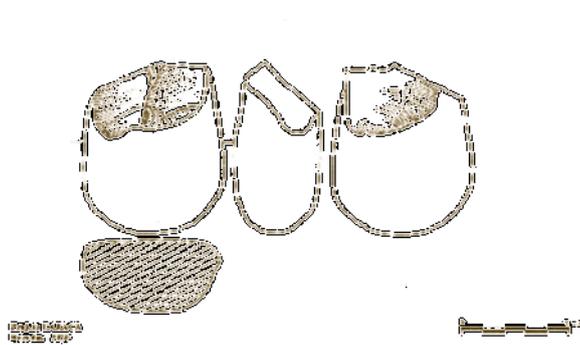
Freguesia: U.F. Santo Onofre e Serra do Bouro

Lugar: Roçadas

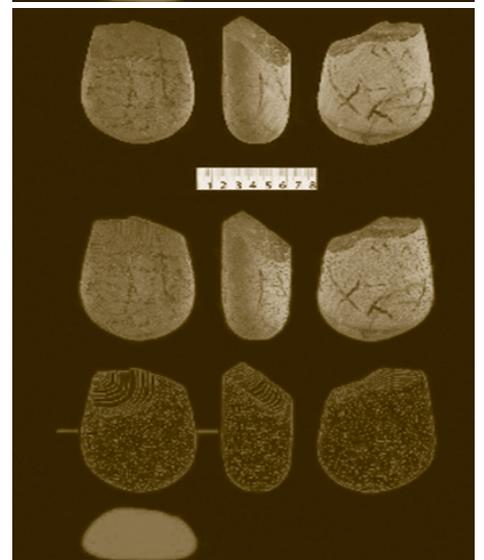
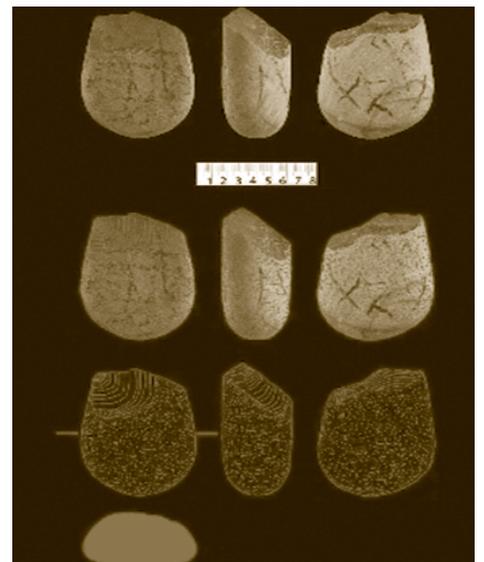
Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Local com posição privilegiada e estratégica para ocupação, implantado em suave declive com situação de controlo sobre toda a região. À superfície registam-se vestígios líticos pré-históricos.

Acesso: O acesso é feito pela Rua Principal do Zambujal à esquerda no sentido sul/norte.



Desenho nº R-nº2



Imagens: Fotografia da área em que se registam os materiais. /Núcleo R-nº3/Núcleo R-nº2

Nº de inventário	Descrição	Tipo Material	Cronologia Relativa
R-nº1	Núcleo em quartzito com pelo menos 3 levantamentos	Lítico	Pré-história
R-nº2	Núcleo em quartzito com pelo menos 4 levantamentos, sem traços de uso assinaláveis. Apresenta patine.	Lítico	Pré-história
R-nº3	Núcleo em quartzito com pelo menos 8 levantamentos, sem traços de uso assinaláveis. Apresenta patine	Lítico	Pré-história

Local de depósito: IPT

Nº de inventário: 66

CNS: Inédito

Topónimo: Sítio do Bouro

Período cronológico: Pré-História Antiga

Localização geográfica: 39° 27.605'N 9° 11.981'W

Freguesia: UF Santo Onofre e Serra do Bouro

Lugar: Estrada Atlântica

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Referenciado oralmente por Amélia Monteiro, o que desde já agradecemos, nele tendo encontrado um seixo lascado com traços de uso.

Na deslocação ao local foi possível aferir a existência de grande quantidade de seixos, alguns deles talhados, configurando-o como um sítio com ocupação pré-histórica.

O local encontra-se implantado numa estrada de terra batida que liga a Estrada Atlântica aos terrenos agrícolas junto ao mar.

Acesso: Na Estrada Atlântica S-N, por caminho de terra batida do lado esquerdo até ao mar.

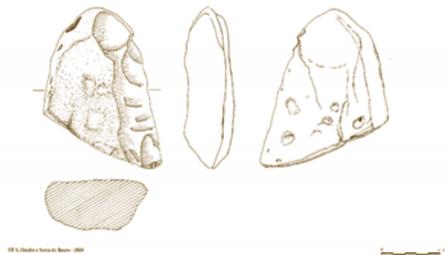
Vestígios: Além do lítico que foi encontrado por Amélia Monteiro, registámos ainda o aparecimento de 6 artefactos muito rolados, alguns deles com traços de uso.

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografia da área em que se registam os materiais. Exemplo de núcleos registados

Nº de inventário	Descrição	Tipo de Material	Cronologia Relativa
SB -nº1	Pico em quartzito, parcialmente cortical, com desgaste na ponta. Apresenta uma certa eolização e patine nas zonas de levantamento, sobretudo registado no bordo esquerdo onde se verificam traços de uso e alguns levantamentos de afeiçoamento do gume.	Lítico	Pré-história
SB -nº2	Núcleo com lateral esquerda cortical, em quartzito, com pelo menos 11 levantamentos. Apresenta-se com bastante patine.	Lítico	Pré-história
SB -nº3	Núcleo com 25% de cortex, em quartzito, com pelo menos 11 levantamentos. Secção triangular. Apresenta possíveis traços de uso na zona da carena e patine.	Lítico	Pré-história
SB -nº4	Núcleo com 50% de cortex, em quartzito, com pelo menos 9 levantamentos. Apresenta-se muito patinado e alguns bordos registam tentativas de levantamentos.	Lítico	Pré-história
SB -nº5	Núcleo com 50% de cortex, em quartzito, com 6 levantamentos.	Lítico	Pré-história
SB -nº6	Núcleo com 50% de cortex, em quartzito, com 5 levantamentos. Bastante patinado.	Lítico	Pré-história



Desenho de SB-nº1

Nº de inventário: 70

CNS: Inédito

Topónimo: Cabeço da Vela

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39° 27.168'N 9° 11.439'W

Freguesia: U.F. Santo Onofre e Serra do Bouro

Lugar: Cabeça Velha

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: A equipa do Projeto teve conhecimento da existência de uma goiva, encontrada no lugar do Cabeço da Vela por Álvaro Baltasar, habitante da Serra do Bouro.

Foi possível visualizar o material arqueológico, encontrando-se, neste momento à guarda do projeto.

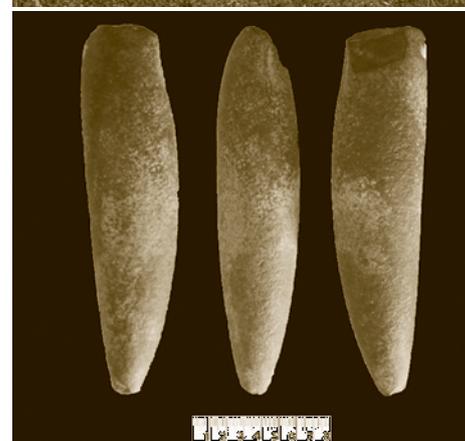
Com o intuito de conhecermos a sua proveniência deslocámo-nos ao local com o auxílio do informante. O sítio corresponde a uma casa em ruínas construída em alvenaria de pedra. Nas imediações, em cabeço elevado, foi possível detetar alguma quantidade de seixos bastante erodidos e rolados, alguns com possíveis marcas de talhe. O local tem muita vegetação, dificultando a prospeção. Não foi registado material cerâmico.

Acesso: Na localidade do Cabeço da Vela, na Serra do Bouro, no topo do caminho.

Vestígios: Goiva em anfíbolito

Local de depósito: IPT

Imagens: Fotografia da área em que se registam os materiais.
/ Goiva polida





Imagens: Fotografia da área e estruturas

União de Freguesias de Tornada e Salir do Porto

Nº de inventário: 21

CNS: Inédito

Topónimo: Alfândega

Período cronológico: Medieval/Moderno

Localização geográfica: 39°30.395'N 9°08.814'W

Freguesia: U.F. Tornada e Salir do Porto

Lugar: Salir do Porto

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: A alfândega terá sido mandada construir para dar resposta ao elevado tráfego de mercadorias que existia no Porto de Alfeizerão. Toda esta zona foi muito importante durante os Descobrimentos. Aqui, refere-se que terão sido construídas algumas naus da armada portuguesa. Entre elas refere-se a Nau de São Gabriel, da armada de Vasco da Gama. A partir do século XVII Salir do Porto foi perdendo importância, principalmente devido ao assoreamento da Lagoa de Alfeizerão, pelo que a Alfândega se foi deteriorando, estando atualmente em total ruína, e parcialmente submersa. A estrutura é em pedra, com aparelho regular de cal, areia e telha. São perceptíveis algumas reconstruções e acrescentos à estrutura original. Próximo à alfândega existe o lugar da Pocinha, um sítio de emergência de água doce, bastante conhecido pela população, referindo-se à possibilidade de características termais, por ser rica em minerais.

Acesso: Localiza-se junto à duna de Salir do Porto, em São Martinho, que, segundo o registo, será uma das maiores, se não a maior da Europa, formada há 100 mil anos. Nas areias é ainda observada a presença de arenito vermelho, uma formação ainda mais antiga de outra anterior duna. No sopé da grande duna de Salir do Porto segue-se em direção à barra de São Martinho do Porto.

Vestígios: Estruturas em ruínas

Ameaças: Dinâmica marítima, devido à transgressão contínua das águas.



Imagens: Fotografia da área e estruturas

Nº de inventário: 22

CNS: Inédito

Topónimo: Capela de Nossa Senhora de Santana ou Santa Ana

Período cronológico: Medieval

Localização geográfica: 39°30.525'N 9°08.751'W

Freguesia: U.F. Tornada e Salir do Porto

Lugar: Salir do Porto

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: Terá sido construída durante o século XII. Seria local de culto onde se efetuavam celebrações religiosas associadas à navegação. Pela sua localização seria usada para ver a largada das embarcações e realização de rituais associados.

De planta longitudinal, a capela seria composta por uma nave única com capela-mor e sacristia.

As paredes compreendem vestígios de aparelho irregular, com algumas marcas de moluscos fossilizados e de telhas encastradas. Há também um arco triunfal pleno encimado por Gablete.

De acordo com o desenho do mapa de S. Martinho de 1634, anexo à Capela poderiam existir outras estruturas, pelo que toda a zona é suscetível de potencial arqueológico.

Acesso: Pelo promontório de Salir do Porto, na entrada Sul de São Martinho do Porto. O acesso faz-se por estrada de terra batida até ao limite da arriba, onde se localiza a capela.

Vestígios: Estruturas em ruína.

Nº de inventário: 23

CNS: Inédito

Topónimo: Castelo

Período cronológico: Medieval

Localização geográfica: 39°29.877'N 9°09.302'W

Freguesia: U.F. Tornada e Salir do Porto

Lugar: Salir do Porto

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: Não se encontram quaisquer registos bibliográficos fidedignos acerca deste elemento patrimonial. Contudo, os registos orais e alguns documentos referem que ali teria estado uma fortificação e teria sido uma zona de força, para julgamento de criminosos. Pela situação em que se encontra, no topo de um monte e com vista privilegiada a 360 graus, pelas características da própria construção, poderia ter sido uma pequena Atalaia, um posto de vigilância. Este elemento ter-se-á degradado ao longo dos séculos, atualmente apenas restando alguns vestígios da estrutura.

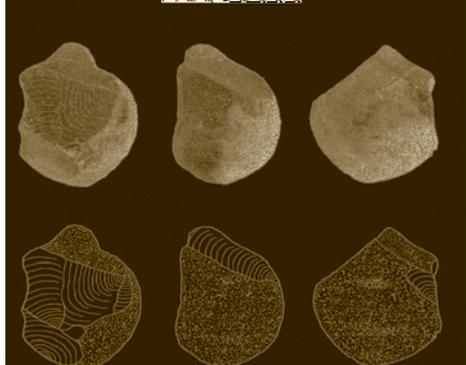
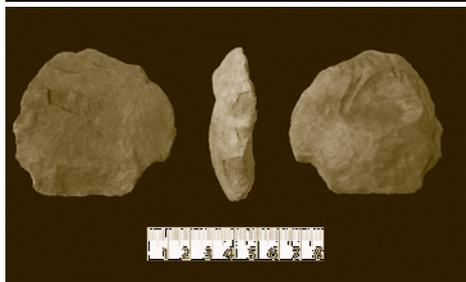
Quanto à estrutura, é constituída por torreão principal de suporte de muralha com pedra regularizada nas arestas da face e com modilhão de regularização no interior. Apresenta aparelho de cal e areia.

Acesso: Subindo a escadaria do Miradouro de Salir do Porto.

Vestígios: Estrutura em ruínas.



Imagens: Fotografia da área e estruturas



Nº de inventário: 49

CNS: Inédito

Topónimo: Sítio Casal do Cruzeiro

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39° 23.749'N 9° 9.000'W

Freguesia: U.F. Santo Onofre e Serra do Bouro

Lugar: Casal do Cruzeiro

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Local implantado em suave declive, junto a eucaliptal.

O informante (António Miranda), residente na Salgueirinha, contactou a equipa do projeto pois encontrou nesse local uma grande quantidade de líticos, entre eles um raspador em sílex e um possível machado.

A equipa deslocou-se ao local, tendo conseguido detetar alguns materiais líticos que, contudo, se encontram bastante rolados. O sítio foi revolido há pouco tempo, pelo que existe uma quantidade elevada de materiais de entulho recente.

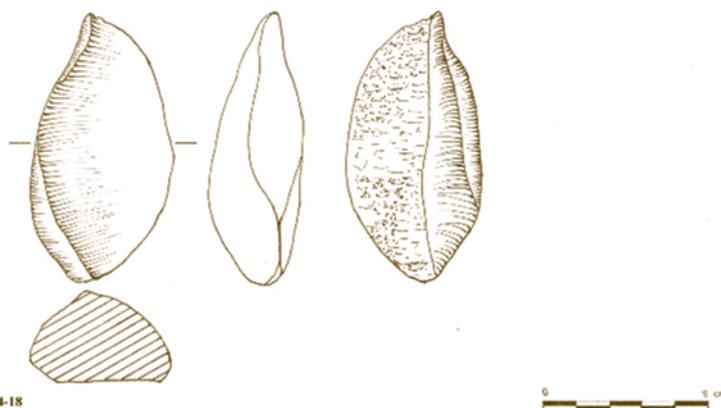
Segundo o informante alguns dos materiais terão sido encontrados à superfície e outros em corte feito pelo próprio caminho, junto ao início da vegetação.

Acesso: O acesso é realizado por estrada de terra batida com entrada pela R. da Salgueirinha, perto do cruzamento com a R. da Barreira Vermelha.

Vestígios: Utensilagem em sílex, quartzito e cerâmica.

Local de depósito: Habitação de António Miranda (Salgueirinha) e IPT.

Imagens: Fotografia da área e alguns materiais registados



Projeto CARACA
Sítio do Cruzeiro – 04-04-18

Desenho SC-nº2

Nº de inventário	Descrição	Tipo de material	Cronologia
SC - Nº1	Lasca em quartzito, com talão retocado. Apresenta traços de uso nos bordos no anverso da peça e zona distal.	Lítico	Pré-história
SC - Nº2	Núcleo em quartzito com 3 levantamentos. Sem traços de uso	Lítico	Pré-história
SC - Nº3	Lasca em quartzito, com talão plano. Apresenta traços de uso no bordo esquerdo.	Lítico	Pré-história
SC - Nº4	Lasca em quartzito, com talão, com retoques curtos e descontínuos nos bordos. Apresenta um retoque longo na zona distal do objeto. Encontra-se com patine.	Lítico	Pré-história
SC - Nº5	Lasca em quartzito, com talão plano e bolbo médio. Possui desgaste nos bordos.	Lítico	Pré-história
SC - Nº6	Núcleo em quartzito cortical, com 5 levantamentos realizados todos paralelos à peça ,no sentido de tirar lascas alongadas.	Lítico	Pré-história
SC - Nº7	Fragmento de cerâmica, de tonalidade escura, com 15mm de espessura.	Cerâmico	Pré-história



Imagens: Fotografia da área

Nº de inventário: 65

CNS: Inédito

Topónimo: Sítio do Comboio

Período cronológico: Indeterminado

Localização geográfica: 39° 29.495'N 9° 8.828'W

Freguesia: U.F. Tornada e Salir do Porto

Lugar: Salir do Porto

Tipo de sítio: Achado Isolado

Descrição: Corresponde a um local referenciado por Amélia Monteiro que, em tempos, terá ali achado um machado em pedra. Por materiais de construção recentes que foi possível detetar, o sítio terá sido alvo de grandes alterações, nomeadamente de movimentação de terras.

Não foi possível observar quaisquer vestígios arqueológicos, nem aceder ao artefacto mencionado.

Ainda assim, o sítio foi referenciado para eventuais intervenções que no futuro tenham lugar.

Acesso: Junto à estrada que liga Salir do Porto ao Chão da Parada, próximo do apeadeiro de Salir do Porto.

Nº de inventário: 36

CNS: 33496

Topónimo: Embarcação de Salir do Porto

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°30.114'N 9°08.996'W

Freguesia: U.F. Tornada e Salir do Porto/Alcobaça

Lugar: Salir do Porto

Tipo de sítio: Naufrágio

Descrição: Trata-se de uma embarcação em madeira, possivelmente abandonada, tendo a sua estrutura colapsado. Apenas uma parte se encontrava visível, estando a quilha assoreada em cerca de 40 cm. Os trabalhos desenvolvidos pelos CNANS-DGPC (processo 2011/026) referem que seria de média dimensão, com, pelo menos, 4m de largura por 10m de comprimento, sendo assegurada por cavilhas de ferro.

De momento, não se encontra visível.

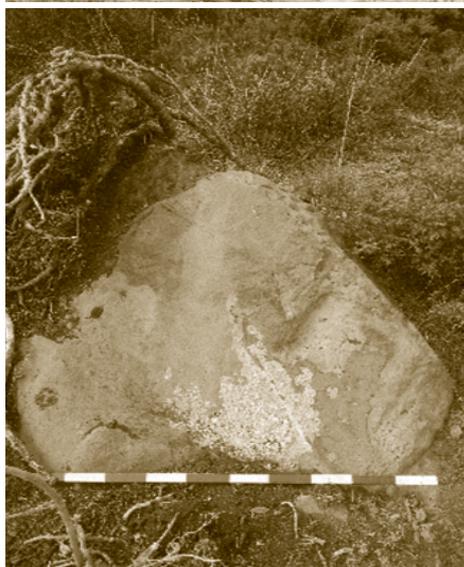
As coordenadas da localização considerada apontam-na no limite do concelho de Alcobaça com a U.F. Tornada e Salir do Porto, do concelho de Caldas da Rainha. Atendendo à possível dispersão de vestígios e proximidade da linha do limite concelho, optámos por integrá-la.

Acesso: Pelo passadiço de madeira que liga Salir do Porto a São Martinho do Porto.

Bibliografia: O achado foi verificado e confirmado pelo CNANS, com responsabilidade de Adolfo Miguel Martins e Miguel João Aleluia.



Imagens: Fotografias da estrutura aquando dos trabalhos da DGPC



Imagens: Fotografia da área, estruturas e alguns materiais

Foz do Arelho

Nº de inventário: 4

CNS: Inédito

Topónimo: Vale Grande 4

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°26.730'N 9°12.330'W

Freguesia: Foz do Arelho

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Foi efetuada a prospeção de um local com materiais líticos com alguma dispersão.

Foram detetados seixos muito rolados e um fragmento de cerâmica pré-histórica.

Nas imediações encontrámos também uma pedra isolada com alguns seixos rolados associados, que poderia fazer parte de uma possível estrutura megalítica. Contudo, esta pedra não se encontra "in situ".

Designámos o local "Vale Grande 4" por se encontrar próximo de Vale Grande 3, sítio referido na DGPC com o número CNS: 32585.

Acesso: Por via – Estrada Atlântica Foz do Arelho-Salir do Porto.

Vestígios: Núcleos e lascas em quartzito e 1 fragmento cerâmico.



Desenho de fragmento de bordo VG4-nº3

Nº de inventário	Descrição	Tipo de material	Cronologia
VG4-nº1	Lasca em quartzito bastante eolizada, parcialmente cortical. Não se verificam traços de uso devido ao estado da peça	Lítico	Pré-história
VG4-nº2	Núcleo em quartzito, eolizado, com fratura recente natural. Apresenta dois levantamentos antigos.	Lítico	Pré-história
VG4-nº3	Fragmento manual de bordo cerâmico de tipo espessado, com desengordurante arenoso e granulometria de 0,5 a 1mm. O tratamento é relativamente grosseiro.	Cerâmica	Pré-história



Imagens: Fotografia da área,
e estruturas

Nº de inventário: 5

CNS: Inédito

Topónimo: Vale Grande 5

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°26.704'N 9°12.148'W

Freguesia: Foz do Arelho

Lugar: Vale Grande

Tipo de sítio: Estrutura ?

Descrição: Concentração de pedras junto ao sítio do Vale Grande 3.

Possível monumento megalítico. Sem material à superfície associado.

Implantado em zona de areia, sem afloramento visível.

As pedras são blocos calcários isolados.

Local com boa visibilidade para Norte, Este e Sul, à exceção da zona Oeste.

Acesso: Por via – Estrada Atlântica Foz do Arelho-Salir do Porto.

Nº de inventário: 14

CNS: 325883

Topónimo: Vale Grande 2

Período cronológico: Pré-História (Neolítico)

Localização geográfica: 39°26.779'N 9°12.100'W

Freguesia: Foz do Arelho

Lugar: Vale Grande

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Zona com grande dimensão e com baixa vegetação.

Registou-se o aparecimento de seixos talhados, um possível percutor, uma lasca em sílex de cor escura, lascas e núcleos em quartzito e um possível movente, fazendo corresponder à cronologia patente na Base de Dados Endovélico (DGPC), aquando do trabalho de prospeção no âmbito da EIA-Rainha Golf Country Club – Foz do Arelho, processo nº 2007/1(083).

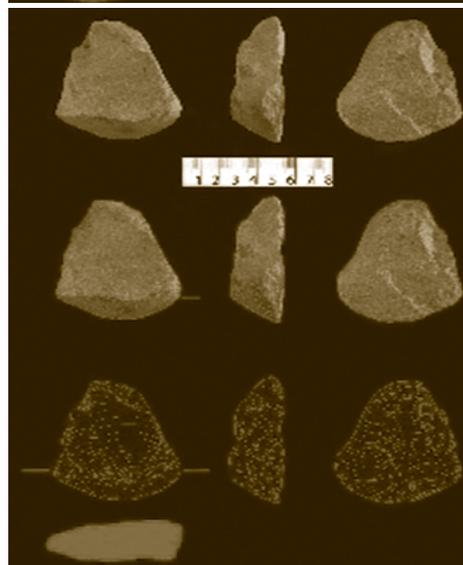
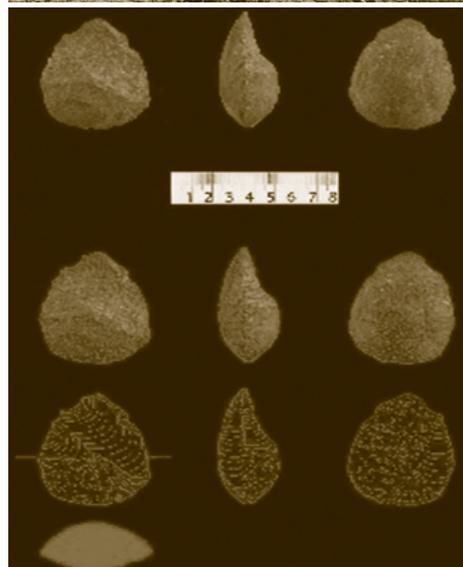
Local de grande potencial e com grande visibilidade para Este. Sítio implantado numa planície com suave inclinação.

A Sul, o terreno encontra-se dividido por um muro em pedra de calcário.

Vestígios: Artefactos líticos talhados e polidos, cerâmica sem decoração.

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (ALBERGARIA, J. 2007).



Imagens: Fotografia da área e alguns materiais

Nº de inventário	Descrição	Tipo de material	Cronologia
VG2- nº1	Percutor em quartzo de seção circular e contorno alongado. Apresenta traços de usos em ambas as extremidades. Fraturado numa das extremidades provavelmente devido ao uso de percussão evidente. Aparenta ter sido usado quer em ações de percussão vertical, quer de percussão perpendicular ao objeto.	Lítico	Pré-história
VG2- nº2	Lasca em quartzito, parcialmente cortical. Apresenta talão plano e bolbo médio. Regista traços de uso e pequenos levantamentos de afeiçoamento de gume na zona distal. O gume na zona distal é reto.	Lítico	Pré-história
VG2- nº3	Núcleo em quartzito, parcialmente cortical com 4 levantamentos.	Lítico	Pré-história
VG2- nº4	Lasca cortical em quartzito, com bolbo grande e relativamente apontada. Apresenta alguns retoques e traços de uso nos bordos.	Lítico	Pré-história
VG2- nº5	Núcleo em quartzito, parcialmente cortical com pelo menos 4 levantamentos.	Lítico	Pré-história
VG2- nº6	Seixo em quartzito aparentemente com traços de percussão numa das faces. Bastante eolizado.	Lítico	Pré-história

Nº de inventário: 24

CNS: 32585

Topónimo: Vale Grande 3

Período cronológico: Medieval/Moderno

Localização geográfica: 39°29.877'N 9°09.302'W

Freguesia: Foz do Arelho

Lugar: Vale Grande

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Local implantado em área com baixa vegetação, junto a eucaliptal, em terreno agrícola. Registou-se o aparecimento de materiais cerâmicos a torno, sem decoração, de cronologia medieval / moderno.

Vestígios: Cerâmica de uso doméstico.

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografia da área e material

Nº Inventário	Descrição	Material	Cronologia
VG3- nº1	Fragmento de cerâmica, tom claro, sem traços de roda de oleiro.	Cerâmica	Medieval/Moderna



Imagens: Fotografia da área e estruturas.

Nº de inventário: 27

CNS: 14346

Topónimo: Azeirinhas 3

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39°26.663'N 9°12.884'W

Freguesia: Foz do Arelho

Lugar: Azeirinhas

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Área com pinheiros recentemente cortados, tendo sido observados à superfície vestígios de cerâmicas da época moderna.

A zona de implantação encontra-se parcialmente coberta por vegetação dunar.

Local de depósito: IPT

Nº de inventário: 28

CNS: 32587

Topónimo: Azeirinhas 1

Período cronológico: Época Medieval/ Moderna

Localização geográfica: 39°26.717'N 9°12.511'W

Freguesia: Foz do Arelho

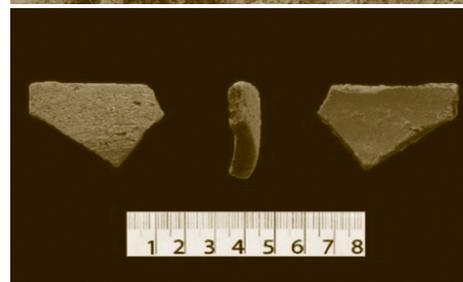
Lugar: Azeirinhas

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Zona aplanada com pequeno declive ocupando área de grande dimensão com ocorrências dispersas de fragmentos de cerâmica a torno, sem decoração, de época medieval/moderna.

Vestígios: Cerâmica

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografia da área e alguns materiais

Nº Inventário	Descrição	Material	Cronologia
A - nº1	Fragmento cerâmico, de corpo, tom bege a alaranjado	Cerâmica	Medieval/Moderna
A - nº2	Fragmento cerâmico, de corpo, tom bege a alaranjado	Cerâmica	Medieval/Moderna
A - nº3	Fragmento cerâmico, de corpo, tom bege a alaranjado	Cerâmica	Medieval/Moderna
A - nº4	Fragmento cerâmico, de corpo, tom bege a alaranjado	Cerâmica	Medieval/Moderna



Imagens: Fotografia da área, estruturas e alguns materiais

Nº de inventário: 33

CNS: 32584

Topónimo: Surdão 1

Período cronológico: Época Moderna/Contemporânea

Localização geográfica: 39°26.815'N 9°12.624'W

Freguesia: Foz do Arelho

Lugar: Surdão

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Sítio implantado numa clareira entre pinheiros mansos em zona com vegetação dunar. Detetou-se pequena mancha de entulho com cerâmica comum e material de construção recente.

O sítio já tinha sido identificado em trabalhos anteriores, processo 2007/1(083), no âmbito de trabalhos de minimização para a EIA – *Rainha Golf Country Club – Foz do Arelho*, tendo sido registada a presença de cerâmicas de construção da época moderna, destacando-se um fragmento de testo de cerâmica comum, escória e material vítreo.

Em visita ao local verificamos essencialmente material de época contemporânea.

Acesso: Por estrada de terra batida com entrada pela Av. Eng. Paiva de Sousa.

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (ALBERGARIA, J. 2007).

Nº de inventário: 52

CNS: Inédito

Topónimo: Sítio do Miradouro

Período cronológico: Pré-história

Localização geográfica: 39° 26.439'N 9° 13.263'W

Freguesia: Foz do Arelho

Lugar: Foz do Arelho

Tipo de sítio: Achado isolado

Descrição: O local foi referenciado por informação oral.

Localiza-se na freguesia da Foz do Arelho, junto à falésia a norte.

Esse trilho é paralelo ao mar e a sua envolvente é composta por cortes espessos que apresentam bastante dinâmica, carecendo de uma análise arqueológica e geológica mais aprofundada.

Toda a zona encontra-se coberta por areia consolidada e por vegetação dunar.

No local foi possível registar o aparecimento de duas lascas em quartzito.

Acesso: O acesso é efetuado por trilho junto ao Miradouro que se encontra próximo à rotunda da antiga discoteca "Green Hill".

Vestígios: 2 lascas

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografia da área e alguns materiais



Imagens: Fotografia da anomalia registada e das prospeções realizadas

Nº de inventário: 64

CNS: Inédito

Topónimo: Praia da Lagoa

Período cronológico: Indeterminado

Localização geográfica: 39° 25.713'N 9° 13.440'W

Freguesia: Foz do Arelho

Tipo de sítio: Naufrágio?

Descrição: O sítio NI64 corresponde a uma possível embarcação afundada, na costa da praia da lagoa de Óbidos, de cronologia indeterminada.

Este registo não foi confirmado devido ao alto assoreamento registado nestes últimos anos. Trata-se de uma anomalia identificada por sistemas de deteção remota e, também, visível através do *Google Earth*. Chama-se, no entanto, a atenção para o sítio em questão, pois deverá ser considerada em impactos que possam afetar o subsolo marinho nesta zona.

Por análise efetuada no *Google Earth*, só foi possível visualizar a suposta estrutura em Junho de 2016.

Acesso: Na Foz do Arelho, pela Praia da Lagoa.

Nº de inventário: 101

CNS: 10522

Topónimo: Foz do Arelho

Período cronológico: Paleolítico inferior

Localização geográfica: 39° 26.218'N 9° 12.984'W

Freguesia: Foz do Arelho

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Sítio arqueológico descoberto na década de 40 por George Zbyszewski e Raznier Flaes, que aí encontraram alguns materiais líticos que estudou e sobre os quais publicaram em 1946.

Acesso: O local encontra-se atualmente em plena vila da Foz do Arelho, na Rua chamada Beco dos Arneiros.

Bibliografia: (FLAES & ZBYZEWSKI, 1946)



Imagem: Fotografia da localização



Santa Catarina

Nº de inventário: 6

CNS: Inédito

Topónimo: Portela

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°26.425'N 9°01.266'W

Freguesia: Santa Catarina

Tipo de sítio: Possível monumento megalítico?

Descrição: Identificou-se uma laje de considerável dimensão, que poderá corresponder a monumento megalítico, associada a outros blocos e rochas de menores dimensões. Em redor não se regista afloramentos ou outros vestígios semelhantes.

Acesso: Chegando à Portela pela N360 em direção a Santa Catarina, virando à esquerda pela estrada na rua Principal e, no primeiro cruzamento, à direita por um caminho de terra batida sem saída, chega-se à propriedade onde se encontra o sítio.



Imagens: Fotografia da área e dos elementos rochosos



Imagens: Fotografia da área
e estruturas

Nº de inventário: 7

CNS: Inédito

Topónimo: Arneiro

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°28.552'N 9°03.784'W

Freguesia: Santa Catarina

Lugar: Arneiro

Tipo de sítio: Arte rupestre (covichas).

Descrição: Registou-se o aparecimento de pedras de grande dimensão que foram removidas do subsolo há cerca de 60 anos, segundo uma moradora local.

As mesmas foram colocadas em amontoado durante a limpeza do terreno.

Algumas apresentam aparentes "covichas".

Acesso: No lugar do Peso, por terreno agrícola.

Nº de inventário: 8

CNS: Inédito

Topónimo: Pedrógão

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°26.493'N 9°02.283'W

Freguesia: Santa Catarina

Lugar: Pedrógão

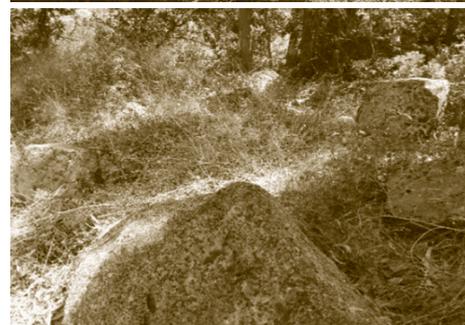
Tipo de sítio: Monumento megalítico?

Descrição: Corresponde a um possível monumento megalítico. Localiza-se em zona alta, com bom controlo visual, sobranceira ao Carvalho Benfeito.

Detetou-se uma laje de grande dimensão, no entanto, sem que tenha sido possível confirmar a tipologia do sítio, devido à alta e densa vegetação. Também não se reconheceram vestígios materiais.

O topónimo da zona é Pedrógão, referindo-se à presença de pedras. Na zona circundante não existem outras estruturas semelhantes.

Acesso: Pela estrada que passa atrás da igreja matriz para o lugar de Pedrógão.



Imagens: Fotografia da área e de alguns materiais



Imagens: Fotografia da área e estruturas

Nº de inventário: 37

CNS: Inédito

Topónimo: Forno da Portela

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°26.365'N 9°01.191'W

Freguesia: Santa Catarina

Lugar: Portela

Tipo de sítio: Estrutura patrimonial

Descrição: Terá sido um grande forno de cerâmica, estrutura de carácter industrial, encontrando-se neste momento em ruínas. Registam-se algumas estruturas de alicerces.

Foi integrado neste inventário pela sua relevância para a população como bem patrimonial industrial e etnográfico.

Acesso: Pela N360, perto do cruzamento com a Rua Principal de Moinhos da Portela.

Nº de inventário: 53

CNS: 4215

Topónimo: Castelo/Castro de Santa Catarina

Período cronológico: Pré-História / Idade do Ferro
/ Romano

Localização geográfica: 39°27.440'N 9°00.839'W

Freguesia: Santa Catarina

Lugar: Castelo

Tipo de sítio: Castro

Descrição: O sítio arqueológico do Castelo ou Castro de Santa Catarina situa-se numa pequena cumeada.

Aquando dos trabalhos do PNTA 2004, realizados por Susana Henriques, verificou-se que, em termos gerais, a ocupação do sítio do Castelo apresenta várias realidades cronológicas, desde o Neolítico até à atualidade. Foram desenvolvidos trabalhos de escavação até 2005.

Foi identificada uma estrutura de combustão com presença de carvões e elementos em barro. Juntamente com esta estrutura identificou-se ainda uma indústria lítica, nomeadamente núcleos e lamelas em sílex, que se encontravam espalhados em redor de lareiras. Este contexto remonta ao Neolítico.

Do Bronze Final registou-se o aparecimento de uma estrutura pétrea, muito destruída, tal como restos de piso e uma lareira com restos de barros de cabana. A este contexto encontram-se associados inúmeros fragmentos de fauna mamalógica e malacológica, cerâmica de cozedura redutora, taças carenadas e uma argola em bronze.



Imagens: Fotografia da área

Já pertencente à Idade do Ferro, os dados são, na sua maioria, vestígios materiais. Identificaram-se cerâmicas, contas de colar, pregos, moedas e vidros. A análise destes vestígios permitiu considerar também a cronologia da Idade do Ferro, no seu momento mais tardio.

De períodos posteriores registam-se alguns elementos como moedas, uma claramente romana, e contas de colar. Estas últimas permitem considerar uma interação com o mundo romano da comunidade que habitou o castro.

Foram ainda postas a descoberto três estruturas circulares, sem qualquer material associado, na vertente sul do monte. Contudo, o interior destas estruturas não foi ainda escavado.

Acesso: Pela estrada que vai de Santa Catarina para o Vimeiro, virando em direção ao lugar do Casal do Bicho. Nesta localidade deve-se seguir um caminho de terra batida em direção ao marco geodésico.

Vestígios: Núcleos e lamelas em sílex; cerâmica, taças carenadas, argola em bronze, moedas, contas de colar, etc.

Ameaças: O sítio encontra-se coberto por denso mato e vegetação.

Bibliografia: (SILVA, 1999; HENRIQUES, 2005).

Nº de inventário: 61

CNS: Inédito

Topónimo: Laje da Abrunheira

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39° 26.503'N 9° 01.841'W

Freguesia: Santa Catarina

Lugar: Abrunheira

Tipo de sítio: Monumento megalítico?

Descrição: Em zona baixa, junto às “Grutas dos Mouros” detetou-se o aparecimento de uma laje de grandes dimensões, associada a outros elementos em pedra, que poderão configurar um monumento megalítico.

Não foram recolhidos vestígios artefactuais, nem detetada arte rupestre na laje.

Acesso: O local fica em terreno agrícola, junto a eucaliptais. O acesso é efetuado pela povoação de Casais dos Nortes.



Imagens: Fotografia da área e estruturas



Imagens: Fotografia da área

Nº de inventário: 68

CNS: Inédito

Topónimo: Mata de Porto Mouro

Período cronológico: Indeterminado

Localização geográfica: 39° 25.212'N 9° 00.629'W

Freguesia: Santa Catarina

Lugar: Mata de Porto Mouro

Tipo de sítio: Cais/Porto?/Fonte

Descrição: Trata-se de um local de interesse, que foi referenciado pela história e memória oral local. Esta zona seria alagada durante o período medieval e moderno, tornando navegável o curso do rio, em pequenas embarcações, até à Mata de Porto Mouro. O próprio topónimo é indicativo da possível funcionalidade desse local. Segundo alguns moradores, esta zona teria sido ocupada no período Islâmico. Francisco Costa recorda-se ainda de uma fonte muito antiga, conhecida por “Fonte da Moira”, que terá sido totalmente destruída quando era criança. Toda a zona da Mata de Porto Mouro encontra-se coberta de densa vegetação, não sendo possível sequer o acesso.

Importa ainda referir que existe na zona um pequeno riacho, que vai desaguar no rio Salir, que por sua vez tem a sua foz na Concha de São Martinho.

Os habitantes do lugar com quem falámos nunca conheceram nenhuma estrutura, junto ao rio ou naquela zona, que se pudesse configurar como um porto ou cais, nem têm conhecimento de achados de materiais cerâmicos ou outros na zona da Mata de Porto Mouro.

Landal

Nº de inventário: 11

CNS: 14345

Topónimo: Achada 2

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°17.630'N 9°00.809'W

Freguesia: Landal

Lugar: Achada (Serra de Nossa Senhora de Todo o Mundo)

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: O local foi descoberto por Guilherme Cardoso aquando do trabalho de Levantamento Arqueológico do Concelho de Cadaval, observada sob processo 99/1(786). Nessa altura foi registada a presença de um uniface em quartzito, tendo dado entrada na DGPC com o número de sítio 14345. Para além de vestígios de talhe quartzítico, o projeto CARACARA registou a presença de material em sílex, confirmando o local e a cronologia pré-histórica.

Acesso: O local regista-se numa encosta virada a norte, num pequeno vale a poente do marco geodésico de Achada, localizado na Serra de Todo o Mundo, junto a dois poços de água modernos. O terreno é lavrado, tendo atualmente uma plantação de eucaliptos.

Vestígios: Lasca em sílex, que apresenta um número considerável de retoques.

Ameaças: Plantação de eucaliptos

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (CARDOSO, 1999).



Imagens: Fotografia da área e materiais



Desenho de A2-Nº1

A2-Nº1	Lasca em sílex, com cortex em 20% do anverso da peça e secção trapezoidal. Apresenta talão diedro, com bolbo grande. Todos os bordos apresentam traços de uso	Lítico	Pré-história
--------	---	--------	--------------

Nº de inventário: 12

CNS: 14346

Topónimo: Achada 3

Período cronológico: Pré-História Antiga

Localização geográfica: 39°17.610'N 9°00.601'W

Freguesia: Landal

Lugar: Achada (Serra de Nossa Senhora de Todo o Mundo)

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Durante o levantamento arqueológico do concelho do Cadaval, processo 99/1(786), registou-se o sítio localizado no planalto oriental da Serra de Todo o Mundo, a cerca de 240m a SE do marco geodésico da Achada. Este local apresenta, em mancha de ocupação, um conjunto artefactual que aponta claramente para o período da Pré-história Antiga.

Vestígios: Utensílios líticos, nomeadamente lascas em quartzito e sílex, sendo duas das lascas observadas raspadeiras (Cardoso, 1999).

Acesso: O acesso é realizado pela Rua Alto Mariano que dá entrada para o parque eólico.

Bibliografia: (CARDOSO, 1999).



Imagens: Fotografia da área e estruturas



Imagens: Fotografia da área

Nº de inventário: 13

CNS: 14347

Topónimo: Capela de Nossa Senhora da Serra de
Todo o Mundo

Período cronológico: Medieval

Localização geográfica: 39°17.681'N 9°01.213'W

Freguesia: Landal

Lugar: Achada (Serra de Nossa Senhora de Todo o
Mundo)

Tipo de sítio: Estrutura patrimonial - Capela

Descrição: Capela medieval totalmente coberta por
vegetação, sendo possível detetar apenas algumas
pedras soltas e vestígios da possível estrutura da
parede.

Encontra-se em completa ruína, em zona de plantação
de eucaliptos, numa área de vertente. A povoação
atual mais próxima é Casal da Gaiola.

Junto a este local foi recolhido um artefacto em
sílex (Cardoso, 1999).

Acesso: Pela estrada das pedreiras, localizando-se
imediatamente a seguir à extremidade este da
pedreira ali existente.

Bibliografia: (CARDOSO, 1999).

Figueiredo, em 1780, refere: “(...)no pavimento da porta da Adega do Mosteiro estava huma pedra marmore, que nos disseram, tinha letreiro (...) *dizem as pessoas velhas, que a pedra para a obra do celleiro fabricado neste seculo viera do sitio de Santo Amaro, que fica para a parte do nascente em distancia de hum quarto de legoa, aonde se conserva huma Ermida arruinada, que foi da invocação do mesmo santo y que hay havia muitos vestigios de povoação de onde se tirou a pedra, e contemplamos, que com esta viria o dito padrao*” (Querido, 2006).

Ambas poderiam ser procedentes de Santo Amaro, do local mencionado com ocupação romana. Aparentemente possuem uma cronologia do séc. II d.C.

Acesso: A inscrição encontra-se no jardim do cemitério de Salir de Matos.

Vestígios: Epigrafe romana

Bibliografia: (CATARINA et al. 2006; QUERIDO, 2006).

Nº de inventário: 19

CNS: Inédito

Topónimo: Ponte da Feteira

Período cronológico: Romano

Localização geográfica: 39°24.162'N 9°05.019'W

Freguesia: Salir de Matos

Lugar: Malasia

Tipo de sítio: Ponte

Descrição: Ponte romana com estrutura básica de um arco. Aquando da sua descoberta estava coberta de densa vegetação.

Em 2018, a Junta de freguesia, conjuntamente com o projeto CARACARA, procedeu à sua limpeza, colocando-a a descoberto.

Desta forma, é possível visualizar a sua estrutura e aparelho construtivo tipicamente romano.

Acesso: Pela estrada Municipal 567, que liga Caldas da Rainha a Ribeira dos Ameais (Alvorninha); antes de chegar ao cruzamento para os Infantes, por estrada agrícola, virar à direita.



Imagens: Fotografia da área e estruturas



Imagens: Fotografia da área e estruturas

Nº de inventário: 26

CNS: Inédito

Topónimo: Ponte do Imaginário

Período cronológico: Medieval

Localização geográfica: 39°24.017'N 9°05.974'W

Freguesia: Salir de Matos

Lugar: Imaginário

Tipo de sítio: Ponte

Descrição: Ponte com estrutura inferior em bom estado de conservação, com base aparentemente mais antiga, provavelmente medieval, tendo sido a parte superior acrescentada em tijolo burro. A abóbada é em material mais recente. Terá ruído e sido reconstruída. Passava ali a antiga estrada. No topo da ponte vêem-se ainda algumas pedras que poderão ser de uma via anterior. Atribuímos o edificado a cronologia medieval, mas é bem provável que a mesma seja anterior. Uma limpeza da zona poderá permitir uma observação mais atenta, deixando discernir particularidades

Acesso: Pela Estrada Nacional 114/1, devendo tomar a direção de Caldas da Rainha – Rio Maior.

Nº de inventário: 54

CNS: Inédito

Topónimo: Almuinhas

Período cronológico: Pré-história/Romano/Moderno

Localização geográfica: 39° 25.523'N -9° 05.483'W

Freguesia: Salir de Matos

Lugar: Almuinhas

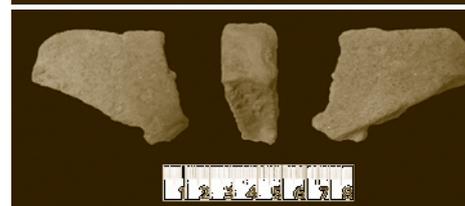
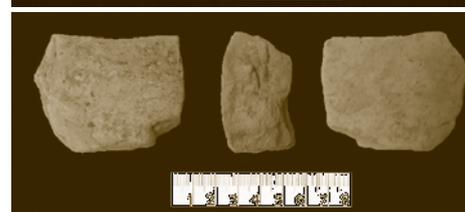
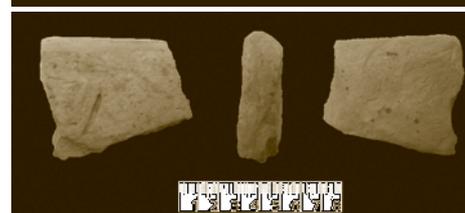
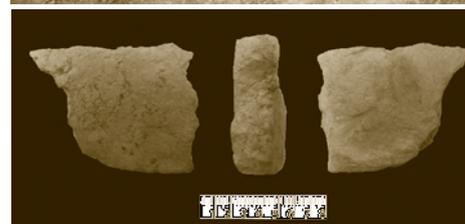
Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: O local encontra-se implantado numa zona alta, num cabeço, onde foi registado o aparecimento de utensílios líticos talhados muito eolizados, bem como cerâmica manual e torno. Registam-se também alguns fragmentos cerâmicos mais recentes. A zona apresenta estruturas antigas dentro da densa vegetação, associadas a cerâmica de construção, possivelmente de cronologia moderna.

Vestígios: Diversos elementos cerâmicos, líticos e imbrices.

Acesso: O acesso é realizado pela N114 a cerca de 850m antes de se chegar à Matoeira, no sentido Gaeiras/Matoeira.

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografia da área e materiais

Nº Inventário	Descrição	Material	Cronologia
AL-nº1	Lasca em quartzito, sem cortex, com talão plano. Muito eolizado.	Lítico	Pré-história
AL-nº2	Núcleo em quartzito, parcialmente cortical com pelo menos 6 levantamentos.	Lítico	Pré-história
AL-nº3	Diversos fragmentos cerâmicos de construção - imbrices	Cerâmicos	Moderno
AL-nº4	Fragmento de corpo de recipiente cerâmico	Cerâmico	Romano
AL-nº5	Fragmentos cerâmicos de corpo de cerâmica manual, sem decoração	Cerâmico	Pré-história

Nº de inventário: 56

CNS: Inédito

Topónimo: Capela do Formigal

Período cronológico: Moderno

Localização geográfica: 39° 24.488'N -9° 05.452'W

Freguesia: Salir de Matos

Lugar: Formigal

Tipo de sítio: Monumento religioso

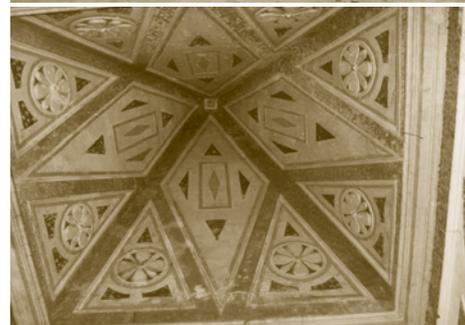
Descrição: Localiza-se na Quinta do Formigal, tendo como padroeira a Nossa Senhora da Piedade. Trata-se de uma capela/ermida em mau estado de conservação, com um património integrado bastante relevante. Conserva vários painéis azulejares com motivos vegetalistas, assim como um painel azul e amarelo, possivelmente do século XVI/XVII.

Está abandonada, em ruína, a necessitar de obras de conservação urgentes.

Optou-se pelo seu destaque neste inventário, pela relevância de arte integrada e por estar em abandono evidente.

Acesso: No lugar do Formigal.

Bibliografia: (QUERIDO, 2007).



Imagens: Fotografia da área e estruturas



Imagens: Fotografia aérea
do local

Nº de inventário: 57

CNS: Inédito

Topónimo: Capela de Santo Amaro

Período cronológico: Moderno (séc. XVI a XVIII)

Localização geográfica: 39° 25.832'N - 9° 04.374'W

Freguesia: Salir de Matos

Tipo de sítio: Monumento religioso

Descrição: O sítio da capela fica sobranceiro à estrada nacional que segue em direção a Salir de Matos, frente ao leito de cheia de Trabalhias.

Os registos mais antigos apontam-na para o século XVI, quando o Prior do Mosteiro de Alcobaça, Frei Rafael de Santa Cruz, a apresenta e dá autorização para a cobrança de esmolas, num documento datado de 5 de setembro de 1571. Pouco tempo depois, em 1585, refere-se a ermida na passagem de obrigações do Ermitão Mendes Fernandez para seu filho António Mendes. Posteriormente encontra-se mencionada na Corografia Portuguesa, de 1706, pelo Padre António Carvalho da Costa, nas Memórias Paroquiais de 1758 e foi registada aquando da visita, no ano de 1780, de Frei Manuel de Figueiredo, que já então a menciona como se encontrando em ruínas. Nesta passagem refere a presença de vestígios romanos na zona, bem como de ser este o possível local de proveniência de uma epígrafe a que deu destaque (Querido, 2006). Esta epígrafe, descoberta em 1780 por Frei Manuel de Figueiredo, seria uma lápide funerária e o seu texto foi publicado nos *Monumenta Selecta* por Frei José de São Lourenço e referenciada por Emílio Hubner nas *Notícias Arqueológicas de Portugal* (idem, 2007: 21).

A Capela estaria, de acordo com informações orais dos habitantes da região, implantada em Santo Amaro, na zona de uma atual vivenda branca, em frente ao leito de cheia de Trabalhias.

Não se registaram vestígios à superfície.

Ainda de acordo com a população local, toda a zona de Santo Amaro está extremamente alterada pelas construções recentes, onde se inclui a via que atravessa o casal de Santo Amaro, em direção a Cruzes. De acordo com os mesmos, a estrada foi alteada, bem como alguns terrenos, para não ficarem sujeitos às cheias.

Em meados do século XX só existiriam, na zona, duas casas e a capela em ruínas.

A localização da possível ocupação romana é referida como estando frente à zona de cheia de Santo Amaro, muito próxima, senão na área da antiga ermida.

De acordo com a lenda da ermida de Santo Amaro, antes da sua construção existiria um outro monumento, com uma estátua, atribuído a Santo Amaro. Esta estátua era utilizada “por um agricultor para fazer peso sobre a grade com que remexia o terreno de uma pequena gleba” que, ao fraturar-se, deu origem à lenda dos coxos (Querido, 2007: 119).

Neste sentido, ainda que não tenham sido identificados, pela equipa de arqueologia, vestígios à superfície, na zona da ermida, consideramos pertinente mencionar este local com uma continuidade de ocupação desde o período romano, devendo-se atender a acompanhamentos arqueológicos sempre que se realizarem obras públicas ou privadas na zona.

Acesso: O sítio da capela fica sobranceiro à estrada nacional que segue em direção a Salir de Matos, frente ao leito de cheia das Trabalhias.

Bibliografia: (QUERIDO, 2007).



Imagens: Fotografia aérea do local

Nº de inventário: 59

CNS: Inédito

Topónimo: Estrada de Santo Amaro

Período cronológico: Indeterminado

Localização geográfica: 39°25 950'N 9° 04.174'W

Freguesia: Salir de Matos

Lugar: Santo Amaro

Tipo de sítio: Indeterminado

Descrição: Registámos uma anomalia por satélite que apresenta dois traços paralelos ao longo de alguns metros. Essa anomalia observa-se nos anos de 2009 e 2017 (fotografias de satélite *Google Earth*) e parece ter uma certa continuidade com cortadas e limites de terrenos.

A largura da distância entre os traços é de 4 metros.

De acordo com população local, a zona de Trabalhias, por onde passa a atual N 360, era uma área continuamente submersa, tendo sido necessária a realização de muitas obras para assentar a atual estrada. Por este motivo calcula-se que a antiga estrada que passaria por Santo Amaro fosse a norte.

Consideramos conveniente expor esta informação e assinalar este local como sítio, pois em dois anos diferentes a anomalia foi registada.

Pela largura a estrada poderá ser medieval ou posterior, pois as romanas seriam mais estreitas.

Acesso: Percorrendo a estrada de salir de Matos a Carvalhal Benfeito, tomar a nacional 360 próximo a Santo Amaro, na entrada este.

Nº de inventário: 62

CNS: Inédito

Topónimo: Mina de Salir de Matos

Período cronológico: Romano?

Localização geográfica: 39° 25.926'N 9° 05.804'W

Freguesia: Salir de Matos

Lugar: Salir de Matos

Tipo de sítio: Mina/Gruta

Descrição: O local foi referenciado por José Santos, habitante de Salir de Matos, que indicou que, no teto de uma das galerias desta mina de água, terá, em tempos, visualizado inscrições latinas (provavelmente romanas).

O local corresponde a uma mina de água com acesso único, que depois bifurca em duas galerias. Foi efetuada uma prospeção no lado esquerdo, não tendo sido possível detetar quaisquer vestígios. Segundo o informante oral, a galeria do lado direito será aquela onde descobriu as inscrições. Não foi possível verificar a existência destes vestígios, nem prospetar esta zona pelo grande assoreamento da base, que continha uma grande quantidade de lama e água.

Acesso: No centro do lugar de Salir de Matos.



Imagens: Fotografia do local

Alvorninha

Nº de inventário: 9

CNS: Inédito

Topónimo: Zambujal

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°24.410'N 9°03.364'W

Freguesia: Alvorninha

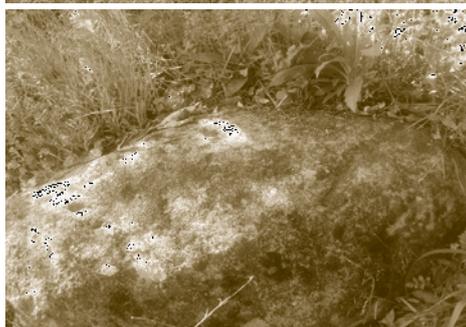
Lugar: Zambujal

Tipo de sítio: Monumento megalítico

Descrição: Identificou-se uma estrutura com menires afeiçãoados, expostos de forma mais ou menos alinhada (possível alinhamento). Alguns deles encontram-se tombados à superfície. Pelo menos dois dos ortoes-tratos apresentam possíveis covinhas. Ao todo, encontram-se visíveis 6 menires, todos tombados, junto a um afloramento que apresenta gravuras de traços que poderiam ter servido como polidores.

Não se observou qualquer outro vestígio, nomeadamente artefactual.

Acesso: O acesso é feito pela rua Principal do Zambujal, à esquerda, no sentido sul/norte.



Imagens: Fotografias da área e estruturas

Nº de inventário: 17

CNS: Inédito

Topónimo: Casa da Almofala

Período cronológico: Pré-história? /Moderna

Localização geográfica: 39°23.489'N 9°00.898'W

Freguesia: Alvorninha

Lugar: Almofada

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: A casa será de cronologia moderna. Na extremidade esquerda da fachada principal encontra-se uma pedra embutida que serve de cunhal que, segundo Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, é de cronologia neolítica.

As prospeções ao local não permitiram registar vestígios arqueológicos deste período nas imediações, podendo aquele achado ser proveniente de outro local.

Acesso: No centro da localidade de Almofala, Rua do Almo.



Imagens: Fotografias da área e estruturas



Imagens: Fotografias da área e estruturas

Nº de inventário: 29

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Machada

Período cronológico: Época Moderna (séc. XVII)

Localização geográfica: 39°22.731'N 8°59.993'W

Freguesia: Alvorninha

Lugar: Quinta da Machada

Tipo de sítio: Estrutura patrimonial

Descrição: Quinta em ruína. Possui inscrição na cimalha onde seria a entrada principal: "Estas obras e fazenda foram feitas em 1668. Foram feitas por cidadão de Lisboa".

Parte destas ruínas foram reutilizadas para construção de casa mais recente.

A Capela de São João, também em ruína, faz parte deste complexo, tendo sido alvo no passado, segundo a atual proprietária, de destruição, tendo-se detetado algumas ossadas espalhadas pelo local, no seu interior. Neste momento a capela encontra-se coberta de silvas, não sendo possível o acesso.

Acesso: Pela Rua Principal que vem de Almofala para a Venda da Costa, cortando à direita pela estrada que liga a Rua Principal à Rua Casal do Haver.

Nº de inventário: 30

CNS: Inédito

Topónimo: Ponte do Rio das Bruxas

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39°23.719'N 9°01.237'W

Freguesia: Alvorninha

Tipo de sítio: Ponte

Descrição: Ponte antiga com arco em tijolo onde, segundo informantes, passava a estrada antiga. Possui arco simples.

Está coberta de vegetação e atualmente desativada.

Acesso: Pela Rua dos Moinhos, perto do cruzamento com a Rua Principal de Almofala.



Imagens: Fotografia da estrutura



Imagens: Fotografia da estrutura

Nº de inventário: 32

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta de Almofala

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39°23.532'N 9°01.097'W

Freguesia: Alvorninha

Lugar: Almofala

Tipo de sítio: Estrutura patrimonial

Descrição: Antiga quinta em ruína. Coberta por silvas, foi possível visualizar, no seu interior, parte das paredes ainda com vestígios de pintura, não se conseguindo aferir, pela distância a que se encontravam do nosso acesso, as suas características e relevância. É uma quinta relativamente conhecida e de importância histórica e, por conseguinte, de memória para a população local. Não observámos a capela na visita ao local.

Acesso: Lugar de Almofala

Nº de inventário: 38

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Cruz

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°22.471'N 9°00.736'W

Freguesia: Alvorninha

Lugar: Cumeira da Cruz

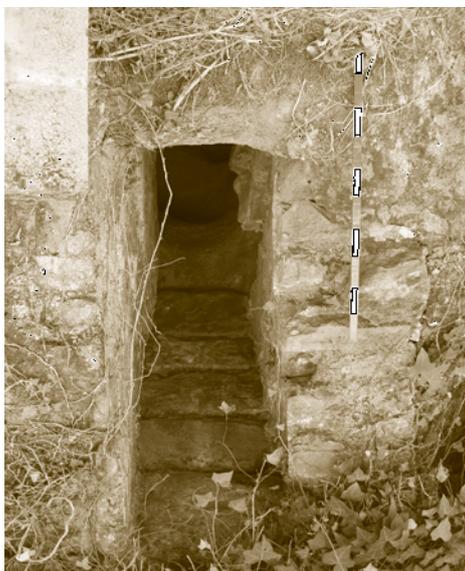
Tipo de sítio: Estrutura patrimonial

Descrição: Consiste numa quinta em ruína, com considerável número de dependências. Possui ainda, em zona próxima, uma capela, também, em ruína.

Acesso: Na estrada que liga Alvorninha à Boavista, no lugar da Cumeira da Cruz, em estrada de terra batida à direita. A Quinta da Cruz fica no final da estrada, à direita. A capela encontra-se ao meio da estrada, à esquerda.



Imagens: Fotografias da estrutura



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 63

CNS: Inédito

Topónimo: Minas/Grutas do Pego

Período cronológico: Romano/Medieval

Localização geográfica: 39° 23.762'N 9° 00.107'W

Freguesia: Alvorninha

Lugar: Pego

Tipo de sítio: Mina

Descrição: Corresponde a uma mina, localizada em zona de plantação de eucaliptais.

Na entrada principal foram construídas estruturas em pedra e argamassa, provavelmente mais modernas, de forma a reforçar e a preservar a integridade da mina. A entrada é efetuada por galeria com um arco em pedra, onde é possível visualizar 3 acessos. Foi apenas possível entrar num deles pois os outros encontram-se completamente assoreados.

A galeria estende-se por cerca de 60 metros, tendo a saída junto a uma estrada de terra batida, nas imediações de um pequeno parque de merendas.

Nas paredes desta galeria é possível visualizar nichos para colocar iluminação. O espaço é característico de uma mina de tradição romana, ocupada numa larga cronologia, atendendo às estruturas mais recentes existentes na entrada.

Acesso: Em estrada de terra batida, junto à Quinta do Pego.

Nº de inventário: 100

CNS: Inédito

Topónimo: Antas de Baixo

Período cronológico: Pré-história

Localização geográfica: 39 25.383'N/9 02.686'W

Freguesia: Alvorninha

Lugar: Antas de Baixo

Tipo de sítio: Anta (já destruída)

Descrição: Atendendo ao topónimo e ao não reconhecimento da existência de um monumento dolménico ou similar nas prospeções de campo, procedemos a uma pesquisa aprofundada de inquérito local, tendo sido interpelados 10 elementos residentes na região.

Estes recordam-se da existência de uma estrutura com grandes pedras, que referem como tendo sido uma anta, que foi desmantelada para dar lugar à construção de uma moradia. O monumento encontrava-se próximo à área do Lavadouro, entre o limite das duas povoações.

Na deslocação ao local verificámos que, atualmente, existe uma moradia, que segundo relatos dos habitantes mais antigos da localidade (o Sr. Mário Ribeiro, a Sra. Jacinta Pedro e o Sr. Manuel), entre eles o antigo Presidente da junta de freguesia de Carvalhal Benfeito, local onde, em tempos, se localizava o monumento. A referência deste local é apenas oral, tendo, eventualmente, sido destruído aquando da construção da habitação.

Acessos: Pela estrada principal do lugar de Antas de Baixo, junto ao cruzamento da Rua de Santa Maria com a Rua da Quinta do Bravo, do lado sul desta última.



Imagens: Fotografias da zona apontada pela população



Carvalho Benfeito

Nº de inventário: 16

CNS: Inédito

Topónimo: Cabeça Alta

Período cronológico: Pré-história (Neolítico/Calcolítico)

Localização geográfica: 39°26.123'N 9°03.460'W

Freguesia: Carvalho Benfeito

Lugar: Cabeça Alta

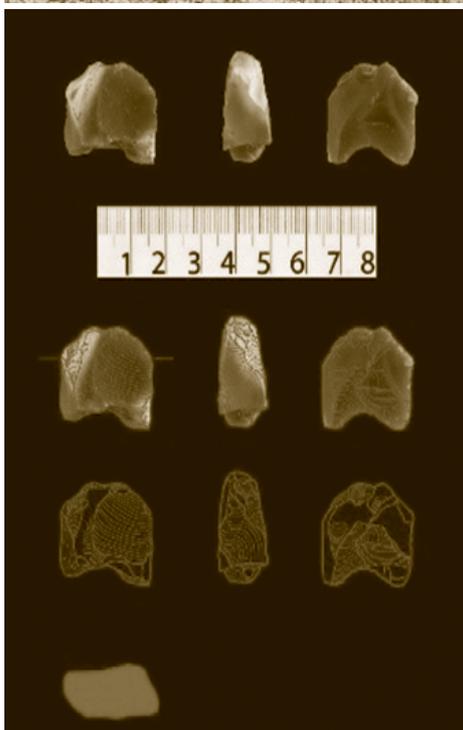
Tipo de sítio: Vestígios de superfície

Descrição: Detetou-se um fragmento de sílex talhado e algumas cerâmicas, que apontam o local para a cronologia neolítica.

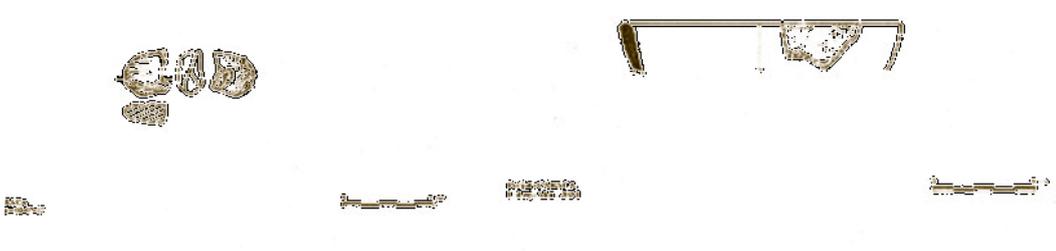
Pela escassez de materiais o sítio deve encontrar-se a considerável profundidade.

Acesso: O acesso é realizado pela Rua Pôr do Sol, do lado esquerdo, no sentido Casal Leirião/Cabeça Alta.

Vestígios: Sílex talhado e algumas cerâmicas pré-históricas.



Imagens: Fotografias da área e materiais



Desenho de CA-Nº1 e Nº2

Nº Inventário	Descrição	Material	Cronologia
CA - Nº1	Lasca em sílex, explorada intensivamente, sem cortex, com traços de uso em redor da peça.	Lítico	Pré-história
CA - Nº2	Fragmento de bordo de vaso esférico característico do período em questão. Fabrico manual	Cerâmica	Pré-história
CA - Nº3	Fragmento de corpo de fabrico manual.	Cerâmica	Pré-história

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 20

CNS: Inédito

Topónimo: Ponte do Carvalho

Período cronológico: Romano/Medieval

Localização geográfica: 39°26.617'N 9°02.832'W

Freguesia: Carvalho de Benfeito

Lugar: Cabeça Alta

Tipo de sítio: Ponte

Descrição: De características construtivas possivelmente romanas, com alterações de manutenção medieval, encontra-se coberta com tabuleiro recente que a tapa na quase totalidade. Para a sua visualização é necessário aceder pelo ribeiro.

Acesso: Estrada que liga a Cabeça Alta ao Carvalho Benfeito.

Nº de inventário: 40

CNS: Inédito

Topónimo: Praça da República 1

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39°24.253'N 9°07.976'W

Freguesia: U.F. de Caldas da Rainha - Nossa Sr^a. do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Praça da República

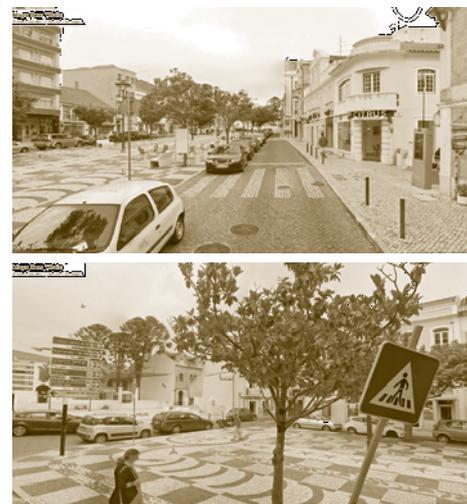
Tipo de sítio: Estrutura

Descrição: Localização da antiga Capela da Nossa Senhora do Rosário, construída em 1590 e demolida em 1835 para construção da atual Praça da República.

Segundo planta de Joaquim Laureano de Sousa, datada de 1786, a capela teria uma nave com 17m por 8.5m de largura e ábside de 6m de diâmetro, ocupando o topo norte da praça. A capela é também referenciada no desenho de João Pedro Ludovice, de 1742.

No âmbito de trabalhos de acompanhamento arqueológico em obras na Praça da Fruta, foram descobertos azulejos, cerâmicas, objetos em metal, como botões e duas moedas do tempo de D. Manuel. A equipa que desenvolveu os trabalhos aponta a possibilidade de ter existido outra capela antes desta, para justificar a presença das moedas manuelinas no local. O mesmo trabalho aponta a presença de 8 possíveis painéis diferenciados e tipologicamente integrados entre o séc. XVI e XVII.

Bibliografia: (FIGUEIREDO e MONTEIRO, 2017) .



Imagens: Fotografias do achado



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 41

CNS: Inédito

Topónimo: Antas

Período cronológico: Indeterminada

Localização geográfica: 39°25.707'N 9°02.655'W

Freguesia: Carvalhal Benfeito

Lugar: Antas

Tipo de sítio: Estrutura

Descrição: Estrutura de característica construtiva medieval ou anterior, localizada junto ao moinho, no lugar de "Antas". Pela grande dimensão que ocupa, bem como pela dimensão das pedras que a compõem, poderá constituir um antigo paredão ou zona de atalaia. Não foram recolhidos vestígios materiais, nem foi possível discernir a sua real dimensão. Encontra-se encoberta por densa vegetação.

Não se reconheceu nenhuma anta ou outro tipo de monumento megalítico no local.

Acesso: Quem vai da povoação da Cabeça Alta para Vale de Covas, no cruzamento da rua Dr. Bertolino, virar em direção à estrada da rua do Helário e percorrer cerca de 200 metros. O local fica do lado direito.

Nº de inventário: 55

CNS: Inédito

Topónimo: Capela de São Pedro

Período cronológico: Romano / Medieval

Localização geográfica: 39° 26.617'N 9° 02.955'W

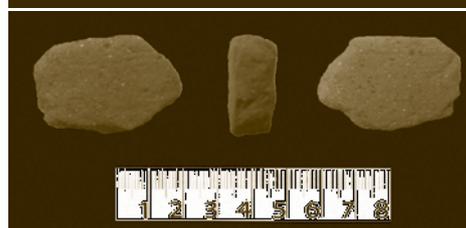
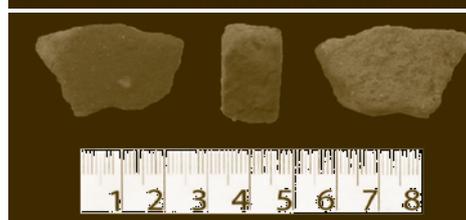
Freguesia: Carvalhal Benfeito

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: O local situa-se no alto de um cabeço. Apresenta um conjunto artefactual que pode ser integrado no período romano. No mesmo espaço regista-se um conjunto de muros em pedra e reboco, que pertenceriam à antiga capela, atualmente completamente em ruína.

Reporta a comunidade local terem sido recolhidos azulejos da antiga estrutura. A densa vegetação somente permitiu registar um tijolo e alguns fragmentos de cerâmica comum do período medieval, bem como alguns vestígios romanos, dispersos pelo cabeço.

Acesso: Por estrada em terra batida, que ligava a capela à cidade.



Imagens: Fotografias da estrutura e materiais

Nº Inventário	Descrição	Material	Cronologia
SP – Nº 1	Fragmento de tijoleira de chão em cerâmica, com uma altura de 4,5cm	Cerâmico	Romano
SP – Nº2	Fragmento de cerâmica, forno oxidante	Cerâmico	Romano
SP – Nº 3	Fragmento de cerâmica, forno redutor	Cerâmico	Romano
SP – Nº 4	Diferentes fragmentos de construção da antiga capela	Cerâmico	Medieval

Nº de inventário: 60

CNS: Inédito

Topónimo: Túnel da Igreja do Carvalhal Benfeito

Período cronológico: Medieval

Localização geográfica: 39° 26.627'N 9° 2.806'W

Freguesia: Carvalhal Benfeito

Lugar: Carvalhal Benfeito

Tipo de sítio: Estrutura de túnel, igreja e fonte

Descrição: Optámos por integrar neste ponto de inventário 3 tipos de estruturas. A igreja matriz, de tradição medieval; a fonte do séc. XIII, que se encontra localizada ao lado da igreja; e um túnel que segue da igreja ao topo da serra. Este túnel une a Igreja do Carvalhal Benfeito à zona baixa do lugar, junto à denominada “Casa de D. Gastão”, que, pela lenda, teria sido o fundador da povoação, seguindo, depois, em direção à serra, subindo o monte.

Um dos acessos, segundo tradição oral, far-se-á por uma garagem ali próxima. Contudo, não foi possível ter acesso ao local por ser privada e não haver autorização por parte do proprietário, não sendo possível saber de quando data. O padre local referiu ter ouvido falar dela mas não saber da ligação pela igreja.

A carta, de 1153, de doação de terras de D. Afonso Henriques aos monges Bernardos, fixa um território para constituir os coutos de Alcobaça, o qual, antes da conquista de Santarém, em 1147, integrava as terras islâmicas, depois reconquistadas e repovoadas. Ao mosteiro coube parte deste trabalho de organização. Os vastos coutos doados começaram a ser ocupados por grupos de agricultores



Imagens: Fotografias dos locais

que trabalhavam os campos (NATIVIDADE, 1906; 1942; 1944), formando pequenas aldeias, alargando os coutos e integrando casais, herdades e granjas (GONÇALVES, 1987), tendo construído as estruturas necessárias para o apoio material e espiritual. De 1184 existe um outro documento, que é apresentado como tendo sido falsificado, para confirmar ou alterar formalmente os limites da progressão das terras cistercienses (AZEVEDO, 1992). Este delimita a zona a sul desta região, a partir do rio Salir, junto da Quinta do Mota e Mouraria, seguindo daí a Ulmos até ao cabeço de Almofala. O topónimo *Azenha da Calçada*, presente nessa zona, poderá referir-se a uma área de circulação medieval. O facto do Mosteiro ter sido destruído antes de 1195, por uma invasão de sarracenos, não permitiu a sua evolução normal e documentação mais avultada.

A paróquia de Carvalhal Benfeito só foi constituída na época moderna, mas a igreja matriz seria de fundação anterior, como o teria sido a de Santa Maria, podendo o túnel referido ser uma estrutura do período medieval. Deste mesmo período será ainda a fonte, referenciada como sendo do séc. XIII, que fornecia água à povoação, localizada na envolvente da igreja. A existir esta povoação desde esta altura, poderemos considerar, com efeito, que também existiria um templo para apoio espiritual aos habitantes no possível local da atual igreja matriz.

A igreja atual foi restaurada na década de 70. De uma só nave, teria, antes do restauro, um teto de madeira de 3 planos, um altar-mor e dois colaterais em talha dourada. Um dos altares seria dedicado a Nossa Senhora do Rosário, onde se encontravam seis pinturas seiscentistas, a óleo sobre madeira, atribuídas a Belchior de Matos. No pavimento da capela-mor encontravam-se duas lápides de fidalgos da família Carvalhal. Uma delas estaria datada de 1549, e seria referido como sendo o sepulcro do edificador da capela (Primeiro Adail da cidade de Goa). É importante referir que o rei D. João III terá concedido armas a Diogo Fernandes de Carvalhal Benfeito, Cavaleiro da Ordem de Cristo, pela sua prestação no cerco de Arzila e Goa, tendo sido feito fidalgo de Cota de Armas, bem como seus descendentes. Esta e outras lápides encontram-se atualmente no frontal da Igreja, sob o alpendre.

Acesso: O local (garagem) com entrada no túnel fica próximo de uma grande oliveira, que se encontra junto à Ponte do Carvalhal. Do outro lado regista-se a igreja e, na proximidade, numa zona mais baixa, junto à estrada, a fonte medieval.

Bibliografia: Carta de doação de Afonso Henriques aos cistercienses (Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Corporações Religiosas, Mosteiro de Alcobaça (C.R., M. Ale), Documentos Reais, m.1. nº 1.

(NATIVIDADE, M. 1906; NATIVIDADE, J. 1942 e 1944; AZEVEDO, 1962; GONÇALVES, 1987).

União das Freguesias de Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Nº de inventário: 44

CNS: 30576 e 30577 e 30578

Topónimo: Charneca de São Gregório 2 (30576), 3 (30577) e 4 (30578)

Período cronológico: Pré-História Recente

Localização geográfica: 39°20.212'N 9°01.761'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Charneca

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Trata-se de um possível *habitat* da Pré-história recente - Neo-Calcolítico. Apresenta-se numa zona ligeiramente alteada, com vertente de inclinação direccionada a sul. A área está plantada com eucaliptos. Nas proximidades registam-se outros vestígios da mesma época (CNS30578 e CNS30577), revelando uma extensão da mancha de ocupação superior a 1 km de diâmetro.

De acordo com os levantamentos de prospeção da EIA – projeto de construção da EN114 – ligação IP6 a Rio Maior, processo 97/1(085) (CANINAS, 1997), tinham já sido observados vestígios de cerâmica antiga, com decoração campaniforme, artefactos talhados e fragmentos de machado polidos. Nas prospeções do projeto CARACARA registaram-se ainda vestígios de artefactos em sílex próximo à zona da Charneca de São Gregório 2 (30576). Este tipo de material já tinha sido também identificado anteriormente junto ao sítio definido como Charneca



Imagens: Fotografias da estrutura e material observado

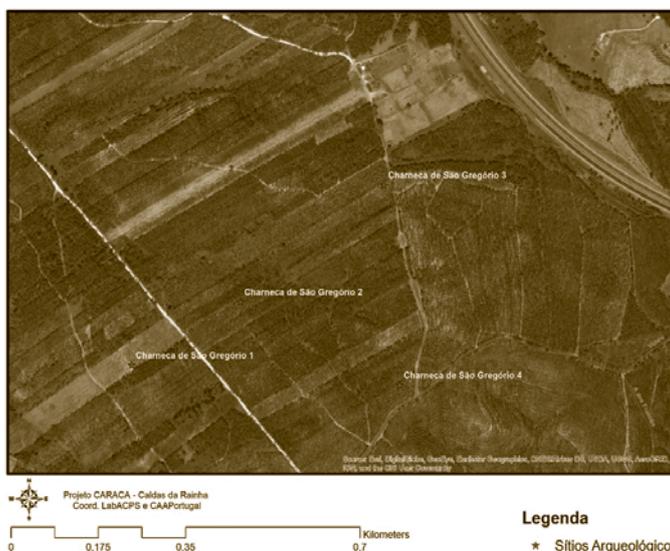
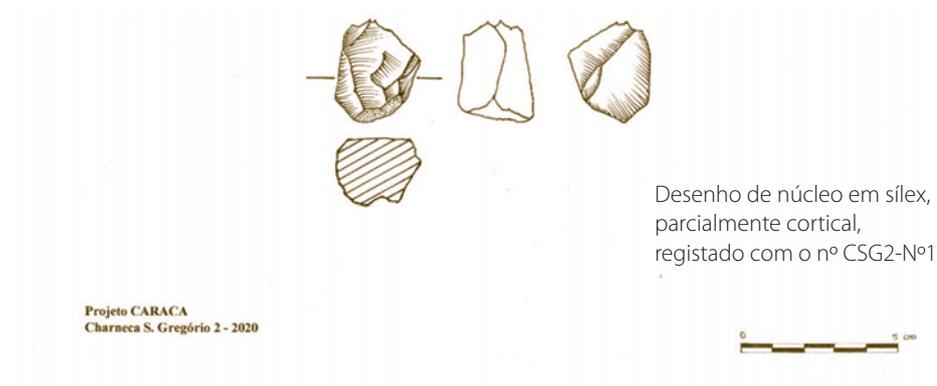
de São Gregório 4 (30578). Optamos por considerar as três entradas no Endovélico (Portal do Arqueólogo) como um único sítio, pela sua imediata proximidade e contemporaneidade artefactual.

Acessos: Pela estrada após as povoações.

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (CANINAS, 1997)

Nº Inventário	Descrição	Material	Cronologia
CSG2 -Nº1	Núcleo em sílex, parcialmente cortical, com alguns levantamentos e traços de uso num dos bordos.	Lítico	Pré-história



Mapa com a localização dos diferentes locais, mostrando a dispersão e extensão espacial do aparecimento dos vestígios.

Nº de inventário: 45

CNS: 5042

Topónimo: Charneca de São Gregório 1

Período cronológico: Romano/Medieval

Localização geográfica: 39°21.407'N 9°03.793'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Escombros

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Registou-se o aparecimento, a meio do terreno e junto ao limite do eucaliptal, de grande quantidade de material de construção, de cronologia, aparentemente, romana/ medieval.

Toda a área onde aparecem estes vestígios encontra-se orientada a Este-Oeste, numa dispersão de cerca de 1000 m².

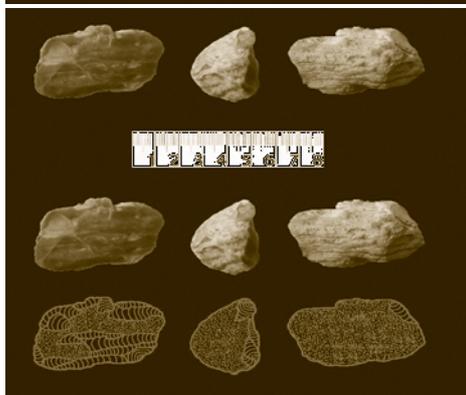
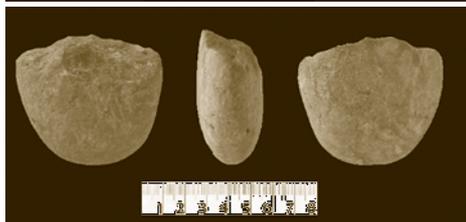
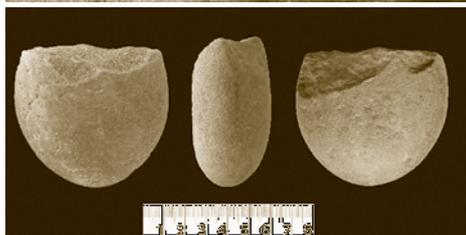
Estas informações confirmam as que constam da base de dados da DGPC.

Acesso: O acesso é efetuado junto a estrada secundária, por terreno agrícola (Pomar do Sr. Faustino de Sousa).



Fotografias da área e material recuperado

Nº Inventário	Descrição	Material	Cronologia
CSG2 -Nº1	Fragmento de tijoleira, com 5,5cm de espessura	Cerâmica	Romano?
CSG2 -Nº2	Fragmento de base, com vidrado a branco	Cerâmica	Recente
CSG2 -Nº3	Diversos fragmentos de construção - imbrices	Cerâmica	Romano/Medieval



Nº de inventário: 50

CNS: Inédito

Topónimo: Sítio do Quartel

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°23.481'N -9°08.203'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Quartel (R15)

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Localiza-se num pinhal atrás da Escola de Sargentos do Exército.

Foi-nos primeiramente descrito pelo informante oral António Miranda, que tinha detetado o aparecimento de dois elementos líticos que aparentavam ter sido retocados.

Na deslocação ao local foi possível recolher artefactos líticos talhados em quartzito, bem como um fragmento de sílex, configurando este lugar como um sítio arqueológico pré-histórico.

Acesso: Ao local acede-se pela Rua São João de Deus, localizando-se entre esta e o quartel militar R15.

Local de depósito: Habitação de António Miranda (Salgueirinha) / IPT

Imagens: Fotografias da área e material recuperado



Desenho de utensílio lítico SQ – Nº5 e SQ – Nº2

Nº inventário	Descrição	Material	Cronologia
SQ - Nº1	Núcleo em quartzito com dois levantamentos	lítico	Pré-história
SQ - Nº2	Lasca cortical em quartzito com bastante patine.	lítico	Pré-história
SQ - Nº3	Lasca cortical em quartzito com bastante patine. Apresenta possíveis traços de uso num dos bordos.	lítico	Pré-história
SQ - Nº4	Núcleo em quartzito com três levantamentos	lítico	Pré-história
SQ - Nº5	Lasca cortical em quartzito com bastante patine.	lítico	Pré-história
SQ - Nº6	Lasca sem cortex, de secção triangular, talão plano e traços de uso no bordo esquerdo	lítico	Pré-história
SQ - Nº7	Pequeno fragmento de cerâmica, com desgordurante cerâmico e sem traços de torno. Forno possivelmente oxidante.	cerâmico	Pré-história
SQ - Nº8	Núcleo em quartzito, com pelo menos 9 levantamentos. Apresenta-se com bastante patine.	lítico	Pré-história
SQ - Nº9	Lasca em sílex, cortical, de secção triangular.	lítico	Pré-história



Imagem: Fotografia da estrutura

Nº de inventário: 67

CNS:CNS38784

Topónimo: Galeria Termal

Período cronológico: Moderno

Localização geográfica: 39° 24.139'N 9° 08.048'W

Freguesia: U.F. de Caldas da Rainha - Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Rua de Camões

Tipo de sítio: Estrutura

Descrição: Galeria constituída por uma caleira em pedra com 0.60m de altura e 0.30m de largura. Da caleira nascem duas paredes de cada lado em alvenaria com 1.70m de altura, rematadas por pedras e cerâmicos de pequenas dimensões de onde arranca a abóbada da cobertura constituída por tijolos em cunha. A estrutura tem início no Largo Rainha D. Leonor, no local do Hospital Termal, seguindo pela Rua de Camões em direção ao Largo Conde de Fontalva, continuando depois para sudoeste na direção da Santa casa da Misericórdia das Caldas da Rainha.

Bibliografia: Portal do arqueólogo em:

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3542823>

Nº de inventário: 69

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta do Paúl

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 21.756'N 9° 03.671'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: São Gregório

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: Corresponde a quinta em ruína, que terá tido uma grande dimensão.

É possível visualizar, ainda, tanques de água em pedra, estando, contudo, a maioria da estrutura das casas coberta por vegetação e silvado.

Segundo informações locais, conta-se que a quinta terá sido construída no século XVIII.

Acesso: Na estrada antiga para São Gregório.



Imagens: Fotografias da área e estruturas



Imagens: Fotografias da área

Nº de inventário: 71

CNS: Inédito

Topónimo: Caminho de Valmuinhas

Período cronológico: Indeterminado

Localização geográfica: 39° 21.246'N 9° 04.203'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Valmuinhas

Tipo de sítio: Via?

Descrição: Corresponde a informação oral fornecida por habitante de São Gregório. Registaram-se algumas lajes, que a informante referiu configurarem uma espécie de caminho antigo.

Na deslocação ao local, não foi possível confirmar a informação, nem verificar as estruturas mencionadas. O local encontra-se cultivado por pomares.

Este local é próximo ao sítio de São Gregório, registado no Portal do Arqueólogo CNS 5042 e já confirmado pelo projeto CARACARA (NI45) como um local com elevada quantidade de materiais de construção de cronologia romano/medieval.

Atendendo à sua localização, optou-se por registar o local como possível sítio arqueológico de interesse, podendo corresponder a uma pequena estrutura antiga.

A informante é proprietária do terreno, tendo-lhe sido solicitado que contactasse o projeto quando cultivassem novamente a terra, no sentido de aferir a existência de vestígios arqueológicos concretos ou que registasse e comunicasse a descoberta de materiais.

Acesso: Pela estrada junto à escola de São Gregório.

Nº de inventário: 72

CNS: Inédito

Topónimo: Hospital Termal D. Leonor

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 24.195'N 9° 07.944'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Caldas da Rainha (cidade)

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: O Hospital Termal encontrava-se praticamente concluído no ano de 1483. Originalmente era composto por três espaços, edificados em 3 pisos, formando uma praça: o Largo da Copa. Cada um destes espaços tinha funções diferentes. Um deles constituía os aposentos da Rainha; o outro, central e o mais conhecido, albergava três piscinas, uma para os homens, outra para as mulheres e uma para uso pessoal da Rainha, a chamada Piscina da Rainha; o outro edifício destinava-se a habitação e a albergue, tanto para funcionários como para peregrinos, bem como para serviços administrativos do Hospital.

O Hospital D. Carlos I tem ligação com o Termal por um passadiço fechado e distribui-se numa arquitetura pavilhonar, disposto por alas paralelas unidas por uma estrutura transversal. Este é um acrescento ao Hospital Termal do final do séc. XIX.

Acesso: Na cidade das Caldas da Rainha, no Largo Rainha D. Leonor, junto ao Parque D. Carlos I.



Imagens: Fotografia da fachada do hospital



Imagens: Fotografias da fachada do Palácio

Nº de inventário: 73

CNS: Inédito

Topónimo: Palácio Real

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 24.218'N 9° 07.904'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Caldas da Rainha (cidade)

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: Foi construído durante o século XVIII para residência dos provedores do Hospital Termal. Mais tarde, em 1894 e durante a administração de Rodrigo Berquó, sofreu algumas alterações, tendo servido como casa de habitação da família real quando se deslocava até às Caldas da Rainha. Atualmente é onde está instalado o Museu do Hospital Termal e das Caldas.

Acesso: Entre a “volta dos sinos” e o Largo do Conselheiro José Filipe, no centro histórico das Caldas da Rainha.

Nº de inventário: 74

CNS: Inédito

Topónimo: Chafariz da Estrada da Foz

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 24.120'N 9° 08.240'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Caldas da Rainha (cidade)

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: Chafariz barroco, construído em 1749, como parte do plano de abastecimento de água à povoação. A construção é em alvenaria de pedra calcária, de acesso frontal, com pia sub-retangular de linhas retas, encimado com bordadura retangular de cantos cortados e decorada com faixa com dois berloques. Possui bica em bronze.

Acesso: Do Largo Conde de Fontalva seguir para Oeste, em direção à Estrada da Foz. O chafariz fica à direita.



Imagens: Fotografias do Chafariz da Estrada da Foz



Imagens: Fotografias do Chafariz da Rua Nova

Nº de inventário: 75

CNS: Inédito

Topónimo: Chafariz da Rua Nova

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 24.171'N 9° 07.941'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Caldas da Rainha (cidade)

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: Construído no séc. XVIII, como parte do plano de abastecimento de água à povoação. A construção é em alvenaria de pedra calcária, de acesso frontal, com pia em forma de concha suportada por pé único. Possui bicas em bronze. Na lateral apresenta reservatórios de água.

Acesso: No largo D. Manuel I, na lateral do Hospital Termal, no centro histórico das Caldas da Rainha.

Nº de inventário: 76

CNS: Inédito

Topónimo: Chafariz das 5 Bicas

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 24.170'N 9° 07.927'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Caldas da Rainha (cidade)

Tipo de sítio: Estrutura Patrimonial

Descrição: Chafariz barroco, com 5 bicas em bronze. Possui esculpidos motivos alusivos à natureza, conchas, estrelas.

Foi construído em 1748 como parte do plano de abastecimento de água à povoação. É construído em alvenaria de pedra calcária.

Acesso: Na Rua Diário de Notícias, em direção a Alcobaça.



Imagens: Fotografias do Chafariz das 5 Bicas



Imagens: Fotografias da área

Nº de inventário: 79

CNS: Inédito

Topónimo: Necrópole da Igreja da Nossa Senhora do Rosário

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 24.246'N 9° 07.993'W

Freguesia: U.F. Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Caldas da Rainha (cidade)

Tipo de sítio: Necrópole

Descrição: Antiga necrópole com possível associação à antiga Capela da Nossa Senhora. do Rosário.

O local encontra-se em pleno centro da cidade de Caldas da Rainha, já muito perturbado pelas construções urbanas que revolveram e alteraram o sítio, tendo-se verificado durante os trabalhos de sondagens arqueológicas, em 2012, a presença de material osteológico descontextualizado.

Acesso: Em plena Praça da República, zona norte do tabuleiro.

A-dos-Francos

Nº de inventário: 48

CNS: Inédito

Topónimo: Inscrição de A-dos-Francos

Período cronológico: Romano

Localização geográfica: 39°19.701'N 9°03.040'W

Freguesia: A-dos-Francos

Lugar: Cemitério de A-dos-Francos

Tipo de sítio: Epígrafe

Descrição: Inscrição romana votiva dedicada a Júpiter. Altar. Encontra-se localizada no interior de uma pequena capela, no cemitério de A-dos-Francos. Não se encontra *in situ*, tendo sido descoberta no âmbito de um incêndio do altar da capela, nos anos 70. A epígrafe, está fixada na parede, por baixo do altar, possui molduras nas três faces visíveis, sendo que se pressupõe que também a teria na zona traseira, como é comum nas aras romanas. Encontra-se fraturado na base, tendo sido destruída parte da inscrição. Cronologicamente, pela paleografia, pode integrar a primeira metade do século I (Figueiredo e Encarnação, 2022).

Regista-se como inscrição:

IOVI / OPTIMO / MAXIMO / Q(uintus) · CASSIVS / ⁵
CASSIANVS / A(nimo) L(ibens) [V(otum) P(ousit)]

Traduzindo-se por:

A Júpiter Ótimo Máximo. Quinto Cássio Cassiano colocou de livre vontade.

Acesso: Em capela no cemitério de A-dos-Francos.

Bibliografia: (FIGUEIREDO e ENCARNAÇÃO, 2022).



Imagens: Fotografias da epígrafe



Imagens: Fotografias das estruturas

Nº de inventário: 58

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta de Vila Verde de Matos

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39° 19.623'N 9° 05.010'W

Freguesia: A-dos -Francos

Lugar: Quinta de Vila Verde de Matos

Tipo de sítio: Monumento religioso e habitacional

Descrição: Quinta em ruína, possuindo uma capela com quatro nichos e altar central em pedra, que foi completamente vandalizado. Possui sepultura aberta com laje ainda no local, sem inscrição aparente. As zonas laterais aparentam ter tido outros altares desaparecidos. O teto seria em abóbada com possíveis pinturas, tem cornija a separá-la da parede vertical.

Próximo da capela existiria uma adega e olaria.

Esta capela faria parte de um complexo maior denominado Quinta de Vila Verde de Matos.

A zona encontra-se coberta de silvas e densa vegetação, que dificulta o acesso.

Acesso: Por estrada de terra batida, junto a Vila Verde de Matos.

Vidais

Nº de inventário: 2

CNS: 30090

Topónimo: Casal dos Cucos

Período cronológico: Pré-história

Localização geográfica: 39°23.383'N 9°06.035'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Vidais

Tipo de sítio: Vestígios de superfície

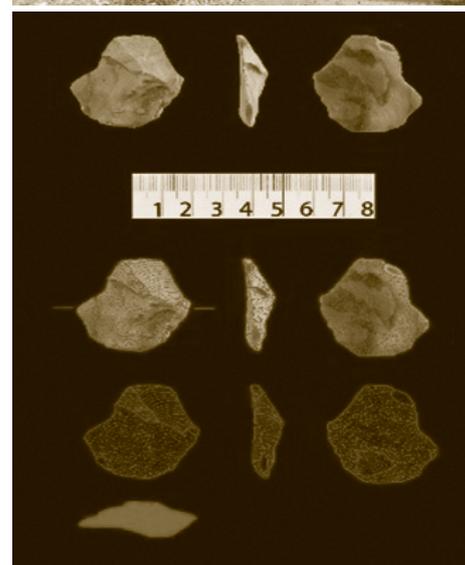
Descrição: Área composta por floresta de eucaliptos e vegetação rasteira. O local foi identificado em 2007, após os trabalhos de acompanhamento arqueológico, pelo Arqueólogo Dário Antunes, referindo que a dispersão dos achados se enquadram numa área de 4km².

Acesso: O acesso realiza-se pela rua do Cedro, em Casal de Cucos.

Vestígios: Utensílios em sílex.

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (ANTUNES, 2007).



Imagens: Fotografia da área e material registado



Desenho de utensílio lítico CC - nº1

Nº inventário	Descrição	Material	Cronologia
CC- nº1	Lasca em sílex, sem cortex, com talão diedro e bolbo curto. É ligeiramente apontada à esquerda, registando traços de uso nessa área.	Lítico	Pré-história

Nº de inventário: 3

CNS: 30088

Topónimo: Casal da Boavista

DGPC/Inédito: DGPC

Período cronológico: Pré-História Antiga

Localização geográfica: 39°20.665'N 9°00.110'W

Freguesia: Vidais

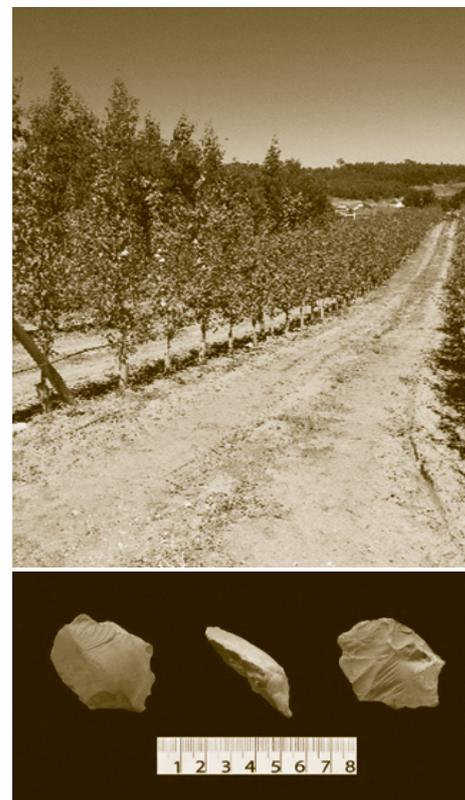
Lugar: Casal do Brejo

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Trata-se de um local com vestígios da Pré-história Antiga. Apresenta-se numa zona ligeiramente inclinada, com vertente direcionada a oeste, estando o topo da zona mais alteada já integrado no concelho de Rio Maior. A área está plantada com eucaliptos.

Analisando os vestígios existentes nas proximidades (ARAÚJO e ZILHÃO 1991; ZILHÃO 1997), podemos referir que pode ser um local de continuação de ocupação dos depósitos reconhecidos ao longo da estrada, no concelho de Rio Maior (CNS2943; 11422), e que recebeu no MNA o nome de coleção "Vale da Senhora da Luz". Os estudos e trabalhos de escavação nos depósitos registados a Este foram integrados no *Gravettense* final, prolongando-se até ao Proto-Solutrense, datado pelo radiocarbono de cerca 21800a.c.. Os trabalhos mais recentes não trouxeram novas informações ao reconhecido anteriormente. Os materiais encontram-se muito dispersos pela vertente.

Acesso: Na EN 114, ao km 41, direção Vidais – Rio Maior, em acesso à direita na Rua do Adrião.



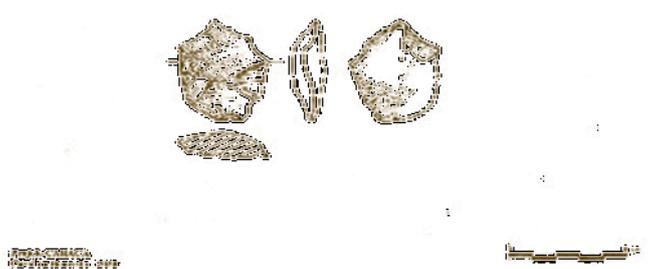
Imagens: Fotografia da área e um dos materiais registados

Vestígios: De acordo com os levantamentos de prospeção da EIA — projeto de construção da EN114 – ligação IP6 a Rio Maior, os trabalhos de minimização de impacto tinham já apontado o local como sítio de interesse arqueológico. Na altura foi fixado a sua localização atendendo a um ponto médio da dispersão dos vestígios. Esta localização foi também considerada agora por nós, mas é de referir que os vestígios se espalham ao longo de toda a vertente e se prolongam até à rua do Adrião, sobretudo na zona mais a Oeste. Observam-se líticos, entre eles, elementos em sílex e quartzito. O sítio próximo, de número CNS11422, designado por *Terra do José Pereira*, permitiu, em sondagem de 2007, no âmbito do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Oeste, registar, para além de subprodutos de talhe, alguns utensílios, como lascas retocadas, raspadeiras, lamelas e núcleos.

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (ARAÚJO & ZILHÃO, 1991; ZILHÃO, J. 1997).

Nº inventário	Descrição	Material	Cronologia
CB-nº1	Lasca em chert, sem cortex, bastante eolizada.	Lítico	Pré-história



Desenho de utensílio lítico CB -nº1

ArcGIS Web Map



Sítios do Vale da Senhora da Luze sítio do Casal da Boavista

01/10/2020, 17:44:31

- Sítios Arqueológicos
- Divisão Administrativa

1:9,028
 0 0.05 0.1 0.2 mi
 0 0.07 0.15 0.3 km

Sources: Esri, HERE, Garmin, Swiremap, IGN, Intermap, P. Corp., GEBCO, USGS, FAO, NPS, NRCAN, GeoBase, IGN, Kadaster NL, Ordnance Survey, Esri Japan, METI, Esri China (Hong Kong), Sw OpenStreetMap contributors, and the GIS User Community

Web-AppBuilder for ArcGIS
 Esri, HERE, Garmin, INCREMENT P, Intermap, USGS, METI/NASA |



Imagens: Fotografia da área e estruturas

Nº de inventário: 31

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta de Vidais

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39°22.061'N 9°02.887'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Vidais

Tipo de sítio: Estrutura patrimonial

Descrição: Diversas estruturas em alvenaria, algumas com reconstruções mais recentes. Uma das lajes que encima uma antiga porta de pocilga, apresenta uma inscrição com data - 1678. Esta estrutura localiza-se no interior do terreno da Quinta dos Vidais.

Acesso: Acesso pela N114, no interior da Quinta de Vidais.

Nº de inventário: 39

CNS: Inédito

Topónimo: Salir do Porto

Período cronológico: Idade do Ferro / Romano / Medieval

Localização geográfica: 39°30.037'N 9°09.710'W (Alinhamentos) /39° 30.060'N -9°09.657'W (laje)

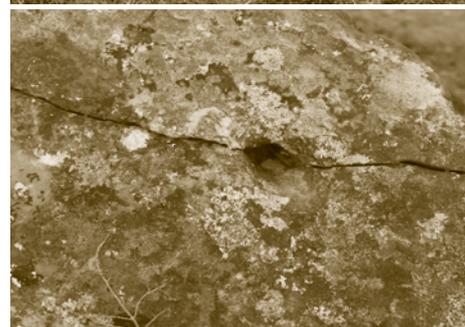
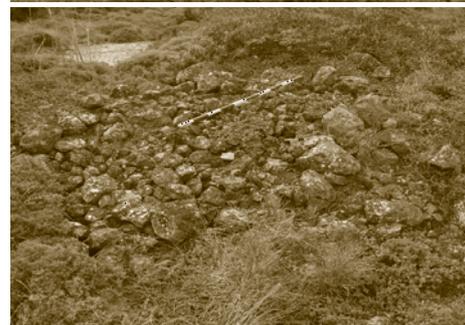
Freguesia: U.F. Tornada e Salir do Porto

Lugar: Salir do Porto

Tipo de sítio: Estrutura e mancha de ocupação

Descrição: Corresponde a estrutura alinhada em pedra. Foi efetuada uma segunda visita ao local, numa outra altura estival, quando a vegetação é menos densa, para tentar perceber se os alinhamentos possuíam alguma conexão. Aparentemente o local possui um alinhamento, uma possível muralha principal. Foi possível detetar um outro alinhamento, que poderá constituir uma estrutura de possível fortificação interna. Nas imediações do local pudemos detetar uma laje com vestígios de impressão de cunha, que, associada a alguns fragmentos cerâmicos encontrados, aparenta ser de cronologia romana. Junto ao local existe um cabeço com uma situação privilegiada de controlo.

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografia da área, estruturas e alguns materiais

Nº inventário	Descrição	Material	Cronologia
SP - nº1	Fragmento de bordo de tom laranja.	Cerâmico	Romano
SP - nº2	Fragmento de bordo de tom laranja.	Cerâmico	Romano
SP - nº3	Fragmento corpo, tom cinza	Cerâmico	Romano
SP - nº4	Fragmento corpo, tom laranja, de vaso cerâmico fino.	Cerâmico	Histórico
SP - nº5	Fragmento de corpo de cerâmica vidrada a verde no interior.	Cerâmico	Histórico
SP - nº6	Diversos fragmentos de material de construção	Cerâmico	Histórico
SP - nº7	Fragmento de corpo de vaso cerâmico de tom laranja com nervura (decoreção plástica)	Cerâmico	Romano
SP - nº8	Fragmento de bordo cerâmico, espessado, de tom laranja	Cerâmico	Romano

Nº de inventário: 51

CNS: Inédito

Topónimo: Sítio do Machado

Período cronológico: Pré-História

Localização geográfica: 39°26.209'N 9°09.160'W

Freguesia: U.F. Tornada e Salir do Porto

Lugar: Campo

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

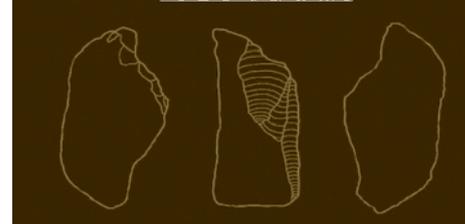
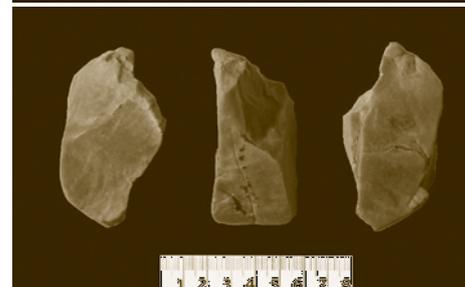
Descrição: Este local foi-nos referenciado pelo Museu Municipal de Peniche, que, no ano de 2003 recebeu um “machado de pedra polida” do Sr. Manuel Tiago Pereira, antigo habitante do Campo, lugar hoje inserido na U.F. Tornada e Salir do Porto, concelho de Caldas da Rainha. Este machado teria sido encontrado no quintal privado de uma casa.

Foi possível aferir que a pessoa já não é proprietária do imóvel, embora nos tenha indicado o local exato onde descobriu o utensílio.

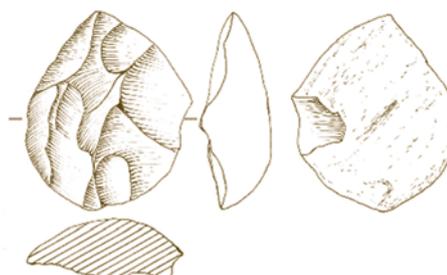
Não foi possível aceder ao interior da propriedade. Nas prospeções realizadas no terreno agrícola imediatamente contíguo foi possível detetar alguns seixos quartzíticos talhados e com retoques.

Acesso: O acesso faz-se pela Rua Henrique Gomes de Oliveira, no sentido Sul/Norte, ficando o terreno à esquerda da estrada.

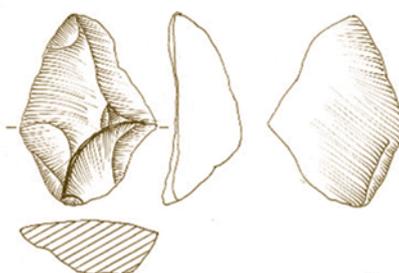
Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografia da área, estruturas e alguns materiais



Projeto CARACA
Sítio do Machado – 2020



Projeto CARACA
Sítio do Machado – 2020



Desenho de dois
dos objetos registados.
Desenho SM- nº7 e SM- nº6

Nº inventário	Descrição	Material	Cronologia
SM -nº1	Núcleo em quartzito com pelo menos 11 levantamentos. Apresenta-se patinado.	Lítico	Pré-história
SM -nº2	Lasca em quartzito, com cortex somente na zona distal, de forma ligeiramente apontada e secção triangular. O talão é punctiforme e apresenta traços de uso nos bordos. A carena do objeto encontra-se muito macerada de tentativas de extração de lascas.	Lítico	Pré-história
SM -nº3	Núcleo em quartzito, com bastante patine.	Lítico	Pré-história
SM -nº4	Núcleo em quartzito, com 4 levantamentos.	Lítico	Pré-história
SM -nº5	Núcleo em quartzito, com 2 levantamentos e traços de uso em redor da peça.	Lítico	Pré-história
SM -nº6	Lasca em quartzito, sem cortex, bastante patinada.	Lítico	Pré-história
SM -nº7	Núcleo em quartzito, 50% cortical, com pelo menos 13 levantamentos. Apresenta muita patine.	Lítico	Pré-história

Nº de inventário: 15

CNS: 11796

Topónimo: Carrasqueira

Período cronológico: Pré-história e Contemporâneo

Localização geográfica: 39°21.474'N 9°02.737'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Carrasqueira

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Trata-se de uma zona caracterizada por terrenos em socalcos, sendo intensamente cultivada. Foi inicialmente identificado no âmbito do EIA da A15. Descrito como um sítio da pré-história recente. De acordo com informação presente no portal do arqueólogo (S-11796), processo 99/1(347), consultado em março de 2018 <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=55317>. “Estes trabalhos agrícolas causaram tanto o rebaixamento intencional do terreno, como as surribas agrícolas mecânicas e as sucessivas plantações de árvores e o seu arranque provocaram a ablação da fracção superior da estratigrafia, que em algumas zonas foi de mais de um metro, como o demonstram alguns taludes no terreno a norte e a noroeste”.

Foram recolhidos alguns materiais cerâmicos recentes à superfície. Contudo, não foi possível confirmar a cronologia pré-histórica. Em trabalhos anteriores inscritos no *Portal do Arqueólogo* com o número de processo S - 11796 e 99/1(347), refere-se o levantamento de um utensílio em sílex (NEVES & ALMEIDA, 2000) e de uma lasca em quartzito.



Imagens: Fotografia da área, estruturas e alguns materiais

Acessos: O acesso é feito pela rua do Chafariz.

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (NEVES & ALMEIDA , 2000).

Nº inventário	Descrição	Material	Cronologia
CRR-nº1	Fragmento cerâmica histórica	Cerâmica	Histórico
CRR-nº2	Fragmento cerâmica histórica	Cerâmica	Histórico
CRR-nº3	Fragmento cerâmica histórica	Cerâmica	Histórico

Nº de inventário: 25

CNS: 16849

Topónimo: Ponte de São Gregório da Fanadia

Período cronológico: Medieval

Localização geográfica: 39°21.303'N 9°03.180'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Vidais

Tipo de sítio: Ponte

Descrição: Ponte caracterizada por um arco de volta perfeita com cerca de 3m de altura, medindo o tabuleiro 2m de largura e 4m de comprimento. As guardas da ponte encontram-se caídas no rio Fanadia. A ponte é composta, nas suas faces externas, por blocos de granito de média dimensão, alguns dos quais apresentam vestígios de terem sido aparelhados, achando-se ligados por uma argamassa acinzentada. Esta ponte encontra-se coberta por densa vegetação, podendo remontar, em termos cronológicos, ao período medieval ou anterior. Atualmente está desativada e encontra-se coberta por densa vegetação.

Acesso: Na estrada que vai de S. Gregório da Fanadia para Casais da Carrasqueira, a ponte encontra-se a cerca de 100m do lado esquerdo da ponte atual, que se acha na confluência do rio Fanadia com a ribeira de Moita.



Imagens: Fotografia da área e estruturas



Imagens: Fotografia da área

Nº de inventário: 42

CNS: 38783

Topónimo: Praça da República 2

Período cronológico: Época Moderna

Localização geográfica: 39°24.223'N 9°08.044'W

Freguesia: U.F. de Caldas da Rainha - Nossa Senhora.
do Pópulo, Coto e São Gregório

Lugar: Praça da República

Tipo de sítio: Estrutura

Descrição: Local do antigo Pelourinho da vila, de datação incerta, no entanto anterior a 1742, data da ilustração de João Pedro Lodovice, onde se observa a sua localização a sul do tabuleiro da atual Praça da República.

Na zona foram desenvolvidos trabalhos de acompanhamento de obras na Praça, tendo sido observada uma espécie de sapata na localização do pelourinho. Não foram registados outros vestígios. Os dados encontram-se em relatório na DGPC, associados ao registo da Capela da Nossa Senhora do Rosário, inexistente.

Acesso: O sítio localiza-se em plena Praça da República, na zona sul do tabuleiro.

Nº de inventário: 43

CNS: 30108

Topónimo: Casal do Rei

Período cronológico: Pré-História Antiga

Localização geográfica: 39°21.578'N 9°00.373'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Casal do Rei

Tipo de sítio: Mancha de ocupação

Descrição: Trata-se de um possível local com ocupação datada do Paleolítico. Encontra-se numa zona relativamente plana, junto à rua D. Afonso Henriques, numa área em que se registam plantações de eucaliptos.

Os trabalhos de prospeção realizados pelo projeto não permitiram confirmar esta atribuição cronológica ou localizar o sítio em concreto; contudo, outros realizados anteriormente (processo 2001/1(547), no âmbito do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Oeste, permitiram registar a presença de bifaces e núcleos centrípetos característicos deste período.

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (RIBEIRO & NUNES, 2007).



Imagens: Fotografia da área e materiais



Imagens: Fotografia da área e estruturas

Nº de inventário: 46

CNS: 10524

Topónimo: Gruta de Ribeira de Crastos 1

Período cronológico: Pré-História Recente

Localização geográfica: 39°21.797'N 9°02.271'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Ribeira de Crastos

Tipo de sítio: Gruta

Descrição: Gruta artificial escavada no grés superiores do Jurássico, tal como Ribeira de Crastos 2, localizada ao lado. Foram descobertas e escavadas por Manuel Heleno na década de 50 do séc. XX, revisitadas em 1991, por Nuno Carvalho dos Santos e Ana Cristina Araújo e reinterpretada em 2000 (JORDÃO & MENDES, 2000) no âmbito do “Projeto para o Estudo da Pré-História Recente do Vale Tifónico de Caldas da Rainha”. Possui um corredor natural com orientação Este-Oeste e uma câmara escavada na rocha em formato sub-ovalada, encontrando-se numa posição de lateralidade em relação ao corredor.

Dos materiais recuperados contam-se artefactos líticos talhados (lascas, lâminas, núcleos, pontas de seta) bem como fragmentos de vasos cerâmicos, alguns com decoração característica do período pré-histórico (Neolítico/Calcolítico - campaniforme, impressões a pontilhado, incisões e carenas).

Acesso: Situa-se na margem Sul do afluente do rio da Fanadia entre as povoações de Crastos e Vidais, na base da elevação sobranceira ao vale. Um caminho de terra batida, frequentado por máquinas agrícolas, passa diretamente na sua entrada.

Bibliografia: (JORDÃO & MENDES, 2000).

Nº de inventário: 47

CNS: 7388

Topónimo: Grutas de Ribeira de Crastos 2

Período cronológico: Pré-História Recente

Localização geográfica: 39°21.780'N 9°02.289'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Ribeira de Crastos

Tipo de sítio: Gruta

Descrição: A gruta Ribeira de Crastos 2 localiza-se a norte da Gruta de Ribeira de Crastos 1 e é composta por uma câmara parcialmente natural, desenvolvendo-se depois para oeste através de um corredor estreito. Terá aparentemente funcionado como necrópole. A entrada está virada para nordeste. Possui alguns nichos naturais à direita da entrada. O corredor prolonga-se por 5 metros, com reduzidas dimensões. A parede sul foi afeiçoada para permitir um suave declive da parede em direção ao solo. Na parede norte foi realizado artificialmente um pequeno nicho, com cerca de 30 cm de diâmetro. No canto oeste, durante as intervenções de Manuel Heleno foi detetada o que chamou de uma pia, de onde foi possível exumar, do interior da depressão central, fragmentos de um vaso, uma faca e uma ponta de seta (*Cadernos de Manuel Heleno*, nº 8, 1952, citado por JORDÃO & MENDES, 2000).

Dos materiais recuperados contam-se artefactos líticos talhados (lascas, lâminas, núcleos, pontas de seta) bem como fragmentos de vasos cerâmicos, alguns com decoração característica do período pré-histórico (Neolítico/Calcolítico -campaniforme, impressões a pontilhado, incisões e carenas).



Imagens: Fotografia da área e estruturas

Nas visitas do projeto não foram recolhidos vestígios arqueológicos.

Acesso: Situa-se na margem sul do afluente do rio da Fanadia, entre as povoações de Crastos e Vidais, na base da elevação sobranceira ao vale. Um caminho de terra batida, frequentado por máquinas agrícolas, passa diretamente na sua entrada.

Bibliografia: (JORDÃO & MENDES, 2000).

Nº de inventário: 80

CNS: Inédito

Topónimo: Casal dos Cucos Sul 1

Período cronológico: Pré-História Recente

Localização geográfica: 39°23.123'N 9°06.068'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Rua Manuel Bernardo Baltazar

Tipo de sítio: Mancha ocupação

Descrição: Trata-se de um local com vestígios da Pré-história (Neolítico/Calcolítico). Apresenta-se numa zona ligeiramente alteada.

A zona apresenta uma grande plantação de eucaliptos, que se prolonga das margens da estrada R. Manuel Bernardo Baltazar, para ambos os lados, sobretudo para a esquerda.

Acessos: Pela rua Manuel Bernardo Baltazar, sensivelmente a meio do percurso entre a estrada da lagoa Parceira e a rua do Cedro. Os vestígios registam-se essencialmente na margem esquerda.



Imagens: Fotografia da área



Imagens: Fotografia da área

Nº de inventário: 81

CNS: Inédito

Topónimo: Casal dos Cucos Sul 2

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°23.204'N 9°06.102'W

Freguesia: Vidais

Lugar: Rua Manuel Bernardo Baltazar

Tipo de sítio: Descarte

Descrição: Mancha de entulho de descarte proveniente de outro local, apresentando uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica de Caldas do séc. XX. Esta mancha prolonga-se, sensivelmente ao centro da via, na margem esquerda, junto a esta.

Acessos: Pelo lado esquerdo da Rua Manuel Bernardo Baltazar, quem vem de sul.

Nadadouro

Nº de inventário: 34

CNS: Inédito

Topónimo: Cais palafítico 1

Período cronológico: Pré-História a Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.255'N 9°11.817'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Ardonha

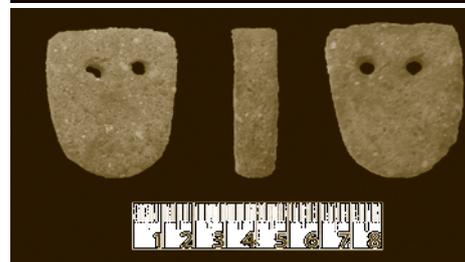
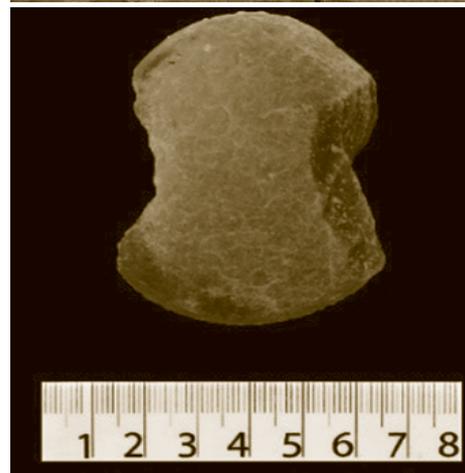
Tipo de sítio: Cais

Descrição: Corresponde a um antigo cais / estrutura em palafitas atualmente muito degradado e sem utilização.

Estende-se por aproximadamente 100m². O cais terá sido usado até há uma década. Os dados registados nesta zona apontam para vestígios pré-históricos e romanos associados à pesca junto ao atual cais, já em ruína, onde se recolheram alguns pesos de rede. O constante movimento das águas, bem como a sedimentação que ao longo das épocas se tem observado, terá encoberto possíveis estruturas ou outros vestígios deste período. Mesmo nos mais recentes, como o cais apresentado, a deterioração é muito rápida. Esta situação pode ser confirmada na comparação por imagem de satélite, entre o ano de 2009, quando era utilizado, e o ano de 2018, já verificado em completo estado de ruína e desaparecimento.

O cais integrou a base de dados *Endovélico* com o número PAZSLO8, num trabalho desenvolvido por Tiago Fraga (2017).

É importante referir que este local terá sido, tam-

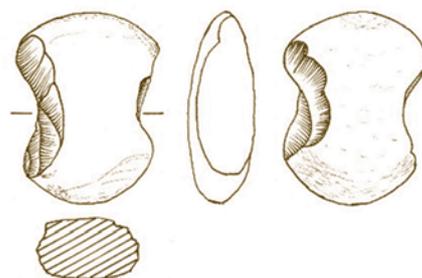


bém, a zona onde se terá construído um primeiro cais, segundo memória local por determinação de D. Sebastião. Esta informação não foi possível confirmar em nenhum documento histórico ou registo arqueológico.

Acesso: Por estrada de terra batida, junto à Lagoa de Óbidos.

Local de depósito: IPT

Nº inventário	Descrição	Material	Cronologia
CPN-Nº1	Pandulho em argamassa com granulometria superior a 1mm. Apresenta duas perfurações na zona distal. O objeto possui um cortorno crescente alongado de 56mm por 42mm. Os orifícios possuem 5mm de diâmetro. Espessura 13mm.	cerâmica	Histórico
CPN-Nº2	Fragmento próximal de pandulho com 13mm de espessura em cerâmica	cerâmica	Histórico
CPN nº 3	Peso de rede em quartzito, com levantamentos nas laterais e afeiçoamento das áreas côncavas para prender o laço.	lítico	Pré-história



Projeto CARACA
Cais Palafítico – Lagoa de Óbidos – Peso de rede - 2020



Desenhos do peso de rede e pandulhos.



Projeto CARACA
Foz do Aretho – Cais palafita Palafítico - 2020



Nº de inventário: 35

CNS: Inédito

Topónimo: Embarcação do Nadadouro

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.235'N 9°11.859'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Ardonha

Tipo de sítio: Naufrágio

Descrição: Trata-se de uma embarcação em madeira de pequena dimensão, estando à vista a sua parte superior, na margem da lagoa.

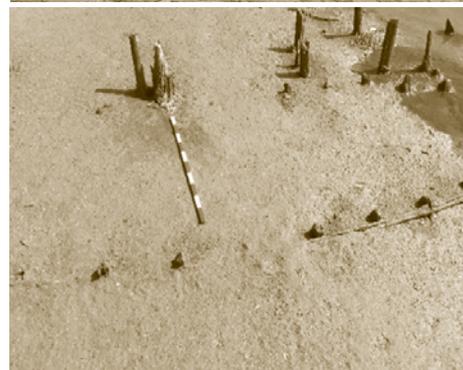
Tipologia: Bateira.

Na altura da sua descoberta registavam-se as extremidades dos diferentes cavernames a cerca de 5 cm do solo.

Associado, ao local, foram recolhidos dois objetos de metal indeterminados, extremamente concrecionados. Este sítio foi, entretanto, escavado em 2021, durante os trabalhos *“Dragagens da Zona Superior da Lagoa de Óbidos”*, por Natália Quitério e Soraya Rocha.

Acesso: Junto ao cais palafítico do Nadadouro

Local de depósito: IPT



Imagens: Fotografias da estrutura



Nº de inventário: 82

CNS: Inédito

Topónimo: Nadadouro1

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.136'N 9°11.527'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Ardonha

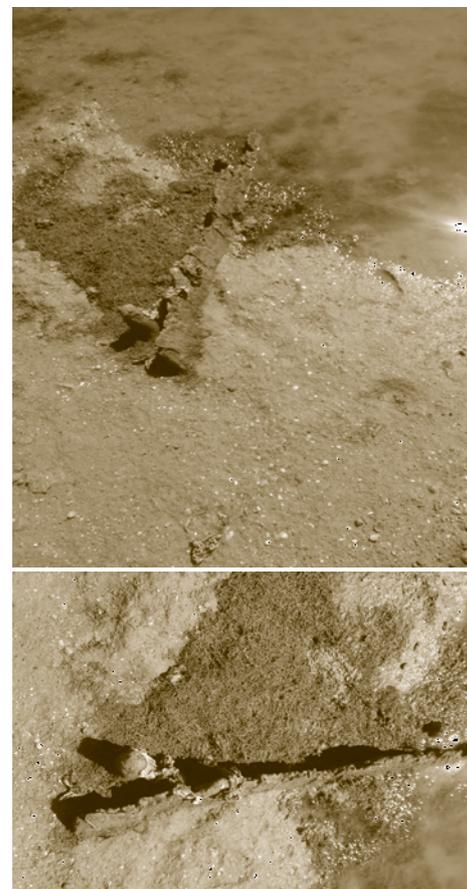
Tipo de sítio: Estrutura madeira indeterminada

Descrição: Junto ao cais (NI35) verifica-se um conjunto de estruturas de madeira com tabuados conetados, com uma extensão visível à superfície de 1,5 metros, apresentando estacas na lateral.

Poderão corresponder a parte da estrutura do deque do antigo cais, embarcação ou estruturas de armadilha de pesca. Ainda que se localize próximo, optámos por lhe dar um número de inventário próprio.

Acesso: O acesso é feito pela rua Eng. Luís Paiva e Sousa, em direção à Foz do Arelho, junto ao cais palafítico a poucos metros para Este.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias da estrutura



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 77

CNS: 25531

Topónimo: Quinta da Barrosa 7

Período cronológico: Indeterminado

Localização geográfica: 39°24.299'N 9°11.568'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Rua Eng. Luís Paiva de Sousa

Tipo de sítio: Cais Palafítico

Descrição: Corresponde a um conjunto de estacas em madeira de um provável antigo cais de estrutura palafítica, atualmente muito degradado e sem utilização.

Acesso: Na Rua Engenheiro Luís Paiva e Sousa n26, em direção à Foz do Arelho, virar a sul em direção à lagoas/sapal.

Nº de inventário: 78

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Barrosa 8

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.305'N 9°11.563'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Rua Luís Paiva de Sousa

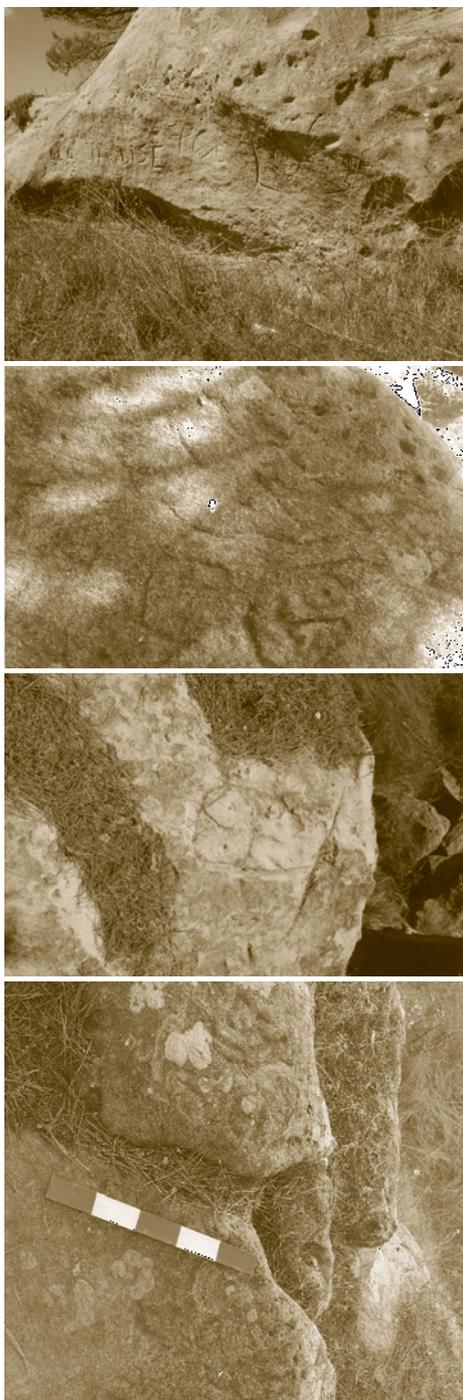
Tipo de sítio: Naufrágio

Descrição: Trata-se de uma pequena embarcação, provavelmente uma bateira.

Acesso: Na Rua Engenheiro Luís Paiva e Sousa n26, em direção à Foz do Arelho, virar a sul em direção à lagoas/sapal.



Imagens: Fotografias da estrutura



Imagens: Fotografias de algumas gravuras

Nº de inventário: 83

CNS: Inédito

Topónimo: Canto Nadadouro Paiva e Sousa 1

Período cronológico: Pré-História a Contemporâneo

Localização geográfica: 39°24.175'N 9 °12.051'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Ardonha

Tipo de sítio: Arte rupestre e gravuras recentes

Descrição: Sobre um aglomerado rochoso, junto à lagoa de Óbidos, verificaram-se diversas inscrições e gravuras relativamente recentes. As inscrições são realizadas pela técnica incisa (assinaturas, declarações). São-lhes associadas caracteres alfanuméricos, realizados pela técnica de abrasão e picotagem com material duro, tendo sido consideradas do período moderno ou contemporâneo.

Observam-se, no entanto, algumas possíveis covinhas e gravuras feitas a abrasão com características que as podemos integrar, com algumas reservas, em períodos anteriores.

Acesso: Pela rua Eng. Luís Paiva e Sousa, virando à esquerda, na curva, por uma via de terra batida, até chegar à lagoa de Óbidos e a um aglomerado rochoso do lado direito, no término dessa estrada. Este prolonga-se em altitude até à zona de topo que dá acesso a uma floresta de pinheiros junto à lagoa.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Nº de inventário: 84

CNS: Inédito

Topónimo: Canto Nadadouro Paiva e Sousa 2

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39° 24.200´N 9°12.051´W

Freguesia: Nadadouro

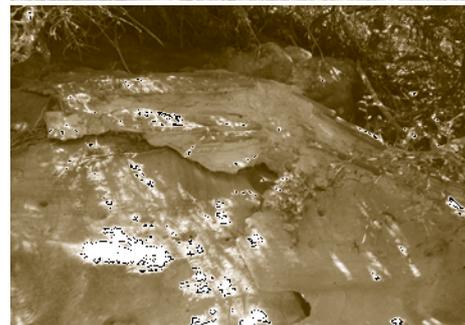
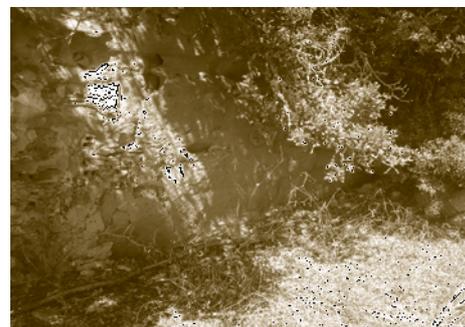
Lugar: Ardonha

Tipo de sítio: Ruína com nicho, tipo oratório, de pequena estrutura edificada.

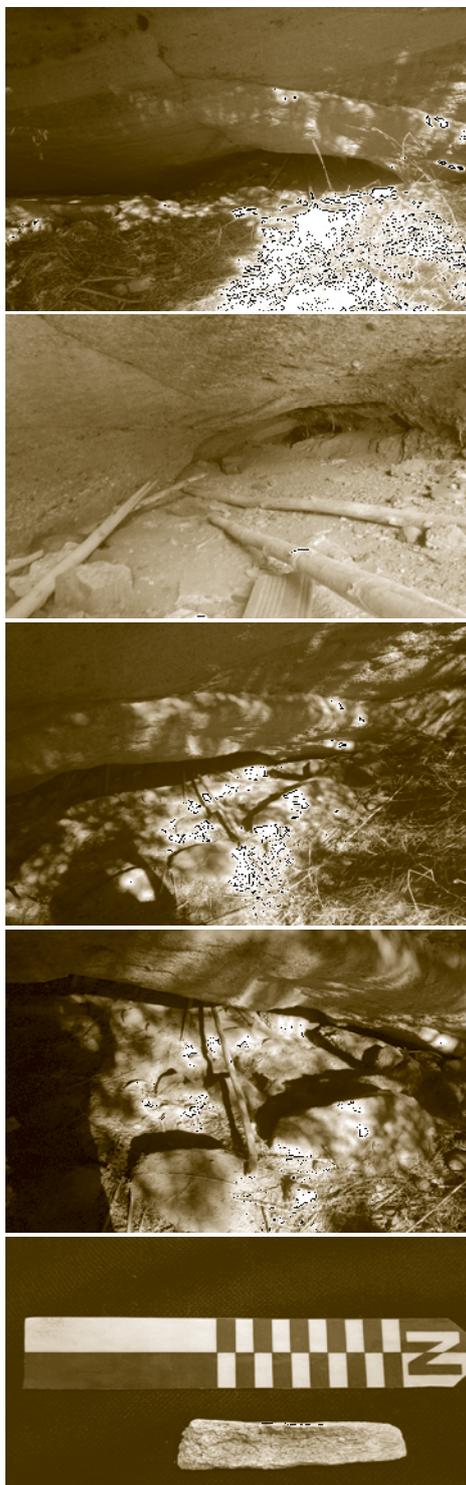
Descrição: Junto a um aglomerado rochoso e aproveitando o mesmo registam-se estruturas antigas de um edificado, relativamente pequeno. Numa das paredes da rocha, que servia de parede da casa, verifica-se um pequeno nicho, tipo oratório, com cerca de 30 cm de altura por 15 cm de largura. As estruturas da casa teriam cerca de 50 cm de largura, em pedra e adobe.

Acesso: Na lagoa de Óbidos, em Nadadouro, sobre a curva da rua Eng. Luís Paiva e Sousa, vira-se à esquerda por uma via de terra batida até chegar à Lagoa de Óbidos. O aglomerado rochoso encontra-se do lado direito, no término da via, e prolonga-se em altitude. Ao lado da rocha regista-se a ruína.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias das estruturas



Imagens: Fotografias da cavidade e ossos humanos

Nº de inventário: 85

CNS: Inédito

Topónimo: Canto Nadadouro Paiva e Sousa 3

Período cronológico: Pré-histórico?

Localização geográfica: 39° 24.200´N 9 °12.052´W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Ardonha

Tipo de sítio: Gruta

Descrição: Cavidade com uma dimensão de quase dois metros de largura, prolongando-se em profundidade a mais de 10 metros, descendo ligeiramente, abrindo depois em área. Apresenta uma estrutura de contenção de terras na entrada. Regista uma camada de sedimento arenoso com possibilidade de alguma potência. Foram recuperados ossos humanos e de fauna.

Acessos: Na lagoa de Óbidos, em Nadadouro, sobre a curva da rua Eng. Luís Paiva e Sousa, vira-se à esquerda por uma via de terra batida até chegar à Lagoa de Óbidos. Ao lado direito regista-se uma grande rocha, no término da via. Ao lado da rocha, por detrás de uma ruína de uma pequena habitação, localiza-se a cavidade.

Nota técnica antropológica: Registados 3 fragmentos osteológicos, sendo um deles de osso humano longo. Apresenta descoloração e destruição tafonómica (realizada pela empresa Ambigrama, Lda).

Local de depósito: IPT

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Nº de inventário: 86

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Barrosa 1

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.218´N/9°11.916´W

Freguesia: Nadadouro

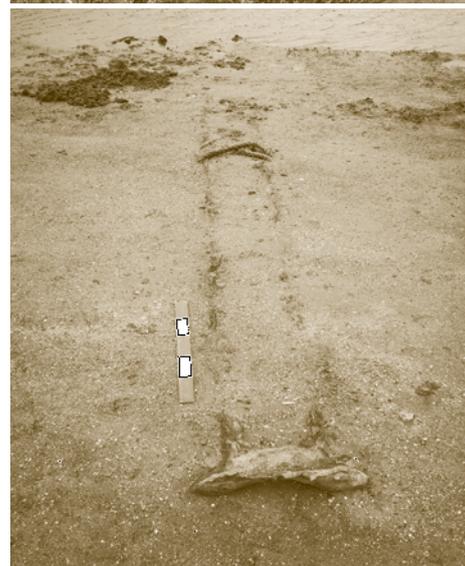
Lugar: Rua Engenheiro Luís Paiva Sousa

Tipo de sítio: Achado isolado – Estruturas de metal

Descrição: Na zona da Quinta do Barroso, logo a seguir ao Cais (NI34), registam-se diversos elementos de tubagem em ferro, que podem ter pertencido a estruturas de escoamento. Alguns destes objetos possuem 3 metros de comprimento. As bocas têm, na maioria, 40cm de diâmetro. Ainda que tenham sido registados vários elementos (ao todo 5), foram integrados como um único local/ficha de inventário.

Acessos: O acesso ao local é feito através da rua Engenheiro Luís Paiva e Sousa em direção à Foz do Arelho, virando no parque de estacionamento antes do Estaleiro Central e seguindo junto à margem, para o lado direito do Cais.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias dos vestígios registados



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 87

CNS: Inédito

Topónimo: Ponta da Dordonha

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39° 24.220´N/9°12.020´W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Estrutura de Cais

Descrição: Na zona da lagoa, a poucos metros da margem, registam-se à superfície duas estacas que podem pertencer à estrutura de um antigo cais, já muito destruído. Encontram-se a uma distância de 1,5m uma da outra, em linha recta.

Acessos: Pela estrada de terra batida que se encontra junto ao estaleiro central.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Nº de inventário: 88

CNS: Inédito

Topónimo: Braço da Barrosa 1

Período cronológico: Época Moderna/Contemporânea

Localização geográfica: 39° 24.165´N/9°12.010´W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Via

Descrição: Corresponde a um troço de uma calçada com seixos rolados e alguns fragmentos cerâmicos de cronologia Moderna / Contemporânea.

Possui uma extensão de cerca de 100m.

Acessos: Localiza-se na zona do Braço da Barrosa, após virar à esquerda, para Este, no seguimento da estrada de terra batida.



Imagens: Fotografias da estrutura



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 89

CNS: Inédito

Topónimo: Braço da Barrosa 2

Período cronológico: Indeterminado

Localização geográfica: 39°24.205'N/9° 11.032'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Naufrágio

Descrição: Corresponde a uma zona onde é possível observar um conjunto de madeiras (possíveis cavernas) em conexão, provavelmente de uma embarcação de médias dimensões, estando à vista a parte superior do que pode ser a proa. Próximo, registam-se outras estruturas em madeira, sem conexão com aquela, pelo menos visíveis, que poderão pertencer a uma estrutura de antigo cais ou a partes da estrutura dessa mesma embarcação.

A embarcação seria em madeira e apresenta uma zona central sobressaída, junto à extremidade da possível proa. Devido ao ambiente pantanal não foi possível reconhecer materiais, nem nos aproximarmos dos vestígios.

Acessos: No Braço da Barrosa virar à esquerda, para Este, na estrada de terra batida.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Nº de inventário: 90

CNS: Inédito

Topónimo: Braço da Barrosa 3

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.122'N/9°10.955'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Embarcação

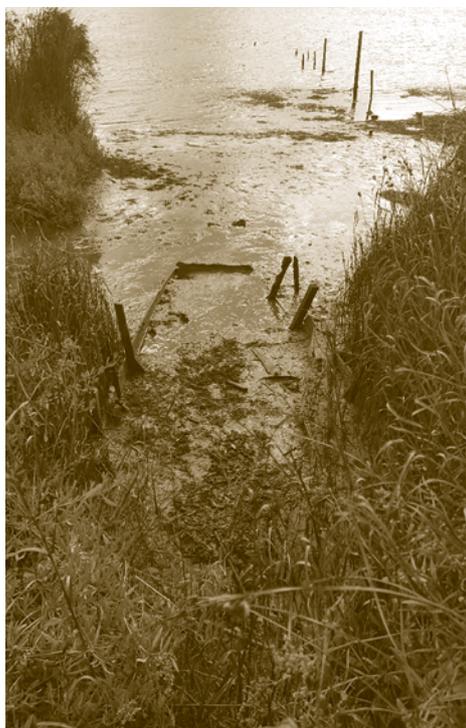
Descrição: Trata-se de uma embarcação (tipologia: Bateira) abandonada e encalhada no lodo, parte já destruída e submersa, presente na margem da lagoa, conservando ainda a sua estrutura lateral intacta. A opção de registo deve-se ao facto de que a mesma aparenta estar abandonada, acabando, com o tempo, por submergir no lodo.

Acessos: No Braço da Barrosa virar à esquerda, para este, na estrada de terra batida.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias da estrutura



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 91

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Barrosa 2

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.295'N 9°11.582'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Embarcação

Descrição: Corresponde a uma embarcação de pequena dimensão.

Tipologia: Bateira.

Encontra-se abandonada e em muito mau estado de conservação, sendo que está quase totalmente submersa. Ao lado regista-se uma zona de estrutura de antigo cais.

Acesso: Pela rua Engenheiro Luís Paiva e Sousa n.º 26, em direção à Foz do Arelho, devendo-se virar para sul em direção à lagoa/sapal.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Nº de inventário: 92

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Barrosa 3

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.343´N 9°11.443´W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Estrutura de madeira

Descrição: Observa-se um conjunto de estacas de madeira de funcionalidade indeterminada, podendo ser estruturas de pesca, elementos de alguma embarcação ou até o que restou de um antigo cais. Não é, pois, possível determinar a sua funcionalidade direta. Estes elementos de restos de estruturas de madeira prolongam-se para nordeste, corroborando a possibilidade de se tratar de vestígios de um antigo cais.

Acessos: Na rua Engenheiro Luís Paiva e Sousa n.º93, em direção à Foz do Arelho, virar a Sul em direção à lagoa/sapal a uns 70m.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias da estrutura



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 93

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Barrosa 4

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°25.417'N 9°11.477'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Estrutura de madeira

Descrição: O sítio NI93 é o prolongamento das estruturas de NI92, havendo uma maior concentração na zona mais a norte, no NI93. Trata-se de diversas estacas e outros elementos desconectados.

Pelo facto de estarem inclusos no lodo não foi possível aproximar-nos e registar com mais pormenor os vestígios.

Acessos: Na Rua Engenheiro Luís Paiva e Sousa n.º93, em direção à Foz do Arelho, virar a sul em direção à lagoa/sapal a uns 70m.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Nº de inventário: 94

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Barrosa 5

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39° 24.460'N/9 °11 323'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Cais palafítico

Descrição: Junto à lagoa, no lodo, observa-se um conjunto de estacas de madeira, do que restou de um cais. Os vestígios visíveis à superfície são observados até cerca de 9 metros da costa. Os posicionamentos das estacas distam cerca de 1,50 m uns dos outros em comprimento e 1 metro em largura.

Acessos: Junto ao Braço da Barrosa virar à direita, por caminho de terra batida próximo à lagoa a 250m.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias da estrutura



Nº de inventário: 95

CNS: Inédito

Topónimo: Ponta das Casinhas

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39° 24.918'N 9°12.242'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Embarcação

Descrição: Trata-se de uma bateira abandonada em terra. Conserva ainda a sua estrutura e partes da pintura, bem com as âncoras de ferro. Optámos por registar a localização da estrutura atendendo ao seu interesse patrimonial etnográfico e náutico, bem como ao facto de acabarem, muitas embarcações nestas condições, por serem absorvidas pelos sedimentos de lodo.

Acessos: Na Rua Engenheiro Luís Paiva e Sousa n.º160, em direção à Foz do Arelho, virar a sul em direção à lagoa. Observa-se a uns 40m.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 96

CNS: Inédito

Topónimo: Braço da Barrosa 4

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.302'N 9°11.140'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Estrutura de cais

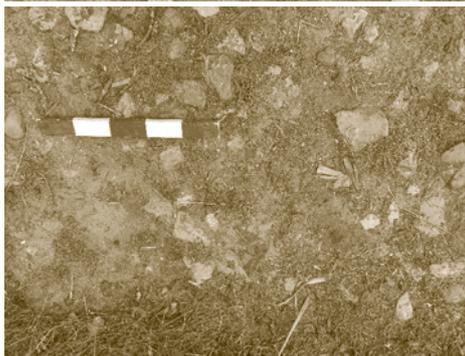
Descrição: No Braço da Barrosa para Este, próximo à margem, registam-se diversas estruturas de madeira de uma plataforma de um antigo cais já completamente submerso e destruído. Devido ao ambiente pantanoso, não foi possível a recolha de material ou aproximação mais precisa.

Acessos: Junto ao Braço da Barrosa virar à esquerda, para Este, na estrada de terra batida.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias da estrutura



Imagens: Fotografias da estrutura

Nº de inventário: 97

CNS: Inédito

Topónimo: Quinta da Barrosa 6

Período cronológico: Moderno/Contemporâneo

Localização geográfica: 39°24.270'N 9°10.843'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Calçada/via

Descrição: Troço de cerca de 130 metros de comprimento de uma antiga calçada, de 2 metros de largura.

A calçada foi realizada em seixos de pedra de pequena e média dimensão associados a alguns fragmentos cerâmicos de telha.

Acessos: Junto ao Braço da Barrosa virar à esquerda, para Este, na estrada de terra batida e depois voltar a virar à direita na primeira cortada.

Bibliografia: (FIGUEIREDO et al. 2021).

Nº de inventário: 98

CNS:

Topónimo: Braço da Barrosa 5

Período cronológico: Época Contemporânea

Localização geográfica: 39°24.317'N 9°11.215'W

Freguesia: Nadadouro

Lugar: Lagoa de Óbidos

Tipo de sítio: Cais Palafítico

Descrição: No final do Braço da Barrosa, regista-se um antigo cais, já descrito em 2017 (FRAGA, 2017) e remetido à DGPC com o número PAZSLO9. Corresponde a um conjunto de estacas em madeira, de uma estrutura em palafita, atualmente muito degradado.

Acessos: No final do sítio de Braço da Barrosa, por uma estrada de terra batida.

Bibliografia: (FRAGA, 2017; FIGUEIREDO et al. 2021).



Imagens: Fotografias da estrutura

6. Fichas de Análise de Naufrágios

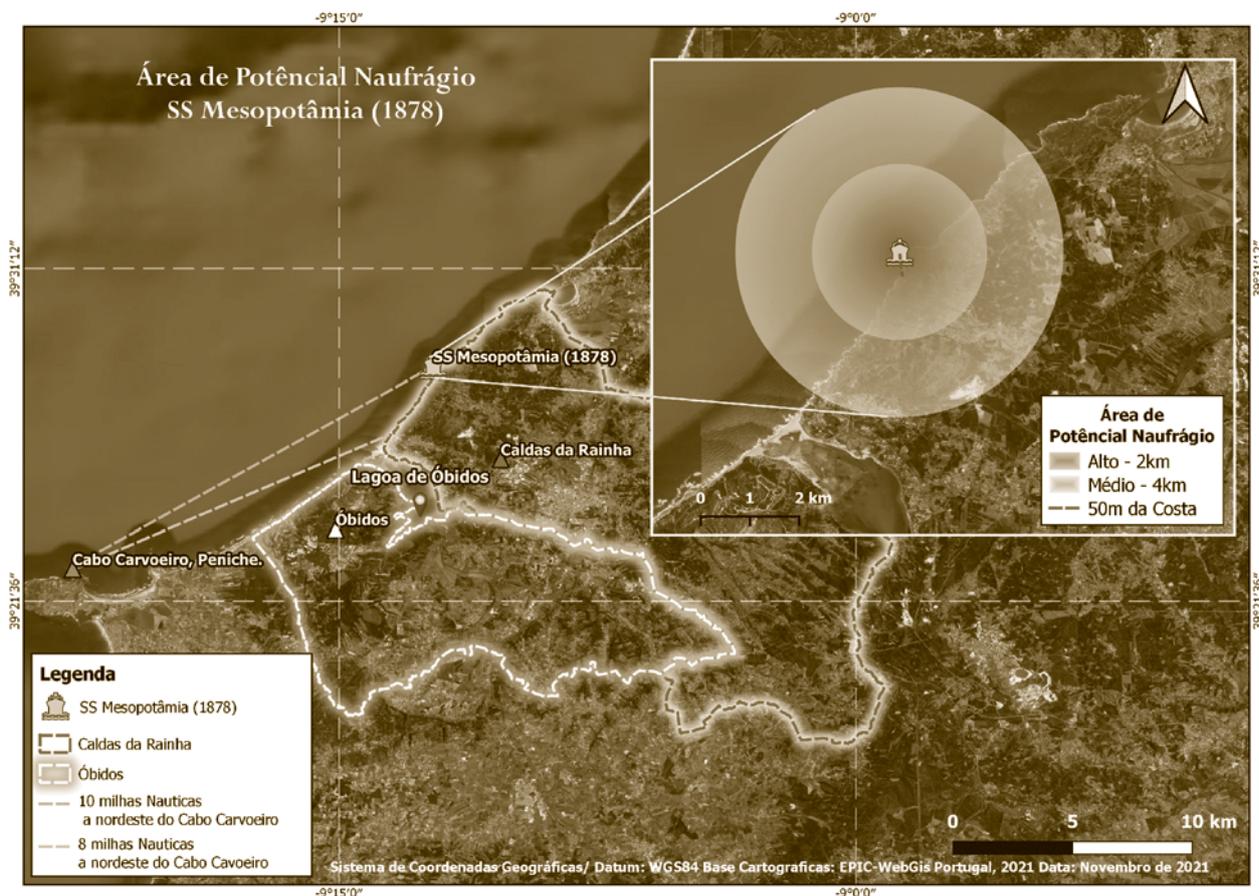
Atendendo ao desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa relacionados com o património arqueológico subaquático, realizámos uma série de estudos de apuramento de localização possível de naufrágios para a criação de áreas de probabilidade com vista à minimização de impactes. O estudo concentrou-se nos que dispõem de informação pública credível, na área do concelho de Caldas da Rainha.

Desta forma, apresentamos de seguida esses estudos para conhecimento das entidades responsáveis, estipulando áreas e zonas de maior potencialidade dessas ocorrências, para a devida mitigação e salvaguarda patrimonial.

Os números de inventário seguiram a mesma ordem dos sítios registados, mas o conteúdo de apresentação e parâmetros de análise são diferentes. A designação define-se como “ficha de análise de naufrágio.”



FICHA DE NAUFRÁGIO	NI102(CNS40999)
SS Mesopotâmia (1878)	
Nome	SS Mesopotâmia
Coordenada (De acordo c/ fonte)	-
Coordenada Central (Hipotética)	39°28.376N 9°12.266W
Nacionalidade	Britânica
Tipologia	Navio Cargueiro
Material Construtivo	Ferro
Propulsão	Vapor
Causa do Sinistro	Encalhe / Naufrágio
Data do Naufrágio	18/12/1878
Objetivo	Transporte de Ferro



Descrição

Trata-se de um navio com propulsão a vapor, com tipologia de cargueiro, de nacionalidade britânica, que, segundo os registos históricos, estaria carregado com 200 toneladas de ferro, iniciando a viagem a partir do porto de Londres.

Segundo o *Diário do Governo*, o navio naufragou a uma distância de 8 a 10 milhas do Cabo Carvoeiro, em Peniche.

Segundo as testemunhas descritas no relatório de investigação do tribunal nº 372, a embarcação teria batido nos rochedos a não menos que 50 metros da praia. Consta nos autos a razão do embate, que foi a elevada carga de ferro, assim como uma falha na calibração da bússola, devido à influência magnética do ferro transportado, que ocasionou um erro de navegação, conduzindo o navio às rochas.

A embarcação traria a bordo 32 tripulantes e 5 passageiros, tendo falecido 8 pessoas.

A localização hipotética definida para este naufrágio levou em consideração as informações dos registos históricos, ou seja: distância de 8 a 10 milhas náuticas a nordeste do Cabo Carvoeiro, em Peniche; distância de 50 metros da linha de costa; naufrágio ocorrido nos rochedos.

Com base nestas informações foi estabelecido um ponto mediano.

A partir deste foram determinadas áreas de alto e médio potencial do naufrágio, sendo elas: alto potencial de naufrágio a 2 km a partir do ponto central considerado e de médio potencial a 4 km a partir do mesmo ponto.

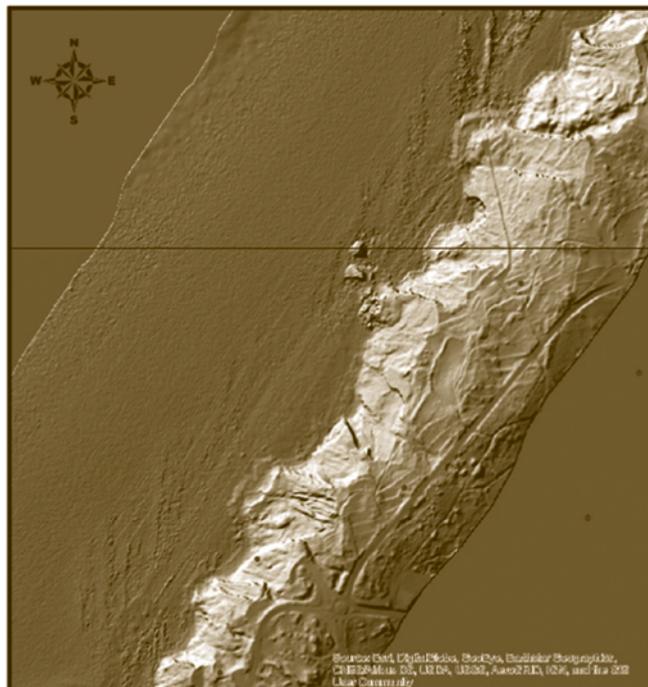
Através da análise dos relatos (HOCKING, 1969; OMOND 2011) e com base no levantamento LIDAR, verificamos que a zona apontada apresenta, frente à costa, um conjunto de rochas e baixio, onde o navio poderá ter batido e naufragado, indo ao encontro das descrições.

Esta análise aponta também para zona provável a área rochosa subaquática existente em frente à povoação de Azeirinhas, na Foz do Arelho, uma vez que, para além de integrar o espaço da distância indicada para o naufrágio e estar em consonância com os relatos, é a única zona que possui rochas submersas de maior dimensão, criando uma área de risco.

A zona mais a norte apresenta afloramento, mas não tão volumoso.

Os dados de LIDAR existentes permitem fazer uma análise até cerca de 600 metros da costa; no entanto, a resolução é muito fraca para apuramento de dados precisos.

Para além dos relatos apresentados, o naufrágio do SS Mesopotâmia encontra-se também mencionado no *Diário Ilustrado*.

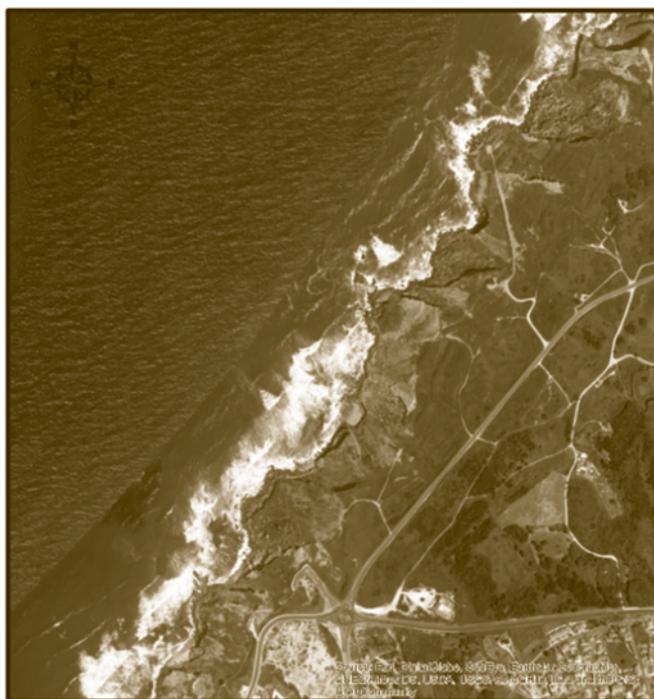


Levantamento LIDAR número 326_1_42 e 326_1_52, com filtro HS_A315_H35_8bit.tif, realizado em ArcMap (ESRI).



2021 CARACARA

Imagens: Resultado da operação com base em levantamento LIDAR, 326_1_52 e 326_1_42-mis_orto_HS_A315_H35_8bit.tif e ortofoto da zona apresentada.



Foz do Arelho, basemap World Imagery (ESRI)



2021 CARACARA

Registo Histórico

(No. 372.)

“MESOPOTAMIA,” (S.S.)

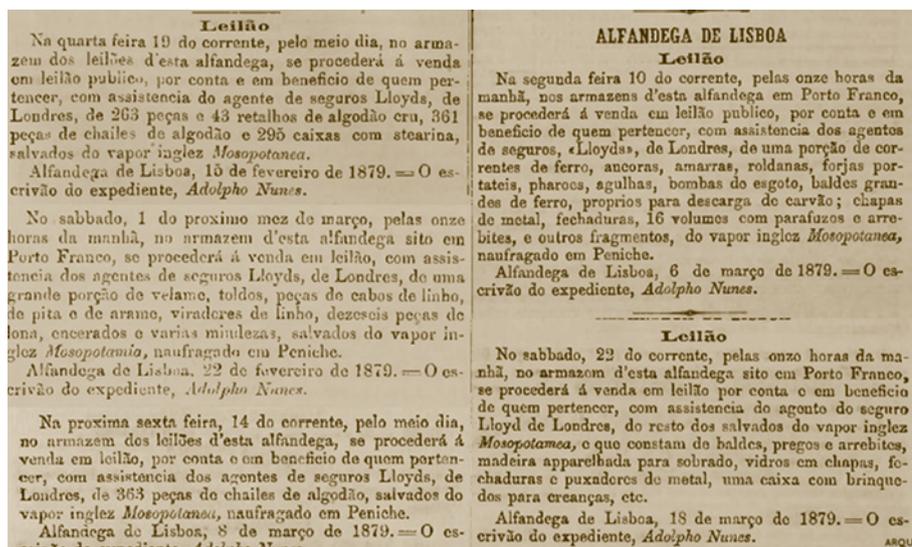
The Merchant Shipping Acts, 1854 to 1876.

In the matter of a formal investigation held at Westminster, on the 6th and 7th of February 1879, before H. C. ROTHEBY, Esquire, Wreck Commissioner, assisted by Rear-Admiral APLIN, R.N., and Captain HIGHT, as Assessors, into the circumstances attending the stranding of the steamship “MESOPOTAMIA,” of London, about 10 miles from Peniche Point, on the Coast of Portugal, on the 18th of December 1878, whereby the said ship was lost and eight of her crew were drowned.

suddenly broke between the stuffing-box and the propeller, and of course the engines were at once stopped. In about 10 minutes afterwards the vessel floated, sail was immediately set, but the wind was blowing so strong from the south-west that her head was canted round to the north, and she went broadside on to the beach. Rockets were thereupon sent up, and by their light it was seen that they were within a very short distance of the land, according to some of the witnesses not more than 40 or 50 yards off. As the tide rose the vessel bumped heavily, and orders were accordingly given to get out one of the lifeboats to carry out an anchor. At 9.30 p.m. the lifeboat was sent off for the purpose of communicating with the shore, having on board her 12 men altogether, including two officers, two of the passengers, four able seamen, and the rest firemen. On approaching the breakers the boat was unfortunately capsized, and out of the 12 five only succeeded in reaching land, the other seven having been drowned.

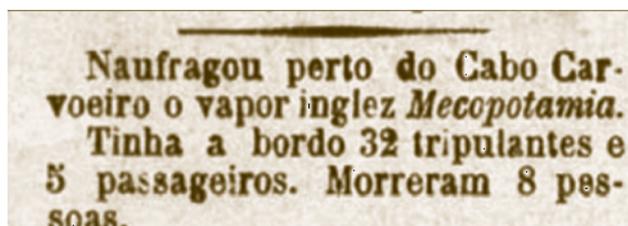
Referência: Relatório de investigação, nº 372. Ano de 1879.

Link do arquivo de investigação completo: <https://www.wrecksite.eu/docBrowser.aspx?3591?7?1>



Referência: Extraído do Diário do Governo - Portal DIGIGOV.

Publicação: fevereiro e março de 1879.



Referência: Diário do governo, 1879.

Link do arquivo de investigação completo: <https://www.wrecksite.eu/docBrowser.aspx?3591>



FICHA DE NAUFRÁGIO	NI103 (CNS40990)
La Force (1845)	
Nome	La Force
Coordenada (De acordo c/ fonte)	-
Coordenada Central (HIPOTÉTICA)	39°26.024N 9°14.192W
Nacionalidade	Francesa
Tipologia	Cargueiro
Material Construtivo	Madeira
Propulsão	Vela
Causa do Sinistro	Encalhe / Naufrágio
Data do Naufrágio	7/11/1845
Objetivo	Transporte de Trigo

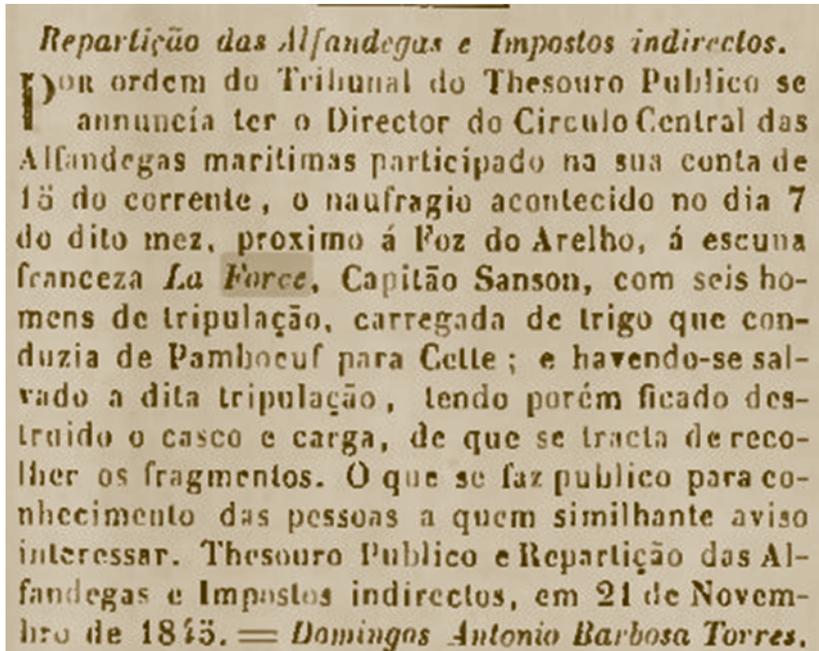
Descrição

Trata-se de um navio do tipo escuna, com propulsão a vela que, segundo os registos históricos, naufragou próximo de Foz do Arelho, nas Caldas da Rainha, no dia 7 de novembro de 1845.

A tripulação contava com 6 pessoas e a carga era de trigo, advindo de Pambouef e dirigindo-se a Celle. Não foi identificado qualquer registo sobre a causa do sinistro.

Como se trata de uma embarcação francesa, podemos inferir que a rota de navegação tinha o sentido Norte-Sul. Considerando apenas a informação de se localizar próximo a Foz do Arelho, foi calculada uma coordenada central hipotética a cerca de 500 metros da barra arenosa da lagoa de Óbidos, local este com dinamismo de marés, que pode contribuir para encalhes. Após este ponto central considerou-se 1 km de raio a partir da coordenada central hipotética, reduto também de outros naufrágios. Portanto, o polígono traçado abrange toda a área de potencial naufrágio do *La Force*.

Registo Histórico



Repartição das Alfandegas e Impostos indirectos.
Por ordem do Tribunal do Thesouro Publico se
annuncia ter o Director do Circulo Central das
Alfandegas maritimas participado na sua conta de
15 do corrente, o naufragio acontecido no dia 7
do dito mez, proximo á Foz do Arelho, á escuna
franceza *La Force*, Capitão Sanson, com seis ho-
mens de tripulação, carregada de trigo que con-
duzia de Pambocuf para Cete; e havendo-se sal-
vado a dita tripulação, tendo porém ficado des-
truido o casco e carga, de que se tracta de reco-
lher os fragmentos. O que se faz publico para co-
nhecimento das pessoas a quem semelhante aviso
interessar. Thesouro Publico e Repartição das Al-
fandegas e Impostos indirectos, em 21 de Novem-
bro de 1845. — Domingos Antonio Barbosa Torres.

Referência: Extraído do Diário do Governo - Portal DIGIGOV. Publicação: 22 de novembro de 1845.



FICHA DE NAUFRÁGIO

NI104 (CNS40432)

SS ZULO (1877)

Nome	SS Zulo / Lulo
Coordenada (De acordo c/ fonte)	-
Coordenada Central (Hipotética)	39°25.922N/ 9°13.959W
Nacionalidade	Britânica
Tipologia	Cargueiro
Material Construtivo	Ferro
Propulsão	Vapor
Causa do Sinistro	Encalhe / Naufrágio
Data do Naufrágio	7/11/1877
Objetivo	Transporte de Carvão

Descrição

O *SS Zulo*, *Zulu* ou *Lulo*, trata-se de um navio a vapor que, segundo os registos históricos, encalhou nos bancos de areia a 20 metros da praia de Foz do Arelho, no concelho de Caldas da Rainha, no dia 31 de julho de 1877. O motivo do sinistro está relacionado com os fortes nevoeiros que causaram desorientação na navegação. É referido também como causa o excesso de peso, que dificultou as manobras de saída dos bancos de areia, resultando, portanto, no encalhe e consequente naufrágio.

A bordo seguiam 44 tripulantes e 7 passageiros, na maioria chinesa. Todos foram salvos, bem como parte das suas bagagens.

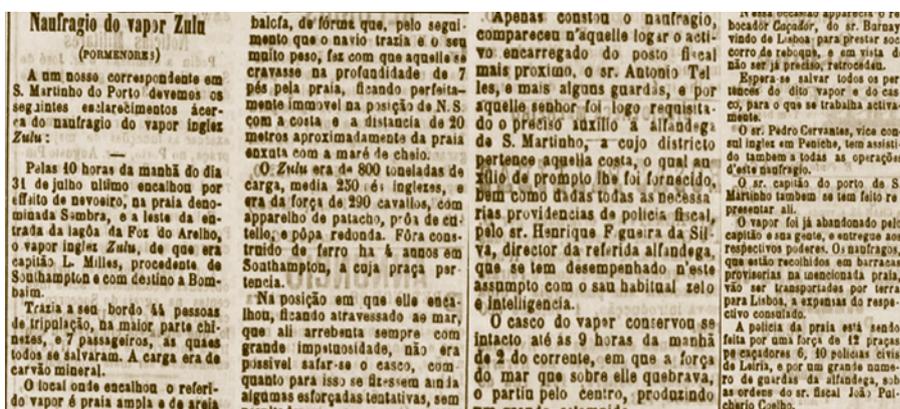
O objetivo do navio seria, segundo o registo histórico, realizar o transporte de carvão de Southhampton, na Inglaterra, para Bombaim, Índia. Supondo esta rota, é pertinente inferir que o sentido de navegação seria norte-sul.

Teria como dimensões 68.5 x 8.9 m e foi construído em 1872 pela Oswald Shipbuilding Co., Pallion (Sunderland).

A Estrutura apresentava aparelho de patacho, com proa de cutelo e redonda.

Considerando apenas a informação de se localizar na praia de Foz do Arelho, foi estipulada uma coordenada central hipotética aproximada a cerca de 50 metros da praia, local este com dinamismo de marés, que pode provocar encalhes, e com 500 metros de raio a partir da coordenada central hipotética. Portanto, o polígono traçado abrange toda a área de potencial naufrágio do *SS Zulo*, *Zulu* ou *Lulo*.

Registo Histórico



Referência: Extraído do Diário do Governo - Portal DIGIGOV. Publicação: 05 de agosto de 1877.

Por communicação do director da alfandega da Figueira consta que naufragou no dia 31 de julho ultimo, pelas dez horas da manhã, na praia da Foz do Arelho, o vapor inglez *Zulu*, capitão Males, procedente de Southampton, a cuja praça pertence, e seguia para Bombaim, com carga de carvão, trazendo oito dias de viagem, trinta e sete pessoas de tripulação, duas mulheres e cinco creanças, salvando-se todos, e julgando-se poder tambem salvar-se

CALDAS DA RAINHA, 3 de agosto de 1877.—O objecto que mais tem chamado a attenção das differentes familias que aqui se acham a uso de aguas, tem sido o naufragio do vapor inglez *Zulu*.

Referência: Extraído do Diário do Governo - Portal DIGIGOV. Publicação: 03 e 08 de agosto de 1877 respectivamente.

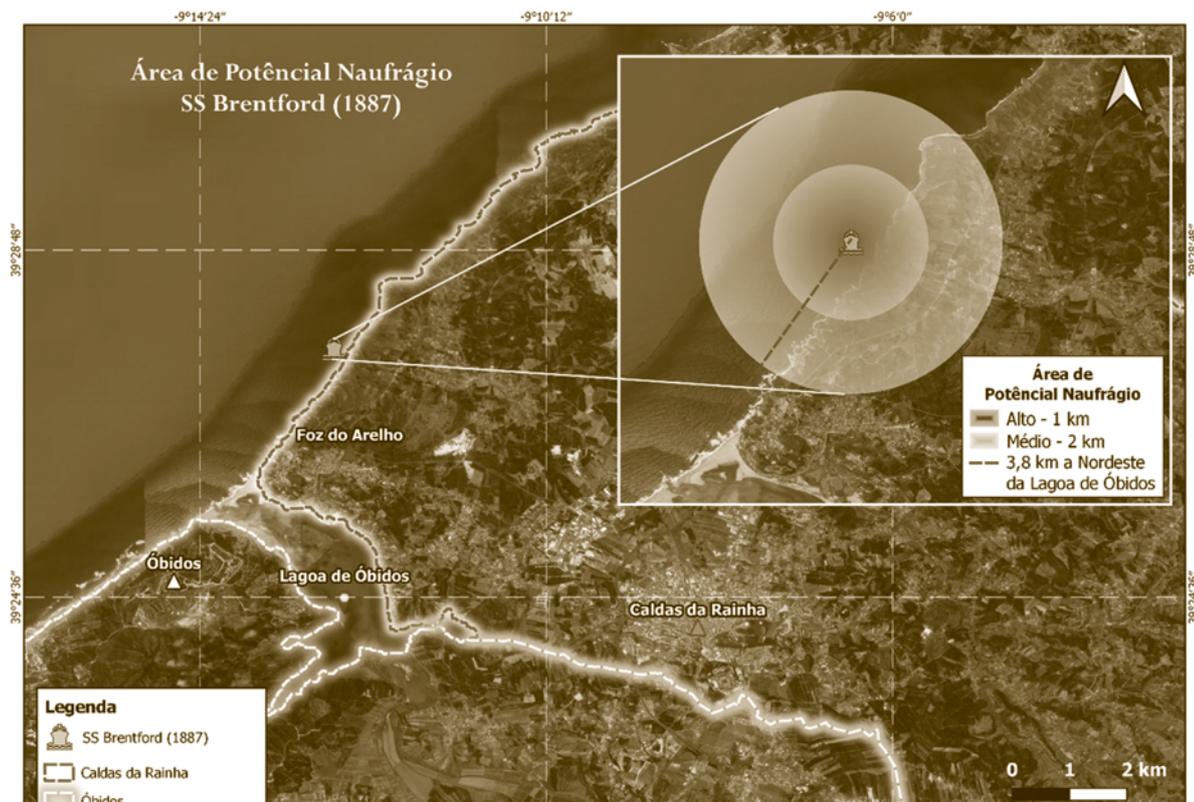
— Naufragou na praia da Figueira o vapor inglez *Luzò*, capitão Males, do Soutampton para Bombaim, com tripulação e passageiros em numero de 41 pessoas, entre as quaes duas mulheres e cinco creanças. A carga era de carvão.
Salvou-se a tripulação. •

Referência: Extraído do Diário do Governo
- Portal DIGIGOV. Publicação: 12 de agosto
de 1877 respectivamente.

Informações aparecem ainda no *Diário ilustrado*, 1877; no *Jornal do Comércio*, 1877 e na Revista de Lisboa, 1877.



FICHA DE NAUFRÁGIO	NI105
SS Brentford (1887)	
Nome	SS Brentford
Coordenada (De acordo c/ fonte)	-
Coordenada (Hipotética)	39°27.603N / 9°12.775W
Nacionalidade	Britânica
Tipologia	Navio Cargueiro
Material Construtivo	Ferro
Propulsão	Vapor
Causa do Sinistro	Encalhe / Naufrágio
Data do Naufrágio	20/01/1887
Objetivo	Transporte



Descrição

Trata-se de um navio com propulsão a vapor, de tipologia cargueiro, de nacionalidade britânica.

Não se observam informações relevantes sobre a causa do sinistro.

Apenas três referências foram encontradas durante a pesquisa deste naufrágio, uma no *Diário do Governo* (Portal DIGIGOV), outra no livro de Charles Hocking e a última no portal *Wrecksite*. Segundo estas fontes, a localização do naufrágio está a 2 milhas náuticas ao norte de Foz do Arelho, nas Caldas da Rainha.

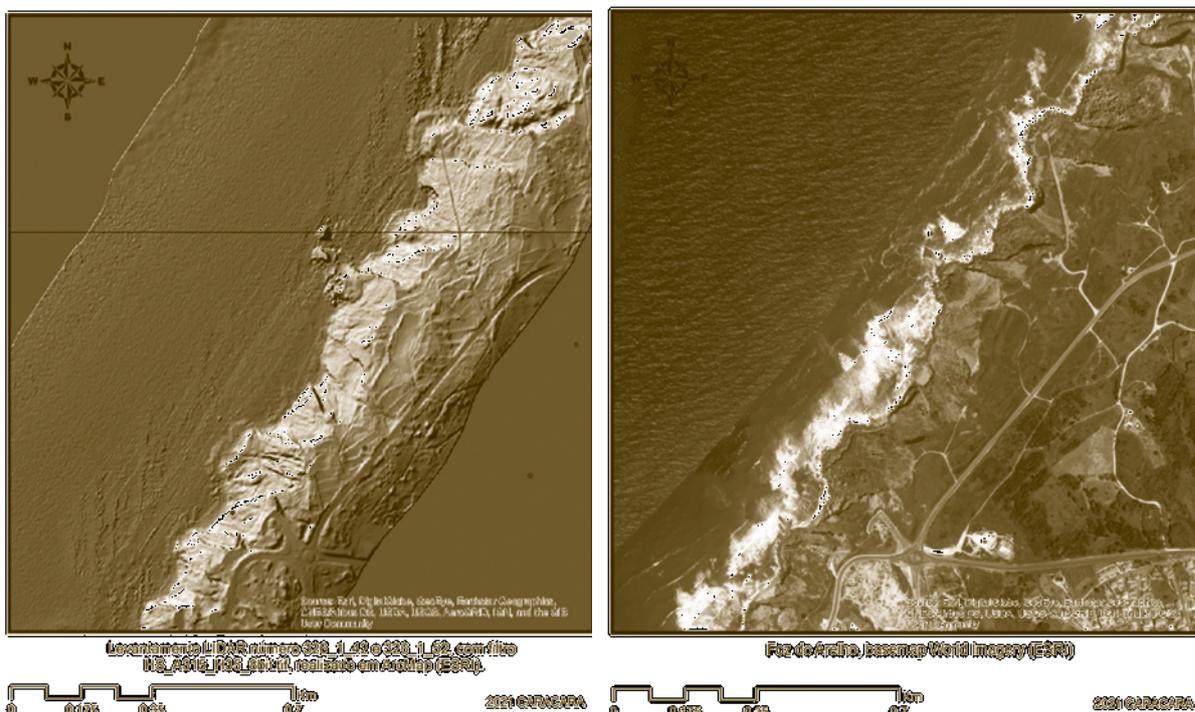
Iniciou a viagem em Newport, na Inglaterra, com destino a Malta. Considerando as informações das fontes, estabelecemos uma coordenada central aproximada, traçando uma linha paralela a partir da praia de Foz do Arelho na direção norte, a exatamente 2 milhas náuticas, calculadas a partir do *Google Earth*. A partir desta coordenada central foi projetado um *buffer* com um raio de 1 km em

que representa a área de alto potencial do naufrágio, e outro *buffer*, de 2 km, em torno da mesma coordenada, representando a área de médio potencial.

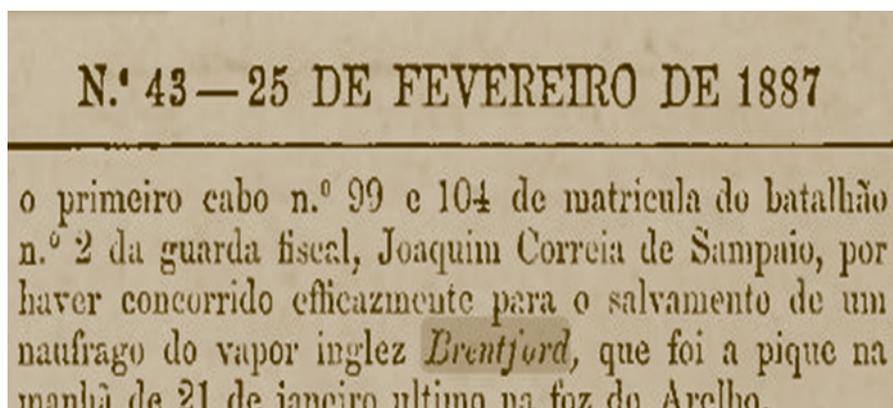
Este naufrágio, ainda que não tenhamos encontrado descrição das causas, poderá, tal como o do SS Mesopotamia, ter sido provocado pelo embate em rochas. Neste caso em concreto, a informação das 2 milhas náuticas coloca-o muito próximo à área assinalada e observada em LIDAR.

Os dados de LIDAR existentes permitem fazer uma análise até cerca de 600 metros da costa; no entanto, a resolução é muito fraca para apuramento de dados mais precisos.

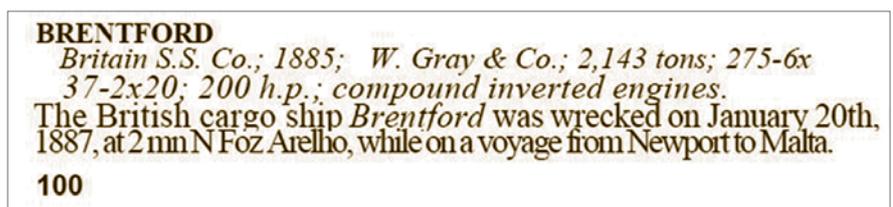
Resultado da operação com base em levantamento LIDAR, 326_1_52 e 326_1_42-mis_orto_HS_A315_HB5_8bit.tif e ortofoto da zona apresentada.



Registo Histórico



Referência: Extraído do Diário do Governo - Portal DIGIGOV. Publicação: 25 de fevereiro de 1887.



Referência: Hocking, Charles, Dictionary of Disasters at Sea during the Age of Steam

Links

<https://www.wrecksite.eu/wreck.aspx?133663?menu=no?chart=no>



FICHA DE NAUFRÁGIO	NI106(CNS31037)
SS Roumania (1892)	
Nome	SS Roumania
Coordenada (De acordo c/ fonte)	-
Coordenada Central (Hipotética)	39°25.756N/ 9°14.327W
Nacionalidade	Britânica
Tipologia	Navio Cargueiro
Material Construtivo	Ferro
Propulsão	Vela e Vapor
Causa do Sinistro	Encalhe / Naufrágio
Data do Naufrágio	28/10/1892
Objetivo	Transporte

Descrição

É um dos naufrágios mais conhecidos dentre os casos abordados neste estudo, localizado, de acordo com mergulhadores locais, à frente da lagoa de Óbidos. Exige-se o cuidado em prospeções, pois a área está localizada no principal ponto de alto potencial de outros naufrágios já citados, sendo fundamental a realização de uma análise tecno-tipológica para não se confundir com outros sítios arqueológicos de naufrágios nesta mesma região.

Trata-se de um navio com propulsão a vapor e a vela, de tipologia de cargueiro, de nacionalidade britânica com comprimento de 110,95 m, com largura máxima de 11,58 m e profundidade de 8,53 m. Atingia 44 km/h.

Segundo o site *wrecksite*, o navio naufragou na entrada da Lagoa de Óbidos devido a um grande temporal acompanhado de nevoeiro. Estima-se que o naufrágio se deu de noite ou de madrugada, visto que alguns corpos apareceram nas praias, com roupas de dormir.

Naufragaram cerca de 150 pessoas. Este naufrágio apresenta os mastros, quando as marés estão baixas. O fato de estar totalmente coberto de areia tem ajudado a conservá-lo. Existe uma lápide comemorativa do centenário deste acontecimento, de autoria da Junta de Freguesia da Serra do Bouro, que refere: “Em 28 de Outubro de 1892, nesta costa naufragou o navio de nacionalidade inglesa *S.S. Roumania*. Alguns dos seus náufragos repousam sob estas lápides”.

Sobre este naufrágio já existe um levantamento através de prospeção, realizado pelo arqueólogo Tiago Fraga, em 2015. O seu levantamento foi utilizado como fonte de pesquisa para o projeto denominado “Naufrágio de Óbidos”, pelo qual o concelho de Óbidos objetivou mapear os naufrágios em sua linha de costa para valorizar o património.

Registo Histórico

ROUMANIA

Render son Bros.; 1880; D. & W. Render son; 3,387 tons; 364-3x38x28-6; 480 h.p.; 14 knots; compound engines. The steamship Roumania, on a voyage from Liverpool to Bombay with 55 passengers and a crew of 67, was wrecked in heavy weather on October 27th, 1892, near Peniche, Portugal. One hundred and thirteen persons were drowned. Two passengers and seven Lascar seamen were saved.

Referência: Hocking, Charles, Dictionary of Disasters at Sea during the Age of Steam



SS Roumania na entrada da Lagoa de óbidos. Foto de Miguel Castro/ Pedro Ramalhete.

Link:<https://teresavaideferias.blogspot.com/2020/10/a-ultima-noite-do-ss-roumania-na-foz-do.html>

Por participação da alfandega de Lisboa, consta que na noite de 28 de outubro ultimo naufragou na costa, ao norte do Baleal, proximo á foz do Arelho, o paquete inglez *Roumania*, pertencente á praça de Liverpool, o qual seguia viagem para Bombaim com um importante carregamento e numerosos passageiros, muitos dos quaes pereceram no naufragio.

Referência: Extraído do Diário do Governo - Portal DIGIGOV. Publicação: novembro de 1892.

Links

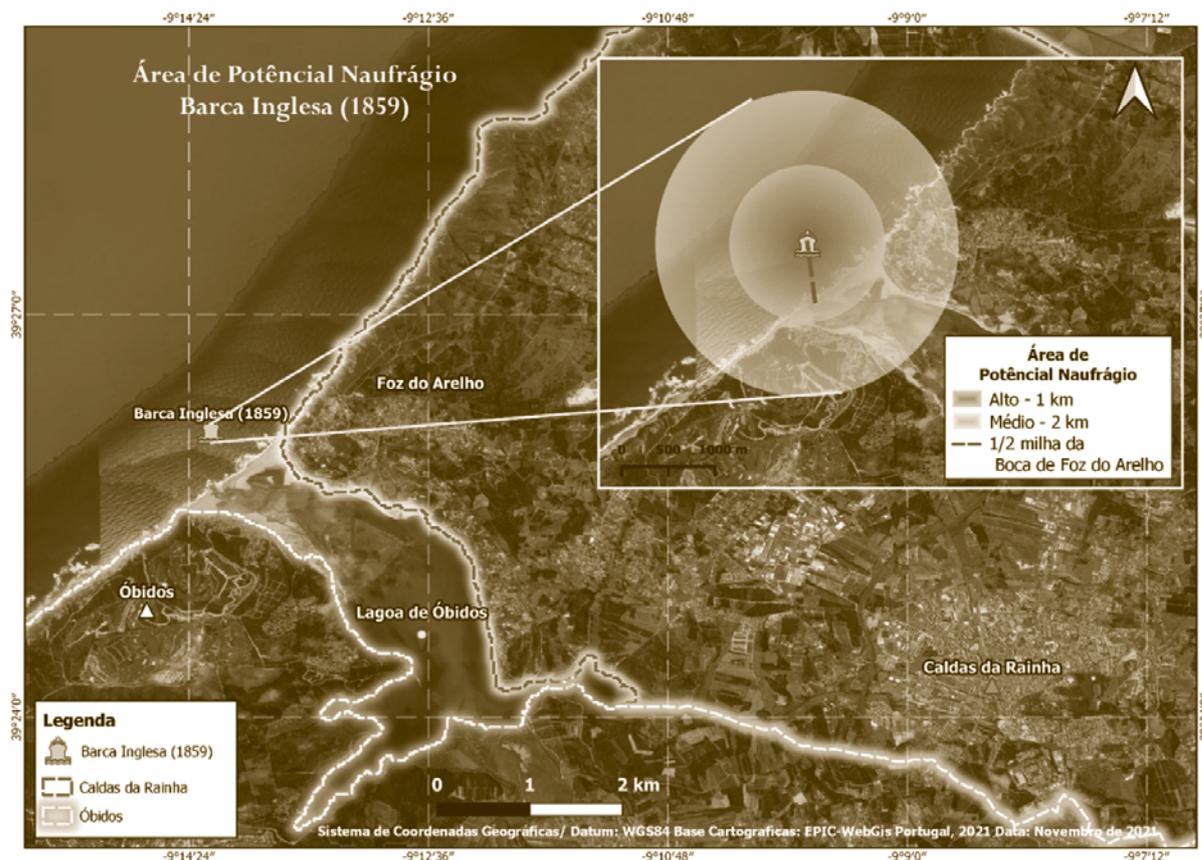
<https://arlindo-correia.com/061010.html>

<https://www.wrecksite.eu/wreck.aspx?175692?menu=no?chart=no>

https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyearmonthday?ano=1892&mes=11&tipo=a-dia-rio&filename=1892/11/04/D_0250_1892-11-04&pag=2&txt=



FICHA DE NAUFRÁGIO	NI107 (CNS 40991)
Barca Inglesa (1859)	
Nome	Barca Inglesa
Coordenada (De Acordo C/ Fonte)	-
Coordenada Central (Hipotética)	39°26.134N/9°14.364W
Nacionalidade	Britânica
Tipologia	Navio Cargueiro
Material Construtivo	Madeira
Propulsão	Vela
Causa do Sinistro	Encalhe / Naufrágio
Data do Naufrágio	01/05/1859
Objetivo	Transporte



Descrição

Trata-se de um naufrágio que carece de registo de informações sobre os seus aspetos construtivos, que auxiliaria a perceber o tipo de embarcação. De acordo com o registo histórico encontrado, por se tratar de uma barca, presume-se que fosse de madeira com propulsão a vela. O mesmo registo é muito claro quanto à provável localização: “meia milha de distância da boca da foz do Arelho”, situando-a na barra de entrada da lagoa de Óbidos. Segundo este registo, a barca teria encalhado na barra arenosa, em 01 de maio de 1859, podendo inferir-se, à semelhança de outros naufrágios dessa região, que teria sido ocasionado por fatores hidrometeorológicos como tempestades e nevoeiros, que levaram a desorientação da navegação. O único registo encontra-se no Portal do Diário do Governo Português (DIGIGOV), sem informações sobre as causas, o número de sobreviventes e tampouco o itinerário, sabendo-se apenas que estava carregada de carvão.

O polígono apresentado integra a área de probabilidade considerada.

Registo Histórico

4.º ANNUNCIO.
Dor participação do Sub-Director da Alfandega
de S. Martinho, consta que, no dia 1.º de Maio
ultimo, encalhára em um banco de areia, meia mi-
lha distante ao norte da bocca da foz do Arelho,
uma barca (que se presumiu ser ingleza), carrega-
da de carvão; tendo-se salvado alguns objectos do
dito navio, que se despedaçou. O que se faz pu-
blico em conformidade do n.º 1594 do Codigo
Commercial para conhecimento dos interessados.
Primeira Repartição da Direcção geral das Al-
fandegas e Contribuições indirectas, em 1 de
Agosto de 1859. = *Nuno José Gonçalves.*

Referência: Extraído do Diário do Governo - Portal DIGIGOV. Publicação: 02 de agosto de 1859.



7. Ocupação humana ao longo do tempo: análise sumária

7.1. Pré e Proto-História

A Pré-História engloba dois períodos distintos: a antiga e a recente. A primeira, em termos gerais, pode referir-se que corresponde à fase das sociedades dos caçadores recolectores e pescadores, que se organizavam em grupos. A estes períodos designamos de Paleolítico e Mesolítico. O Paleolítico, em termos climáticos, corresponde ao Plistocénico. Já o Mesolítico surge nas fases iniciais da Idade Pós-Glaciária, Holocénica. Segue-se, na Pré-História recente: o Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze. A Idade do Ferro, que antecede a romanização, integra-se já no que a comunidade científica designa de Proto-História, nela ocorrendo contactos entre povos do mediterrâneo, nomeadamente os Fenícios e Cartagineses.

Nestes, como em outros períodos cronológicos, o clima desempenhou um papel fundamental, como fator de extrema importância a condicionar parcialmente, assim como a explicar, a dispersão e tipologia das ocupações humanas.

Na verdade, durante a Idade Glaciária, até sensivelmente 10/8.000 a.C., existiram várias fases climáticas, umas mais frias, outras mais amenas, com impacto direto nas opções de localização, numa estreita correlação com os *habitats* humanos. A região onde hoje se implanta o concelho de Caldas da Rainha, como todas as outras, sofreu os efeitos destas alterações, relacionadas principalmente com as variações no nível do mar, avançando e retrocedendo na linha de costa.

As comunidades centravam-se numa economia de caça e recolha, tirando proveito oportuno do que a natureza lhes fornecia. Em termos comportamentais agrupavam-se em pequenas tribos familiares e praticavam a transumância, isto é, percorriam longas caminhadas atrás dos animais de maior porte, que viviam neste período, como é o caso do Auroque, há muito extinto. Sempre que se estabeleciam num local, montavam um acampamento perecível

e exploravam os recursos existentes nas proximidades, quer fossem rios ou jazidas de matéria-prima, como o sílex. O concelho de Rio Maior apresenta jazidas com inúmeros nódulos desta matéria, que facilmente poderiam ser trabalhados e convertidos em artefatos, funcionando nesse período como fator de atratividade para esta região estremenha. A maior parte dos sítios são registados precisamente pela presença de artefatos líticos.

Estes acampamentos eram temporários, mas, como se regista em várias situações, as áreas poderiam ser ocupadas sucessivamente, em diferentes anos, retornando a esta zona noutras alturas. Isto permite que se verifiquem grandes extensões de ocupação neste período, mas ela é atribuível a diferentes momentos geracionais.

Raramente se registam, em prospeção, estruturas ou outro tipo de vestígios que indiquem a ocupação destas comunidades.

O período mais frio foi o *Wurn*, a última glaciação, que integra o Paleolítico Médio e Superior. Nesta altura ocorria uma regressão marítima, a terra estendia-se em direção ao mar, podendo atingir várias dezenas de quilómetros para além da linha de costa atual. A título de exemplo, nestas fases, a lagoa de Óbidos não existiria e os rios ganhavam mais caudal. Por outro lado, quando havia uma transgressão marítima, a mesma lagoa daria lugar a um mar interior. Este, unindo ambientes lacustres como aquela lagoa, a de Óbidos, a de Alfeizerão e a da Pederneira, favoreceu, com toda a certeza, a fixação de animais e de comunidades durante a Pré-História mais antiga, nos períodos interglaciários, que intermeiam as glaciações, isto é, nos períodos mais quentes, em que a temperatura seria semelhante à atual, bem como na Pré-História mais recente, época em que a temperatura atinge uma média semelhante à atual e em algumas situações inclusive superior.

Para uma compreensão geral, na evolução humana, se optarmos por remontar somente até 400.000 anos, o Homem conhecido na generalidade como *Homo Heidelbergensis* já percorreria o nosso território. Durante o Paleolítico, o clima, a paisagem e o ambiente foram mudando lentamente, ocorrendo glaciações intervaladas com

períodos de temperatura mais quente. Nestes o mar ora recuava, com as glaciações, ora transgredia as linhas da costa, entrando em terra. Caldas da Rainha, por ser uma zona de baixa atitude, terá permanecido, durante a Idade Glaciária, com um clima relativamente menos frio que as zonas mais elevadas, propiciando o refúgio e a sobrevivência, tanto a espécies vegetais, como animais.

Da Pré-História conhecem-se sítios provenientes de achados de superfície, resultado de trabalhos de acompanhamento e prospeção na região. Importa referir que a informação relativa a estes locais, nomeadamente à sua descrição e aos materiais deles provenientes, é, na sua maior parte, escassa e insuficiente, carecendo alguns sítios de escavações para uma análise mais rigorosa e confirmação mais precisa da ocupação.

Referente ao Paleolítico Inferior estão registados dois sítios: Achada 2, na Serra de Todo o Mundo (CNS14345), na freguesia do Landal, e o do Casal do Rei (CNS30198), na freguesia dos Vidais. Em ambos apenas se observou o aparecimento de um uniface em quartzito. Estes achados foram detetados no âmbito do Levantamento Arqueológico do Concelho do Cadaval, coordenado por Guilherme Cardoso. Devido ao número insuficiente de vestígios, optámos por considerar na Carta Arqueológica a sua integração cronológica em Pré-História, adotando uma cronologia mais específica somente em casos mais precisos.

O período que se segue, o Paleolítico Médio, prolonga-se sensivelmente até 30 mil antes da atualidade. Neste período o Homem adota novos comportamentos sociais, tais como o enterramento dos mortos e a manufatura de determinados objetos como as lanças, as pontas de seta e os raspadores. Na região de Caldas da Rainha está evidenciado como pertencente a este período o achado isolado do sítio arqueológico de Achada 3, na freguesia do Landal, e a estação de ar livre de Morgados, localizado na UF Tornada e Salir do Porto. No primeiro sítio são referidos achados de raspadeiras sobre lasca, em sílex e quartzito, e lascas em sílex. A proximidade desta zona a outros locais identificados pode revelar a presença

de uma sucessão de ocupações temporárias, muito característica do Homem deste período, como já mencionado.

Após sensivelmente este período, ainda sobre a fria glaciação Wurn, outras ocupações são registadas, como a Quinta dos Bugalhos, onde se terá detetado o aparecimento de um conjunto de uma dezena de lascas em sílex, apontadas como pertencentes ao Paleolítico Superior. Ainda na DGPC estavam assinalados mais 6 sítios do Paleolítico, sem uma correspondência cronológica determinada. Trata-se da estação ao ar livre de Bairradas; da Capela de Nossa Senhora da Serra de Todo o Mundo; do sítio dos Casais da Bela Vista, da estação do Casal da Olaria (onde se registou um vasto conjunto lítico composto por núcleos, lamelas, restos de lascas de talhe e esquirolas), o sítio da Foz do Arelho; e o sítio de Roçadas, na Serra do Bouro (onde se identificaram lascas de quartzo e um possível percutor de bigorna).

Dos trabalhos desenvolvidos pela equipa de projeto destacamos ainda o sítio do Quartel e do Miradouro.

Da Pré-História recente, entre o VI e o I milénio a.C., observam-se vestígios de comunidades que começam a dar os primeiros passos na produção de alimentos e na domesticação dos animais. A par destas técnicas, desenvolvem-se outras como a cerâmica e o polimento de pedra. A partir deste momento, e cada vez mais, os conceitos de propriedade e território passam a fazer parte do universo destas populações, dando-se início à sedentarização e a uma maior fixação ao território, sobretudo nos terrenos mais férteis e próximos a linhas de água doce. Começam a estar criadas as condições para o estabelecimento de povoados em cabanas, que viriam nos finais do período a ser fortificados para defesa dos recursos e comunidades.

À medida que o tempo corre, vamos registando um maior investimento estrutural nas construções arquitetónicas quotidianas. No entanto, nos inícios desta fase, no chamado Neolítico (entre o VI e o III milénio a.C.) estavam mais direcionadas para os cultos e rituais observados no fenómeno do megalitismo, quando se assiste

a uma grande alteração económica e social, nomeadamente pela utilização dos animais e das plantas, não só para extrair deles o mais óbvio, mas também para outros produtos (leite) ou serviços (força de trabalho). As comunidades começam a registar-se numa economia produtiva, ligada à agricultura e pastoreio.

No concelho de Caldas da Rainha observam-se diversos sítios deste período: No do Casal Velho do Junco, na freguesia de Vidais, foram detetados líticos e cerâmica manual. No Casal da Boavista, na mesma freguesia, foram identificados três fragmentos de sílex e três de cerâmica de uso quotidiano do Neolítico. No acompanhamento arqueológico aquando da construção da Estrada Nacional 114 - Ligação do IP6 (A15) a Rio Maior, foi descoberto o sítio do Casal dos Cucos, onde se registou o aparecimento de restos de talhes e de núcleos em seixo. Ainda nos Vidais, na Carrasqueira, foi registado um sítio de ar livre, revelando um objeto, em sílex, e uma lasca, em quartzito. Em São Gregório, no lugar das Charnecas, conhecem-se 3 locais onde, entre outros materiais, se detetaram fragmentos cerâmicos rolados, fragmentos de sílex, e um de cerâmica lisa com decoração campaniforme. No sítio do Vale Grande 2, na freguesia da Foz do Arelho, foi detetada uma mancha de ocupação com vestígios de indústria lítica polida, bem como uma lâmina em sílex retocada, um fragmento de dormente, diversas lascas em quartzito e cerâmica.

A par destes mencionados, somam-se o monumento megalítico, composto por vários menires, observado em Zambujal, em Alvorinha, o vestígio presente na Casa de Almofala (nº 17), o Sítio do Machado (nº51), Casais do Cuco Sul 1 (nº80), Antas (nº41 e Cabeça Alta (nº16) na freguesia de Carvalhal Benfeito, assim como os locais, ainda que já muito destruídos, de Antas de Baixo (nº100), em Alvorinha, o sítio de Almuinhas (nº54) e a Laje da Abrunheira (junto à Gruta dos Mouros) (nº61), em Salir de Matos. Acrescentam-se o local de Pedrogão (nº8), Arneiro (nº7), Portela (nº6), em Santa Catarina; os sítios presentes na serra de Bouro, o local de Vale Grande 4 e 5, na freguesia da Foz do Arelho, a gruta do Lugar de Ardonha

(nº85), próximo ao local com possível arte rupestre (nº83); o Canto de Nadadouro e Sousa 1 ou os vestígios ligados à pesca exumados junto ao Cais Palafítico (nº34), na freguesia de Nadadouro.

O período da Proto-História integra o que chamamos de Idade do Ferro, na qual, de uma intensificação generalizada das características registadas do período anterior, nomeadamente a nível social, económico e de organização, observamos a presença clara de chefias e uma nova metalurgia, o ferro. Observa-se uma preferência por *habitats* que se vão implantar em zonas de altitude, com vasto controlo visual e uma certa instabilidade pela presença e contínuo acesso de outros povos a estas regiões, como os fenícios e mais tarde os romanos, instabilidade retratada no impulso dos armamentos, observáveis nas estátuas de guerreiros, que começam a ser erguidas nesta altura, para relembrar os heróis locais.

Para além da existência de dois sítios identificados, a presença da Idade do Ferro não é tão evidente, ainda que existam alguns topónimos interessantes. No entanto, o sítio de Salir do Porto (nº39) aparenta integrar-se nesta época, bem como o de Castro de Santa Catarina, nos limites entre Alcobaça e Caldas da Rainha.

7.2. Época Romana

O território de Caldas da Rainha localiza-se entre duas grandes *civitas*: *Collipo* e *Eburobrittium*. A proximidade desta última terá sido crucial no desenvolvimento das pequenas *villas* que com certeza se terão fixado na região. É neste contexto de relação espacial próxima que é possível colocar o Óbidos romano, do qual a sua principal representante é o *Oppida Stipendiarium Eburobrittium*, mais tarde elevado a *Municipium* (MOREIRA, 2002). Esta *civitas*, construída à época de Augusto, provavelmente, no último decénio do século I a.C., terá tido uma grande importância nas rotas económicas terrestres, bem como nas marítimas do império romano. A ligação que teria ao mar, por um braço de rio que ligaria à lagoa de Óbidos, tê-la-á feito florescer, constituindo-se como um dos mais importantes vestígios romanos conhecidos do centro de Portugal (Moreira,

2002). Este desenvolvimento terá tido influências pertinentes na região que atualmente integra o concelho de Caldas da Rainha, não só pela vizinhança, como também pelo seu contacto direto com as margens deste concelho. As embarcações que entrassem na lagoa encontrariam, do lado esquerdo Caldas da Rainha e, do direito, Óbidos.

Desta forma, não podemos analisar a ocupação deste período sem realizar uma contextualização com alguns dos achados romanos descobertos nos concelhos vizinhos. Tal como Óbidos, Alcobaça também teria tido o seu papel, permitindo compreender a dinâmica que se viveria nesta região litoral. Nesta zona, teria tido relevância a lagoa da Pederneira. A formação desta terá resultado de uma série de processos e transformações geológicas que ocorreram há cerca de 10 milhões de anos, no Miocénico Superior (GUINCHO, 2010). É parte de um complexo maior em que se associam à lagoa de Óbidos, Pederneira e de Alfeizerão, constituindo-se, desde a Pré-História, como um grande polo de fixação populacional (LOPES, 2018). Nas suas margens existem vestígios romanos importantes, como o Mosaico de Cós (Sec.II/III), que apresenta possivelmente o busto de Apolo, associado a motivos aquáticos (MOITA, 1951), dando alusão à importância da componente marítima na vida destas populações; ou o castro romanizado de Parreitas (BERNARDES, 2007; 2008, pp.34-45; BARBOSA, 2008). Ambos atestam a romanização na zona e sua envolvente. Entre os vestígios observados é ainda de destacar o antigo porto em Alfeizerão, tendo, nessa zona, em tempos mais recentes, sido construído o castelo para maior controlo e gestão da região. Destaca-se ainda, o sítio das Ramalheiras (DGPC 25038), que torna notório aquilo que poderá ser um extenso *vicus* e, em Pedrógão, os achados de uma necrópole romana.

Numa análise dos documentos antigos percebemos por Plínio que nas imediações desta área terá passado a via romana que uniria *Bracara Augusta* a *Olisipo*. O autor refere a mesma quando fala dos *oppida* de *Conimbriga*, *Collipo*, *Eburobritium* e do *Municipium* de *Olisipo*. Contudo são as obras de Jorge de Alarcão, “O Domínio Romano em Portugal”, de 1988, e de Vasco Mantas, “Vias e Portos na

Lusitânia Romana”, de 2002, que aprofundam o conhecimento dos aspetos e traçados viários romanos no nosso território. Posteriormente, também Soutinho avança com uma proposta (2020). Todas as propostas são substancialmente diferentes e assentes em frágeis pressupostos para o entendimento desta região, principalmente porque os vestígios romanos que podem indiciar vias romanas no concelho de Caldas da Rainha são, ainda, bastante escassos.

A proposta de Jorge Alarcão, apresentada em 1988, consiste num traçado que entra no atual concelho de Caldas da Rainha a N-E, por Santa Catarina, seguindo para o Carvalhal Benfeito, Cabeça Alta, junto ao Casal da Mata, próximo da fronteira entre as freguesias do Carvalhal Benfeito e Alvorninha. Passaria junto à povoação das Trabalhias, seguindo para Salir de Matos, junto aos Casais da Ponte, ligando à atual cidade de Caldas da Rainha, passando junto ao Parque Rainha D. Leonor e ao Hospital Termal. A via entraria no concelho de Óbidos pelo Casal da Figueira e pelo Bairro, cruzando a chamada Várzea da Rainha, ligando à localidade do Sobral da Lagoa por Norte. Daí seguiria para a Amoreira, continuando para sul. Cruzando o traçado apresentado com os vestígios romanos já conhecidos no concelho, pudemos concluir que a via romana proposta por Jorge Alarcão passa próximo de duas pontes romanas descobertas no âmbito do projeto CARACARA, a Ponte da Feteira, em Salir de Matos, e a Ponte do Carvalhal, no Carvalhal Benfeito. Todavia, constatamos que o trajeto, no segmento que passa no atual concelho de Óbidos, apresenta pouco rigor, principalmente por dois motivos. O primeiro, porque passa na Várzea da Rainha, local que na época romana, segundo os estudos geomorfológicos (FREITAS, 1989; FREITAS, et al. 2002), se encontraria alagado. O segundo, porque, à data da proposta efetuada por Jorge de Alarcão, a localização exata de *Eburobrittium* não era conhecida. Ainda assim, concluímos que parte da proposta para a via romana que passaria nesta zona pode fazer sentido, nomeadamente na zona em que o troço entra no atual concelho de Caldas da Rainha, junto a Santa Catarina, onde se localiza o sítio arqueológico Castro de Santa Catarina (CNS 4215), que teve presença romana, e também na zona onde estão edificadas as duas pontes romanas: Ponte de São Gregório e Ponte da Feteira.

Vasco Mantas, por seu turno, propõe a existência de uma via secundária (MANTAS 2002) que, vinda de Alfeizerão, paralela ao litoral, entraria no atual concelho de Caldas da Rainha pela freguesia de Salir de Matos, passando pelo lugar de Barrantes, em Guizado, continuando para a UF Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório, percorrendo para Oeste pela povoação do Coto, junto ao Outeiro de São Jacinto. Esta seguiria junto aos Casais de Santa Rita, passando nos Casais da Rochida, cruzando a cidade de Caldas da Rainha, junto ao Parque Rainha D. Leonor e à parte “velha” da mesma. Analisando o traçado de Vasco Mantas e cruzando este com os vestígios romanos conhecidos no concelho, encontramos três referências que se encontram relativamente próximas da sua proposta. Trata-se da inscrição romana de Salir de Matos, da estátua romana de Neptuno e da Ponte do Imaginário. Esta última, embora aparentando ser de cronologia medieval, apresenta uma configuração que mostra ter sido alvo de várias alterações, podendo ser mais antiga.

É de frisar que a proposta apresentada por Jorge Alarcão, referida anteriormente, cruza-se com a levantada por Vasco Mantas, neste local, coincidindo as duas na passagem junto à zona mais antiga da cidade, constituída pelo Hospital Termal, Largo João de Deus e Parque Rainha D. Leonor. A via, de acordo com Vasco Mantas, continuaria para sul, seguindo para a zona onde hoje está a Escola de Sargentos do Exército, em direção às Caxinas. Já dentro do concelho de Óbidos, passaria junto ao Santuário do Nosso Senhor da Pedra, próximo da antiga cidade de *Eburobrittium*.

É importante referir que ambas as propostas, a de Jorge de Alarcão e de Vasco Mantas, são de desenho simplificado, tendo sido registadas no mapa (figura 20) com base nas indicações referidas pelos mesmos.

No mapa da figura 20 é possível observar, ainda, a sobreposição das duas propostas e dos achados referenciados pelo projeto referentes a este período.

Embora não exista total concordância nas propostas formuladas, a maior parte dos investigadores assume que as vias que serviriam *Collipo*, *Eburobrittium* e as povoações e *villas* menores desta região não seriam acedidas pelas vias principais, mas possivelmente por uma rede de estradas menores que ligariam à principal, comunicando desta forma com os grandes centros urbanos e económicos (ALARCÃO, 1983). O mapa apresentado por Soutinho (2020) aponta a ligação de *Eburobrittium* a *Collipo*, passando pela cidade de Caldas da Rainha em direção a norte, como uma via principal. Nesta situação concordam os três autores que a via que viria de *Eburobrittium*, seguiria da cidade em direção a norte, passando pela atual cidade e retomando o seu percurso mais ou menos na mesma direção.

Tentando enquadrar e compreender o espaço que hoje constitui as áreas que se encontram no limite da *civitas* de *Eburobrittium*, podem enumerar-se alguns vestígios romanos importantes, tais como inscrições descobertas em Alfeizerão e na Ramalheira, os vestígios cerâmicos presentes no Outeiro da Assenta, em Peniche ou na Atouguia da Baleia, os achados de moedas na cerca do castelo de Óbidos, entre outros, que atestam a existência de uma forte dinâmica na região. Contudo, o sítio que mais se destaca atualmente é realmente o da *civitas* de *Eburobrittium*.

Neste período, na lagoa, a água vai-se gradualmente perdendo, dando lugar a várzeas, processo que se intensificam à medida que se caminha para a Idade Média. As atividades agrícolas favorecem o assoreamento e, por consequência, a diminuição dos seus limites (FREITAS, 1989), como é bem visível na figura 21.

A preponderância desta lagoa dever-se-ia ao facto de permitir, com alguma facilidade, o acesso a bens, provenientes de outras regiões, que chegariam a *Eburobrittium*, vindos da costa, em pequenas embarcações, ativando o comércio desta região, que daqui, à semelhança do que acontece em outros locais costeiros com acessos por braços de mar e rio, como o Tejo, os distribuiria para outras regiões mais a interior. Neste sentido, a ocupação humana terá florescido nas suas margens, tal como nas da lagoa de Alfei-

zerão e da Pederneira, estendendo-se a outras *villas* criadas junto às vias de acesso terrestre, por onde se faria essa comunicação.

Essa rede viária fluiria pelo território ocupado pelo atual concelho de Caldas da Rainha, sobretudo a este, como nos parecem indicar os dados toponímicos, paisagísticos e arqueológicos, e não tanto a norte, como apontam outros investigadores (ALARCÃO 1988, MANTAS, 2004; SOUTINHO, 2020), que fazem passar uma via pelo centro da atual cidade, rumo a norte. Acreditamos que uma via serviria as Caldas, que poderia ter sido, também ela, um eixo comercial, secundário, mas que serviria aquela população, mais para o interior e norte.

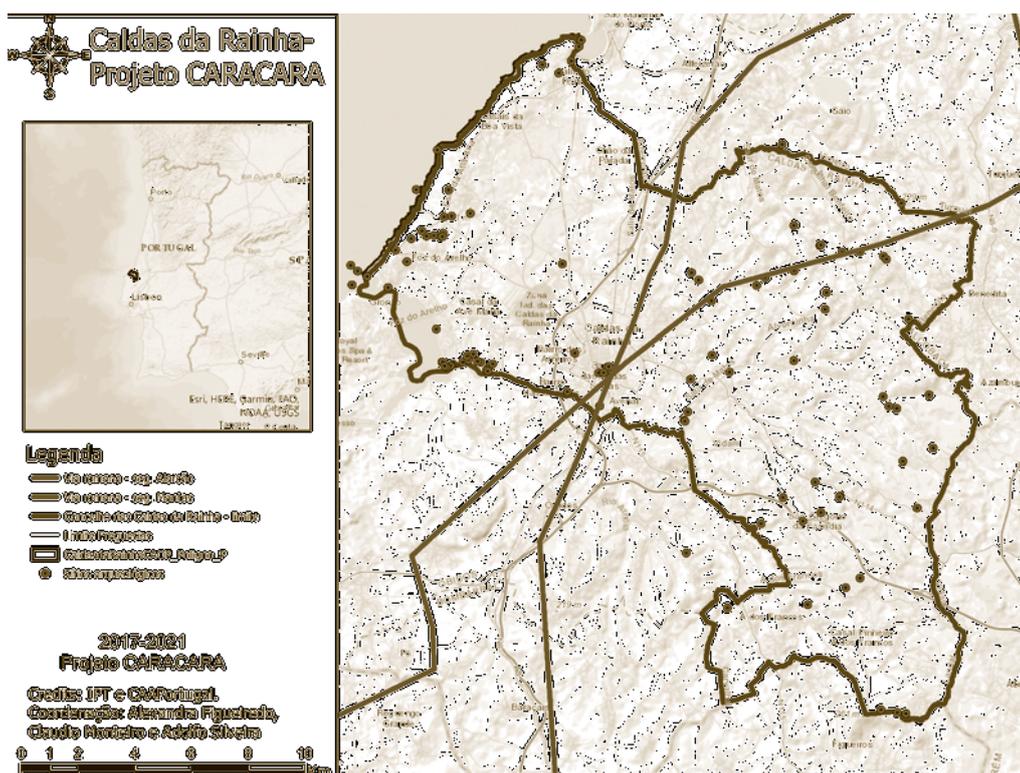


Figura 20
Representação das propostas das vias romanas apresentadas por Jorge Alarcão (1988) e Vasco Mantas (2004) .

Acreditamos que a via não viria diretamente de *Eburobrittium* rumo a norte, pois a paisagem indica que não seria ideal para um caminho, pela presença de ambientes com espaços encharcados. Somos mais apologistas de uma ligação de Óbidos a uma via, provavelmente um pouco mais a este, que atravessava ambos os concelhos, como parecem comprovar os topónimos e pontes romanas registadas nas prospeções realizadas para a Carta Arqueológica.

Contudo, é também evidente a importância de Caldas de Rainha, na sua ligação com o mar, como o exemplifica a estatueta romana de Neptuno, encontrada junto ao Hospital Termal, e vendida num relicário em Espanha (Almeida et al., 1968), a presença de vestígios na zona da Foz do Arelho, em Nadadouro, bem como a indicação oral de um antigo naufrágio clássico, também desconhecido, junto a estacas que perfazem a prancha de acesso ao rio, na Foz do Arelho.

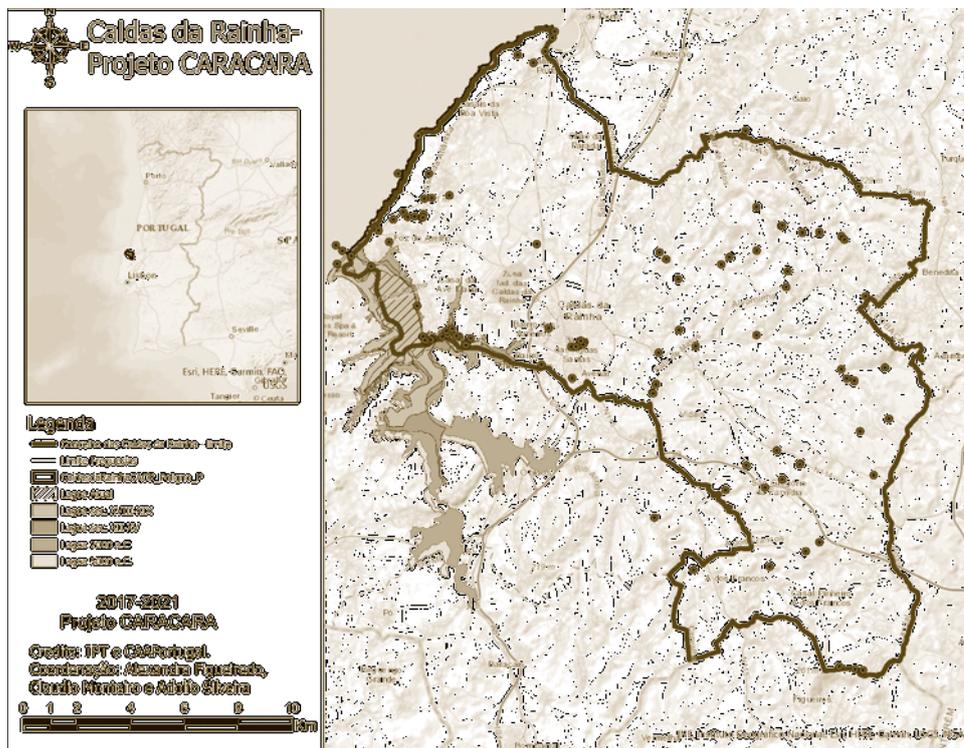


Figura 21
Vetorização da evolução da Lagoa de Óbidos, desde a sua formação até ao presente, tendo como base o trabalho "Lagoa de Óbidos. Morfossedimentogénese Aplicada", de Conceição Freitas, adaptado (Freitas, 1989)

Os documentos que se conhecem, bem como as obras / estudos que descrevem ou analisam o período romano e antigas descrições da época, não nos dão informações sobre esta região, contando-se somente com alguns poucos vestígios, sobre os quais se podem levantar hipóteses, carecendo de uma continuidade de investigação.

Sabemos, no entanto, que as principais *mansiones* estariam em *Olisipo*, *Eburobrittium*, *Collipo* e *Conimbriga* (MANTAS, 2002), prevendo-se naturalmente uma ligação entre elas, como as apresenta Plínio, ao falar dos *oppida* de *Conimbriga*, *Collipo*, *Eburobrittium* e do *municipium* de *Olisipo*.

Embora tenham existido estruturas de vias principais, organizadas em função das cidades mais importantes, Vasco Mantas refere que as comunicações não poderiam fazer-se apenas por estas, defendendo que existiriam estradas secundárias, sobre as quais o conhecimento é, ainda, somente conjectural. Estas estradas poderiam ser construídas à margem dos interesses administrativos e estratégicos, cumprindo sobretudo possibilidades funcionais locais ou regionais de acessos e mobilidade.

Para além destes vestígios mencionados são de destacar outros, como: Santa Suzana (CNS 1781); Tornada (CNS 2072); São Gregório (CNS 5042); e Castelo (CNS 4215). O primeiro trata-se de uma igreja que, segundo Fernando Castelo Branco, teria possivelmente fundações romanas (CASTELO-BRANCO, 1959), facto não confirmado nas prospeções de campo realizadas. O segundo, localizado na UF Tornada e Salir do Porto, está referenciado como um local onde se registou o aparecimento de uma epígrafe, referida por E. Hubner, em "Notícias Arqueológicas de Portugal", em 1871. A mesma encontra-se atualmente depositada no Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz, tratando-se de uma epígrafe funerária com a seguinte inscrição: D M/MARCO ALLO/BALBO/ANNORUM XXX/AVITA MARCI F/MATER FC/STTL. Esta transcreve-se: "Aos Deuses Manes. A Marco Allio Balbo, de 30 anos, sua mãe Avita, filha de Marco, mandou fazer. Que a terra te seja leve." Não existem informações precisas do local original do seu achado. O sítio de São Gregório é, a par com o do Castro de Santa Catarina (CNS 4215), dos locais mais relevantes dos quatro apontamentos registados, constituindo zonas com vestígios romanos, contudo, todos integrados numa presença tardia.

Na freguesia de Salir de Matos detetaram-se quatro evidências: a Ponte da Feteira, a inscrição e a mina de Salir de Matos e a Capela de Santo Amaro. A ponte da Feteira é uma ponte romana de um arco, de pequena dimensão, que serviria de passagem sobre o rio Tornada, atestando uma ligação viária por esta zona. A inscrição de Salir de Matos revela um elemento votivo referente à construção de um monumento. Foi descoberta nas fundações de uma habitação, no centro daquela povoação, encontra-se no cemitério. Possuindo a seguinte inscrição (...M L(IBERTUS). SULPIC_ /IANUS. (I HO-)/ NORE. CONTENT (US) / D €. S(UO VEL SUA). P (OSUIT VEL-ECUNIA). Transcreve-se "... o liberto M. Sulpiciano (fez este monumento) com o seu dinheiro, satisfeito com a honra atribuída à sua esposa". Para o momento não se reconheceu o local exato de proveniência desta inscrição, somente temos a informação de ser da zona de Salir de Matos, centro da vila. Existe a possibilidade de ter vindo das proximidades de Santo Amaro, um pequeno lugar abandonado da freguesia, onde poderá ter existido uma *villa* e onde terá havido também uma capela medieval, dedicada a Santo Amaro. Por último, no lugar de Salir de Matos, encontra-se a mina do mesmo nome. Embora não tenha sido possível fazer a sua total prospeção, existem registos orais de que a mesma contém inscrições em latim nas suas paredes, sendo, pois, um sítio de interesse para futuras intervenções.

Outros dados são fornecidos por outras freguesias, nomeadamente relativos a cerâmica de construção no sítio de Salir do Porto, na freguesia de UF Tornada e Salir do Porto.

Embora aparentando ser de cronologia medieval, colocámos também em conexão com as vias romanas o traçado da Ponte do Imaginário, que, embora mais recente, poderá ter tido origem romana e ter sido alvo de várias readaptações ao longo dos tempos. Por último, na zona de A-dos-Francos detetámos a presença de uma outra inscrição, à guarda do cemitério da vila, exposta aquando do incêndio ocorrido nos anos 70, desconhecendo-se a sua origem. A epígrafe apresenta as três faces visíveis, estando fracturada na base. Trata-se de uma ara com a seguinte inscrição IOVI/OPTIMO/MAXIMO/Q(uintus). CASSIVS/ CASSIANVS/A(nimo) L(ibens) [V(otum) P(osuit)], que se pode traduzir para *A Júpiter Ótimo Máximo. Quinto Cássio Cassiano colocou de livre*

vontade. Esta dedicatória é uma expressão direta ao culto oficial a Júpiter. Ainda que sem referência de filiação, aparenta reportar-se a um descendente de uma família importante que teria ocupado *Olisipo*, a dos *Cassii*, família que, pelos vários vestígios epigráficos que se têm conhecido, seria comerciante de tradição (FIGUEIREDO e ENCARNAÇÃO, 2022, p.15).

Do período romano tardio ao medieval, na região de Caldas da Rainha, proliferam os topónimos relacionados com a ocupação árabe, tais como Almofala, Alvorninha, Mata de Porto Mouro ou Mouraria, embora não se conheçam vestígios concretos.

Na análise deste período, deve considerar-se a associação ao contexto marítimo e à relação de todos os elementos com os recursos provenientes das zonas lacustres, com as possibilidades da sua exploração e acessos ao interior. A navegabilidade seria um dos fatores mais relevantes para estas populações, pois a via de entrada nestas zonas seria essencialmente fluvial, com a criação de entrepostos mercantis para a escoação de produtos trazidos do Mediterrâneo e de outras *civitates* da Península Ibérica.

Muitos dos dados registados em períodos posteriores podem dar uma ideia das ocupações mais antigas, pois sabemos que a continuidade dos registos é uma prática natural do comportamento humano, podendo, no entanto, sofrer ruturas, por motivos diversificados que temos de analisar. Alguns trabalhos têm procurado detetar essas continuidades e descontinuidades. Maria Luisa Blot, no seu estudo sobre as lagoas na região, aponta que «de facto, se, por exemplo, no século XII, uma foz e o curso inferior de um rio eram navegáveis, poderemos compreender, à luz dos registos da geomorfologia costeira, que em épocas anteriores só poderiam ter desfrutado de melhores condições para a navegação” (BLOT, 2003).

Considerando os dados apresentados no ponto anterior, sobre a Pré e Proto-História, observamos as mesmas preocupações centradas na exploração dos recursos oferecidos pelo território. Numa paisagem aprazível e com entradas seguras no interior através de grandes lagoas, supõe-se que a zona seria privilegiada na respectiva ocupação por povos vindos do exterior, cursando o mar.

Estes comportamentos humanos, geradores de ações previsíveis pelas necessidades inerentes de sobrevivência, vida em comunidade, práticas económicas de interrelação e trocas de materiais e expansão, orientaram os nossos trabalhos na perceção do território e nas prospeções, a par de todos os métodos de captação de dados já esmiuçados no capítulo quatro, que, em conjunto, são fundamentais para garantir perspectivas de possíveis povoamentos e práticas. Mesmo entre a época romana e a medieval observam-se padrões de seguimento, com pequenas *nuances* na manutenção de espaços e territórios, com fins geracionais, passando de famílias progenitoras para famílias descendentes e criando permanências que, para além dos seus aspetos de foro económico, são também simbólicas e emocionais. Isto seria mais visível nessa transição do que na atualidade, num mundo mais globalizante e de dispersão de famílias.

Quando os romanos chegaram a território lusitano, misturaram-se com grupos de Idade do Ferro. Durante a romanização, esperando mais rendimentos com a exploração agrícola, desceram estes dos topos dos montes, que eram a preferência para os grupos da Proto-História, indo ocupar as zonas mais próximas destas fortificações antigas, onde o terreno se mostrava mais fértil. Os aglomerados, conforme a sua dimensão e funcionalidade, iam formando vilas e cidades. Na passagem do tempo e expansão demográfica, começam a ser adoçadas mais e mais estruturas funcionais e cultuais de influência romana.

Nas cidades romanas são implementados, no mais curto espaço de tempo, fóruns, com as suas basílicas, mercados e templos, levantadas estruturas de lazer, como hipódromos, teatros ou coliseus, fundadas termas e zonas de banhos e, claro, toda uma infra-estrutura que os ligasse e conetasse.

Para uma maior mobilidade e facilidade da sua construção, as vias correm pela área mais plana do território, meandrando entre as zonas mais elevadas da paisagem, conetando-se também com os portos. Também as lagoas e cursos fluviais terão tido o seu papel potenciador de chegada a determinados locais em menor espaço de tempo.

No litoral, assume-se que algumas *villae* terão surgido devido a essa necessidade de criar *vici* pesqueiros e portuários (BLOT, 2003, p.156), por onde uma grande parte dos produtos afluíam.

No concelho em questão, será importante equacionar, ao longo da lagoa, a presença de vários portos secundários, de entrepostos de escoação de produtos em diferentes direções e com a finalidade de abastecer estes pequenos locais, que se iam formando. As alterações provocadas pelo rápido assoreamento e desgaste das vertentes da lagoa terão encoberto estes vestígios ao longo das épocas, reconfigurando a paisagem. Estes portos merecem absoluta atenção no caso de poderem vir a ser descobertos traços das mencionadas ocupações. Basta um olhar mais cuidado, atento às mudanças patentes na presença de cais abandonados na faixa lacustre, para imaginar como seria na época romana.

7.3. Época Medieval

O início da História de Portugal começa na Baixa Idade Média, aquando da separação e autonomização do Condado Portucalense do Reino de Leão, em 1096. A partir daí, inicia-se um processo crescente de reconquista, de expansão e consolidação de fronteiras, seguida pela época dos descobrimentos, na transição para a época moderna.

Na Estremadura, na Baixa Idade Média, atendendo à sua natureza periférica relativamente aos grandes centros, acredita-se que tenham proliferado pequenas unidades aldeãs, de cariz familiar e tradicional, ocupando, porventura, antigas *villas* romanas ou islâmicas e reutilizando estes espaços, dando-lhes reconfigurações mais cristãs, tradicionalmente integradas no estereótipos medievais. (GOMES, 2017). Neste período e região, salvo raras exceções, nomeadamente em zonas de cumeada onde se localizariam pequenos castelos e fortificações que defendiam o território dos muçulmanos, o povoamento ter-se-á feito de forma pouco intensa, apoiado essencialmente na agricultura e no pastoreio (NATIVIDADE, M. 1906; NATIVIDADE, J. 1942, 1944). Pela sua proximidade ao mar também devem ter sido criadas pequenas aglomerações piscatórias, fazendo desta atividade o centro económico de exploração, como referem os documentos antigos, quando mencionam as comunidades da lagoa da Pederneira, S. Martinho e Óbidos.

A apanha do mexilhão e de outros moluscos parece também ter acompanhado este processo, decorrendo ao longo das várias épocas,

fundamental para o crescimento das vilas, como, por exemplo, as de Nadadouro e Foz do Arelho.

Em verdade, um dos recursos que terão levado à fixação da população e à sua expansão terá sido o das zonas lacustres e salobras (CASTELO-BRANCO, 1975), ligadas ou não à exploração cisterciense, ao porto, ou à posterior agricultura (CHELINI; 1991; OLCOZ, 2008; GOMES, 2017). A atividade cisterciense que existia a norte do concelho, em Alcobaça, teria com certeza uma relação com o território do concelho, uma vez que seria essencialmente pelos portos de Alfeizerão e Pederneira, e talvez, com menor incidência, pelos portos de Maiorga e Fervença, que os monges se fariam servir.

A paisagem demonstra que, durante toda esta época, terá sido bem visível a intensa exploração agrícola das encostas da lagoa, levando ao seu rápido e contínuo assoreamento (FIGUEIREDO et al. 2021). Parte destas ações terão sido promovidas por iniciativas da abadia, sobretudo na desflorestação para a abertura de clareiras para o cultivo. Um outro problema registado terá sido a afluência das embarcações às zonas interiores da lagoa, levando, para a sua melhor circulação, ao descarrego do lastro que os navios transportavam para a sua navegação em alto mar, contribuindo para o aumento do assoreamento. Alguns dados apontam para intervenções de drenagem dos baixios de Alfeizerão e do Valado, pela realização de abertura de valas e desvio do caudal de água de alguns cursos (BONIFÁCIO, 1949, p. 361).

Embora não se tenha conseguido, até ao momento, construir uma linha de ocupação contínua e aprofundada para este período no concelho, é possível referir alguns locais isolados, descobertos por intermédio de intervenções arqueológicas pontuais. Refira-se, a título de exemplo, a Ponte de São Gregório localizada na Fanadia, na UF Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório, localizada e registada no âmbito do projeto de identificação e inspeção de sítios arqueológicos levado a cabo pela Extensão do IPA de Torres Novas (*in* Portal do Arqueólogo-DGPC). Na freguesia da Foz do Arelho, no lugar de Vale Grande, encontra-se também registado o sítio Vale Grande 1, onde foi possível encontrar fragmentos de cerâmica comum, deste período.

Mais quase duas dezenas de sítios foram também observados pela nossa equipa. A documentação antiga aponta a presença de algumas granjas e seus nomes; considerando as ocupações e suas linhagens, entre as citadas nos documentos até séc. XIV observam-se: Alfeizerão; Mota; Salir de Mato; Ferraria; Carvalho Benfeito, Granja Nova (pressupondo, já nesta altura, a existência de uma granja mais antiga), Almofala e Vimeiro. Como aldeias e lugares, para além de Salir e da Tornada, é bem referido o Coto, Almofala, Alvorninha, Vidais e Landal, com conexões galegas ou árabes.

De ocupação islâmica regista-se essencialmente Alvorninha e Almofala. Na maior parte destas zonas é pressuposto considerar estruturas de apoio logístico (como pontes, fontes, vias) e espiritual (pequenas capelas que cumpriam o papel de locais de culto da fé cristã, após a reconquista). A título de exemplo na freguesia do Landal, foi possível observar uma estrutura patrimonial, a capela de Nossa Senhora da Serra de Todo o Mundo, bastante antiga. Encontra-se coberta por vegetação, tendo sido apenas possível visualizar algumas pedras soltas e vestígios de uma estrutura de parede. Já na freguesia do Carvalho Benfeito, foi possível identificar, desta cronologia, quatro sítios: a Capela de São Pedro, onde se registou o aparecimento de materiais de construção e de cerâmica de uso doméstico, bem como vestígios da estrutura patrimonial; a Ponte do Carvalho, que possui já um acrescento recente em material betuminoso mas que, na sua estrutura, apresenta um edificado em alvenaria próprio desta época; o Túnel do Carvalho Benfeito, que faria a ligação entre a igreja matriz e a zona baixa do lugar, de cronologia não confirmada e a fonte, datada do século XIII, localizada junto à igreja matriz. Os dados de registo apontam as bases de fundação do primeiro templo como sendo do período medieval, erguido posteriormente como igreja matriz, por Diogo Fernandes Carvalho.

Seguindo para Salir de Matos, encontramos dois locais: a Ponte do Imaginário e a Estrada de Santo Amaro. A primeira corresponde a uma estrutura de ponte em bom estado de conservação, com base medieval, tendo sido a parte superior acrescentada em tijolo burro. Já a Estrada de Santo Amaro terá existido no lugar com o mesmo nome. Embora não tenha sido possível visualizar esta *in loco*, recolhemo-la

de fotografia de satélite no *Google Earth*, sendo-nos apresentado um possível caminho com cerca de quatro metros de largura.

Como mencionámos no ponto anterior, é muito característico dar-se uma ocupação dos sítios ao longo do tempo, sendo relativamente usuais os locais com uma longa diacronia, como a Granja de Erva-moira (GUIMARÃES & PEIXOTO, 1990) ou dos Serrões (Belchior, 1995). Está bem documentado, inclusive pelas epígrafes, a presença de vestígios romanos nesta zona que, na continuação da ocupação, terá mantido a função de meio de acesso entre o norte e o sul. O registo documental referente às transações e relações com o mosteiro de Alcobaça apresenta uma interligação muito próxima com Salir de Matos, podendo essa conexão ser estabelecida por Santo Amaro em direção ao Vimeiro. Não nos podemos esquecer que parte dos produtos metalúrgicos e suas explorações chegavam a Alcobaça por esta zona, pressupondo que o combustível usado para a forja do metal de Vimeiro seria provavelmente procedente de Carvalhal Benfeito. Os topónimos de Casal das Ferrarias e Lombo do Ferreiro, próximo este de Santa Catarina, são bons indicadores da permanência tradicional destas atividades na região.

Na freguesia de Alborninha registámos apenas um lugar, as Minas do Pego. Na entrada principal foram construídas estruturas em pedra e argamassa, mais recentes que a ocupação inicial do sítio, de forma a reforçar e a preservar a integridade da mina. Nas paredes desta galeria é possível visualizar pequenos nichos, nas zonas mais elevadas, com diâmetros de 10 a 15 cm, para colocação de iluminação, que apontamos para uso de lucernas (até séc. VII), candis (séc. VIII a XII) ou candeias simples de depósito aberto (séc. XII e XIII). Os estudos atuais consideram que, a partir da segunda metade do séc. XII e até às primeiras quatro décadas do XIII, são as candeias simples ou com pé alto, que perpetuam na sua forma (SERRANO, 2011). As áreas observadas poderiam receber candeias simples, mas achamos que as de pé alto seriam inviáveis em alguns nichos. Esta informação parece-nos relevante pois pode auxiliar na datação da cronologia das minas, apontando anteceder a época medieval.

Seguindo a parte ocidental do concelho, na UF Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório registaram-se três locais, todos em São

Gregório. No Caminho de Valmuinhas terão aparecido algumas lajes de uma antiga estrutura indeterminada. Embora já não seja possível visualizá-la, o local encontra-se próximo do sítio de São Gregório, de cronologia Romano / Medieval, onde se registou o aparecimento de materiais de construção e de cerâmica comum. Desta forma, não se exclui uma possível relação entre estes dois sítios, tornando esta área uma zona de grande sensibilidade arqueológica. Por último, em São Gregório, existe ainda a Ponte de São Gregório da Fanadia. Esta apresenta uma estrutura com blocos de granito de média dimensão, emparelhados por argamassa acinzentada. Está atualmente coberta por densa vegetação e escondida por debaixo do tabuleiro da auto-estrada.

Em Salir do Porto, na UF Tornada e Salir do Porto, podemos encontrar três sítios arqueológicos: a capela de Santana, a alfândega e o castelo. A capela terá sido construída durante o século XII. Seria local de culto onde se efetuavam celebrações religiosas associadas à navegação e às atividades piscatórias, bem relevantes para a população local, que viveria deste setor, fornecendo pescado ao interior, incluindo aos monges cistercienses, base da sua alimentação pela exclusão de carne durante um longo período do ano. A estrutura seria composta por uma nave única com capela-mor e sacristia. Atualmente encontra-se bastante degradada. Em 1634, o desenho *Mapa de São Martinho* apresenta o que parecem ser mais estruturas edificadas para além da capela de Santana, muito próximas a esta, hoje inexistentes. Ainda que realizado no séc. XVII, pode levantar o véu de uma presença anterior, medieval, como aconteceu com os vestígios da construção e funcionamento da capela. Esta questão é interessante para perceber outros possíveis vestígios que esta zona poderá guardar.

Também é de destacar o sítio da antiga alfândega, que se localiza no sopé da grande duna de Salir, em direção à barra, onde parte das estruturas já se encontram imersas nas águas. Terá sido mandada construir para dar resposta ao elevado tráfego de mercadorias que existia no Porto de Alfeizerão, situado nas proximidades. Ainda em Salir do Porto existe o sítio Castelo. Este elemento ter-se-á degradado ao longo dos séculos e, hoje em dia, dele apenas se encontram alguns vestígios da estrutura.

7.4. Época Moderna / Contemporânea

Avançando no tempo e entrando na época moderna, de acordo com o registo histórico e os dados obtidos previamente aos trabalhos desenvolvidos pelo Projeto CARACARA, dela se conheciam poucos sítios arqueológicos. Não foi nossa intenção fazer um levantamento exaustivo deste período, tendo-se trilhado somente alguns apontamentos de interesse histórico e patrimonial, quer a nível terrestre, quer subaquático, mas dando um maior destaque a este último. As fichas de registo apresentadas focam os vestígios mais emblemáticos, deixando discorrer uma ligeira percepção da ocupação. Muitos outros locais existem que poderemos vir a integrar futuramente, numa continuidade do projeto.

Entre estes últimos destacamos os sítios da Azeirinhas 1 e Azeirinhas 3, onde foi possível detetar manchas de ocupação com cerâmica de uso doméstico e material de construção. Os sítios de Vale Grande e Surdão 1, detetados no âmbito no projeto "EIA - Rainha Golf Country Club - Foz do Arelho" (Albergaria, 2007), e os locais evidenciados pelas prospeções no projeto CARACARA, aquando dos trabalhos de campo para a Carta Arqueológica, são também exemplo.

Na UF Santo Onofre e Serra do Bouro, observou-se o sítio de Roçadas, onde foram detetados fragmentos de material de construção. Também aqui se situaria a sede da paróquia, remontando pelo menos ao século XVII a tradição religiosa de até ali se deslocarem fiéis e de ali se agregar a comunidade. Somente a partir de 1919, esses atos passaram a ser realizados noutros locais criados para o efeito, como a igreja da Foz, na Foz do Arelho (UMBELINO, 2006, p. 92). Na época moderna, na serra do Bouro, cresciam as devoções aos santos, como a Nossa Senhora da Conceição e há registo de uma devoção a São Sebastião. Nas imediações populacionais, ora se desenvolviam eventos por altura das festas religiosas, ora pelas largadas dos navegantes, ora mesmo por devoções e promessas de particulares. A par e passo são incorporadas imagens em andores e realizadas procissões, com os devidos acompanhantes, crianças vestidos de anjinhos e santos. Algumas tradições percorreram o período moderno e parte do contemporâneo, como o era peregrinar a Nazaré, montados em burros, que quase todas as famílias teriam

na altura, partindo de todos os lugares de Caldas da Rainha, pelos caminhos principais. O mapa de 1847, de Selina Hall (Figura 22), já do período contemporâneo, dá conta da existência de uma via direta entre a atual cidade de Caldas da Rainha e Nazaré, existindo outra independente que seguiria a Alcobaça.

Na freguesia de Alvorninha foram detetados quatro novos sítios, sendo três estruturas habitacionais e uma ponte. A Casa de Almofala I conserva apenas parte da fachada principal. Teria tido grande dimensão e controlo sobre o lugar. A Quinta da Machada, também em Almofala, encontra-se em ruínas. Possui inscrição na cimalha onde seria a entrada principal: *“Estas obras e fazenda foram feitas em 1668. Foram feitas por um cidadão de Lisboa”*. Embora não se tenha conseguido proceder à leitura adequada, esta foi-nos cedida por Maria Sacramento, uma das proprietárias da Quinta. Parte destas ruínas foram reutilizadas para construção da casa mais recente. Também, é de referir, entre os vestígios observados, a capela de São João, também em ruínas, que faz parte deste complexo, tendo sido alvo, no passado, segundo a atual proprietária, de violações; nela foram detetadas ossadas no seu interior, dos enterramentos dos primeiros proprietários e seus familiares. Neste momento a capela encontra-se coberta de silvado intenso, não sendo possível o acesso. Por fim, a Quinta de Almofala está também em elevado estado de degradação. No seu interior é possível visualizar parte das paredes da estrutura ainda com vestígios de pintura e azulejo. Contudo, a densa vegetação no interior do complexo impossibilita o acesso no sentido de aferir mais informações.

Um outro elemento a considerar, ainda em Alvorninha, trata-se da ponte do rio das Bruxas, construída com arco em tijolo, onde, segundo a comunidade, existiria na zona uma antiga passagem, anterior à construção da ponte. Está atualmente abandonada e bastante degradada.

Na freguesia dos Vidais registou-se também a chamada Quinta dos Vidais. Esta localiza-se no centro do lugar e, embora já restaurada, possui uma zona com estrutura original, outrora uma pocilga, onde é possível visualizar uma pedra que encima a porta com uma inscrição de 1678.

Numa outra freguesia, em A-dos-Francos, verificou-se a capela da Quinta de Vila Verde de Matos, pertencente a uma estrutura maior de habitação de cariz agrícola, atualmente em ruínas. A capela é composta por altar e quatro nichos ainda visíveis. No solo é possível visualizar uma sepultura aberta com laje ainda no local, mas sem vestígios osteológicos visíveis.

Por último, na UF Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório, no lugar de São Gregório, regista-se a Quinta do Paúl. Esta unidade de cariz agrícola terá controlado grande parte da economia daquela zona. Contudo, atualmente, encontra-se em completa ruína. Ainda assim, foi possível visualizar tanques de água em pedra já bastante degradados. Em termos gerais, a quinta encontra-se abandonada e coberta silvas e outra vegetação. Segundo informações locais, terá sido construída no século XVIII. Um outro sítio desta época foi o registado junto à lagoa, a que demos a designação de Canto Nadadouro Paiva Sousa 1. Uma possível antiga casa de pescadores ou pequena zona de culto, em que parte da parede é amparada por um alto rochedo cheio de inscrições e gravuras antigas. Parte dessas gravuras datam do séc. XIX e XX, outra parte é muito mais antiga. A parede apresenta algumas possíveis covinhas, características da Idade do Bronze (Pré-História). No centro da cidade registaram-se, durante os trabalhos de acompanhamento na Praça da República, na zona da Praça da Fruta, vestígios da antiga igreja, que estaria localizada junto à atual rua do Rosário, tendo sido recuperados diversos fragmentos de azulejo de painéis, incluindo figurativos, do séc. XVI e XVII, atualmente guardados na Câmara Municipal das Caldas da Rainha, e vários vestígios osteológicos. Associadas aos ossos humanos exumados, foram ainda recuperadas duas moedas de cobre datadas do período manuelino (1495-1521), que podem apontar para a presença de uma antiga estrutura religiosa, anterior à capela de Nossa Senhora do Rosário, pela datação das moedas registadas.

Ainda deste período são parte dos vestígios observados na igreja de Nossa Senhora do Pópulo, aquando dos trabalhos de sondagem para a realização de obras reabilitação da igreja, em 2019, acompanhados por membros da equipa do projeto. Deles destacamos os elementos em vidro, possivelmente de cariz hospitalar, provavelmente pertencente às atividades do Hospital Termal,

fundado em 1485, pela rainha D. Leonor. Os diversos fragmentos cerâmicos são de diferentes tipologias, desde pratos a tigelas e potes, alguns deles vidrados, em tons que vão desde o branco, a castanho e esverdeado. Para além do material vítreo e cerâmico foram ainda recuperados vários objetos em metal, entre eles um botão cónico e duas capas de botão, aparentemente de uso como capa com revestimento a tecido. Em termos cronológicos os botões de capa aparentam ser do século XIX e poderão ser restos da vestimenta dos indivíduos sepultados no local. Contudo, o botão cónico poderá ser mais antigo, observado em estratos e indumentárias desde o século XVI/XVII. Os restantes materiais, como os elementos de ferro, pregos e um espigão, poderão pertencer a uma infinidade de contextos ou objetos, desde antigos caixões a elementos de construção, incluindo recentes. Estes materiais apareceram associados a vestígios osteológicos descontextualizados, registando-se essencialmente ossos longos e crânios fragmentados. Também ligados ao hospital, foram encontrados fragmentos de azulejos de inspiração flamenga, do séc. XVII.

Por fim, são ainda notórios, os vestígios de forja de materiais em ferro, presentes no Parque Infantil D. Carlos I, localizado no parque de mesmo nome e que pode remontar ao período moderno. Neste sítio não foram exumados outros materiais, não sendo possível aferir uma cronologia mais precisa.

No sentido de dar um maior contributo a este período e ao subsequente, nomeadamente no que se refere ao património etnográfico foi desenvolvido e publicado em edição própria o estudo sobre os Moinhos das Caldas da Rainha (FIGUEIREDO e LOPES, 2018) e as Lendas e Fotografias das Caldas da Rainha (FIGUEIREDO e LOPES, 2019). Outro património edificado, nomeadamente o religioso e militar, foi inventariado e registado no *site* do município, não integrando este volume.

Como é notório para o leitor, optámos por apresentar neste ponto ambos os períodos, o Moderno e Contemporâneo, por se observar uma certa continuidade de ocupação; contudo, nesta época mais recente gostaríamos de nos prender sobretudo ao entendimento dos vestígios de meio misto ou aquático, isto é, os que se encontram mais próximo da lagoa e na costa de Caldas de Rainha.

É consensual que as áreas costeiras são consideradas territórios de elevada importância estratégica em termos ambientais, económicos e sociais. Do mesmo modo, são também reconhecidas por serem um grande reduto de naufrágios, que revelam a intensa mobilidade marítima em torno da costa. Os mais recentes, quando relativos a embarcações de grandes dimensões, eram alvo de notícias jornalísticas, permitindo-nos, hoje, com base nos relatos existentes aferir possibilidades de localização.

Como referimos no capítulo quatro, a pesquisa documental em registos deste âmbito é um forte aliado à perceção de índices patrimoniais, incluindo os náuticos. Para além de jornais, publicações de artigos científicos e obras de carácter geral, foram consultados e analisados os registos de óbito da UF Tornada e Salir do Porto, correspondendo a 107 livros, e os de óbito da UF Santo Onofre e Serra do Bouro, que são constituídos por 67 livros. Os livros inserem-se entre os anos de 1722 e 1897, sendo compostos por registos que adotam, quase sempre, a mesma forma e que podem auxiliar na deteção de naufrágios mais antigos. Ainda que as consultas não tenham permitido detetar qualquer informação que dissesse respeito a falecimentos relacionados com naufrágios no concelho de Caldas da Rainha, na freguesia vizinha de São Martinho do Porto, já no concelho de Alcobaça, existe um registo de óbito, de 1616, associado ao naufrágio de uma caravela, à entrada de São Martinho: “Aos 27 dias do mes de O(utub)ro da era de 1616 se perdeo hua(uma) caravella de Ant(óni)o P(i)r(e)s de Bolhão entrando em S. Martinho onde morreu Matheus (...)”. Também na DGPC existe informação de uma *caravela de aviso* (CNS40447) observada numa referência documental, que a aponta como tendo naufragado na zona de Salir do Porto. De acordo com a mesma, viria da ilha Terceira com uma carta do rei para ser dirigida à frota Vicente de Brito de Meneses, tendo encalhado quando fugia de assaltantes que a perseguiram. Embora não estando, administrativamente, localizadas no concelho de Caldas da Rainha, a informação ajuda a entender a mobilidade em São Martinho do Porto, sua “concha” e barra, podendo relacionar-se diretamente com Salir do Porto e com as suas dinâmicas costeiras.

Importa, também, cruzar informações e conhecer a paisagem e a dinâmica costeira em seus diferentes aspetos, desde os parâmetros geológicos aos atmosféricos, permitindo entender alguns pontos de risco motivadores dessas ocorrências (STÊNIO e FIGUEIREDO, 2023).

Temos vindo a referir que uma das paisagens que mais mudou na zona de Caldas de Rainha terá sido a lagoa; na verdade, esta zona apresenta uma contínua dinâmica que obrigou ao longo dos tempos a readaptações, alterações e novas construções. As atividades que se vão desenvolvendo associadas a ela, sejam mais tradicionais ou atuais, vão deixando marcas que convém reconhecer e guardar, para preservar memórias e práticas que lhe estão associadas. Entre elas destacam-se as diferentes atividades económicas, como a apanha de moluscos ou a piscatória. Já é menos evidente, em comparação com os finais do séc. XX, vemos bateiras a navegar na zona de Nadadouro, com profissionais dedicados à exploração da lagoa. Dirá o leitor, que cada vez vemos menos. Não precisamos de recuar muito, os cais dos primeiros anos do séc. XXI já estão em desuso, muitos destruídos, sem que se veja a construção de novas estruturas de apoio, apesar de alguns esforços nesse sentido. Acredito que daqui a mais 20 ou 30 anos terão desaparecido do quotidiano. Estas alterações, demasiado rápidas, são sinal de *mudança dos tempos e vontades*, e um reflexo da necessidade de recuperar, o mais breve possível, os elementos etnográficos ainda existentes.

Nas prospeções realizadas tivemos o cuidado de registar esses elementos, nomeadamente as bateiras (embarcações típicas da lagoa) abandonadas, ou outras estruturas, como os antigos cais, ainda passíveis de avistar à superfície. Assim se inventariaram oito possíveis estruturas de cais, dispersos pela lagoa, e dez naufrágios ou embarcações abandonadas neste período. É importante referir que três deles têm uma dimensão e estrutura que não é de uma bateira. Foram ainda detetados outros vestígios como materiais de canalizações recentes, já em muito mau estado de conservação, sem ter sido apurada a sua funcionalidade.

Estes dados ocupam sobretudo os últimos números dos registos, antecedendo a análise dos naufrágios que se observam nos registos

históricos e documentais e que terão ocorrido na costa de Caldas da Rainha.

Mencionaram-se somente os que aparentemente possuem dados que os encaixam numa localização associada ao concelho em questão; outros foram também analisados, mas descartados da publicação quando se observaram informações que os situavam noutros concelhos vizinhos. Falamos, por isso, do SS Zulo, do SS Mesopotâmia, do La Force, do SS Brentford, da Barca Inglesa e do SS Romania, ainda que este, pelos registos e conhecimento do seu possível posicionamento esteja no limite entre Caldas da Rainha e Óbidos, mencionando, neste caso, em concreto, a necessidade de ter um certo cuidado na associação clara do SS Romania a estes destroços. Respeitam todos ao séc. XIX, sendo poucos os registos documentais que nos remetem para tempos mais remotos, deixando-nos à mercê de descobertas fortuitas no que toca os vestígios anteriores.

O *site* da DGPC aponta, ainda, como relevante, um achado isolado (CNS40449), de um conjunto de três peças de serviço de mesa, em estanho: um samovar, uma chaleira e um jarro com decoração e símbolo da Marinha de Guerra Portuguesa, que foi pertencente ao Visconde de Sacavém e esteve presente no Museu da Cerâmica até ser integrado no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, no ano de 1992. De acordo com a informação será proveniente de um naufrágio, mas sem reconhecimento da sua localização, desconhecendo-se, assim, se poderá ter sido na costa de Caldas de Rainha.

De acordo com os dados analisados, seriam aqui comuns a mobilidade de grandes embarcações, nomeadamente a vapor, transportando diferentes tipos de material, nomeadamente alimentos, carvão e ferro. Os dados referentes aos naufrágios mencionam que as tempestades e os nevoeiros densos poderiam ser os principais causadores dos acidentes, observando-se uma certa área de risco junto à foz, na lagoa de Óbidos, devido aos assoreamentos constantes.

Deste período são ainda as duas vias da Barrosa e parte das gravuras registadas no sítio Canto Nadadouro Paiva e Sousa 1 (NI83).

8. Conclusão

Uma Carta Arqueológica é o caminho para um processo mais refletido de desenvolvimento de um território. Permite a construção de planos e estratégias que assumem um melhor entendimento do passado e da nossa identidade. Somos o que fomos e a melhor via a trilhar para a construção do futuro da sociedade passará pelo que conhecermos ter sido. Esta frase reflete o essencial do qual fundamental é a salvaguarda do património e do seu estudo.

O concelho de Caldas da Rainha tem uma longa história, que não se inicia com a passagem da Rainha no tempo dos monarcas, nem com todas as estruturas que advieram associadas às Termas e seu Hospital. O território foi ocupado desde o paleolítico inferior, fazendo recuar o nosso olhar para mais de 100.000 anos. A nossa memória retrata uma vivência de poucos séculos, mas os vestígios que Caldas da Rainha possui são provas concretas da sua importância num passado mais longínquo, que também é importante recuperar.

Desde a pré-história, passando pelo período romano e medieval, até à época moderna, são vários os traços observados de uma cultura que fez com que as Caldas da Rainha fosse hoje o que é, com as suas romarias, tradições, etnografias e hábitos culturais.

Os filhos desta região podem dizer com orgulho que aqui nasceram, numa zona tão peculiar e interessante, cheia de história e património. Cabe a cada um protegê-lo e exigir os mecanismos governamentais para a sua salvaguarda.

A falta deste tipo de projetos nos concelhos portugueses é sinónimo de perda de memória. Este tipo de trabalho é crucial para alavancar o entendimento da ocupação na região e basilares no processo dos planos diretores municipais e na gestão do território. Só conhecendo poderemos proteger. Cada objeto arqueológico recuperado, cada sítio e contexto preservado e conhecido é uma peça do puzzle histórico que permite conversar com os nossos avós e perceber de onde viemos, em que acreditávamos, quais os nossos hábitos e comportamentos e, dessa forma, verificar que muito deste património ainda replicamos.

Esta carta arqueológica, como referimos num dos capítulos anteriores, não é estática ou limitada, o processo de conhecimento deve ser contínuo, garantindo uma proteção mais eficaz aos poucos vestígios que sobreviveram ao tempo. Esta é uma primeira aproximação a um património tão vasto e ainda tão pouco estudado.

Entre o período que antecedeu e o término dos nossos trabalhos foi incrementado em 250% os sítios arqueológicos conhecidos e ultrapassa os 1000% se quisermos considerar os levantamentos de outro património, como o molenar, o religioso, as ruínas, entre outros. Isto é exemplo de que tanto ainda existe para estudar.

Não nos queremos estender nas considerações finais, o capítulo 7 dá já uma ideia sumária das principais linhas sobre a evolução do passado e suas características no concelho de Caldas da Rainha, queremos simplesmente que este ponto seja um alerta da relevância deste estudo no nosso território e do empenho que todos, como comunidade, devemos ter na sua salvaguarda.

Desta forma, terminamos, agradecendo novamente a todos os que contribuíram para este levantamento.

9. Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988) – Roman Portugal. Warminster: Aris & Phillips, 1988. 4 vol. Vol. 1: Introduction. Vol. 2 (fasc. 1): Porto, Bragança, Viseu. Vol. 2 (fasc. 2): Coimbra, Lisboa. Vol. 2 (fasc. 3): Évora, Lagos, Faro. BA: PI/Ala.

ALBERGARIA, J. C. (2007) – Relatório de Prospeção no âmbito do EIA – Rainha Golf Country Club – Foz do Arelho (policopiado). DGPC. Lisboa

ALEGRIA, M. F. (1977) – Cartografia Antiga de Portugal Continental– Finisterra, pp.1969 – 210)

ALENCAR, E. F. (2007) – Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade - Teoria & Pesquisa, Vol. XVI - nº 02

ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V.; MONTEIRO, J. A. (1968) – Estatueta romana de Neptuno encontrada nas Caldas da Rainha – Arqueologia e História (Volume I), Ed. Associação dos Arqueólogos Portugueses (pp. 76-78).

ALVES, C.; REBELO, C.; MONTEIRO, G.; EZEQUIEL, G.; BRASÃO, I.; VASCONCELOS, J.; e JESUS, M. (2015) – Coordenador: CARVALHO, M., Lagoa de Óbidos: Guia para a Interpretação do Património, Instituto Politécnico de Leiria.

ALVES, D.; FERREIRA, A.; MONTEIRO, C.; FIGUEIREDO, A.; LOPES, R. (2020) – Análise Antropológica do espólio osteológico proveniente das intervenções arqueológicas realizadas no pátio sul da igreja Nossa Senhora do Pópulo, Caldas da Rainha (Leiria), in revista ANTROPE, N.º 12// julho 2020 // www.cta.ipt.pt, “Arqueologia e seus Contextos”, Tomar: 274-297. ISSN 2183-1386.

ANDERSON, P. S. (1982) – Fundamentos para fotointerpretação. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Cartografia.

ANTUNES, Dário (2007) – Relatório Final de Acompanhamento do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e Saneamento do Oeste, (policopiado) Direção Geral do Património Cultural. Lisboa.

ARAÚJO, A., ZILHÃO, J. (1991) – Arqueologia do Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros, Coleção Estudos nº8, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza.

ARH-Tejo (2011) – Plano das Bacias Hidrográficas das Ribeiras do Oeste, Síntese para consulta pública - versão extensa, Lisboa, 2011.

AZEVEDO, R. (1962) – Documentos medievais portugueses. Documentos régios. Vol.I, t.II, Lisboa, p.297.

BARBOSA, P. (1995) – A Toponímia e a Cidade Medieval, Actas das I Jornadas de Toponímia de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa

BARROS, M.; CARDOSO, R.; RAMOS, C.; GRAMACHO, J. (2019) – Sobre a Conformidade do Projeto de Execução do Projeto de Execução com a Declaração de Impacte Ambiental da Abertura e Aprofundamento dos canais da zona superior da Lagoa de Óbidos – Dragagens da zona superior da Lagoa de Óbidos e Tratamento e deposição dos materiais dragados. Comissão de Avaliação. Agência Portuguesa do Ambiente, DGPC, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e vale do Tejo. Recape/AIA nº2015. 2019.

BECKER, Jeffrey (s/d) – Parreitas Roman villa: a Pleiades place resource, Pleiades: A Gazetteer of Past Places, 2018 <<https://pleiades.stoa.org/places/416019001>> [accessed: 02 October 2023]

BELCHIOR, Cláudia (1995) – A vila Romana da Granja dos Serrões, resultados preliminares da escavação de emergência. Relatório de trabalhos. DGPC, Lisboa.

BICHO, Nuno (1993) – O Paleolítico Superior Final de Rio Maior: Perspetiva Tecnológica, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33, 3-4, pp.15-36.

BLANCO-ROTEA, R.; FONTE, J.; GÜIMIL _FARIÑA, A.; MAÑANA-BORRAZÁS, P. (2016) – Using airborne laser scanning and historical aerial photos to identify modern age fortifications in the Minho Valley, Northwest Iberian Peninsula, The three dimensions of archaeology : proceedings of the XVII UISPP World Congress (1-7 September 2014, Burgos, Spain). Volume 7, Session A4b and A12. Edición de H. Kamermans, W. de Neef, C. Piccoli, A. G. Posluschny y R. Scopigno. Oxford: Archaeopress, pp. 111-120.

BLOT, Jean; BLOT, Maria (1994) – Arqueologia subaquática. In *Atlas de Arqueologia*. Lisboa: Edições Zairol, p. 380-381.

BLOT, Maria (2003) – Os Portos na Origem dos Centros Urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*, 28.

BORGES, Nicolau (2002) – Notícias interessantes da Real Villa das Caldas, com alguns mappas curiozoxs, no anno de 1797 e 1798. Ed. PH, Caldas da Rainha.

BRITO, Miguel (2013) – Estudo da Bacia Hidrográfica da Lagoa de Óbidos, Portugal, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Engenharia, 2013.

C., REBELO, C., MONTEIRO, G., EZEQUIEL, G., BRASÃO, I., VASCONCELOS, J., e JESUS., M. (2015) – Coordenador: CARVALHO, M., *Visões cruzadas: um retrato da Lagoa de Óbidos*, Instituto Politécnico de Leiria.

CÂMARA, A.; ROCHA, L.; BATISTA, T. (2017) – A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. o caso de mora e arraiolos. In *Atas Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*, Edição AAP.

CARDOSO, Guilherme de Jesus Pereira (1999) – Projeto de levantamento arqueológico do concelho de Cadaval. Processo 99/1 (786). Relatório de trabalhos (policopiado). DGPC. Lisboa.

CARDOSO, João (1999) – Relatório de levantamento arqueológico da EIA da A15, Lanço Caldas da Rainha / Rio Maior (policopiado) Direção Geral do Património Arqueológico, Lisboa.

CARRERO PAZOS, M., y VILAS ESTÉVEZ, B. (2016) – The possibilities of the aerial LiDAR for the detection of Galician megalithic mounds (NW of the Iberian Peninsula). The case of Monte de Santa Mariña, Lugo, Keep the Revolution Going. Proceedings of the 43rd Annual Conference on Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology. Edición de S. Campana, R. Scopigno, G. Carpentiero y M. Cirillo. Oxford: Archaeopress, pp. 901- 908.

CARVALHO, Anabela (2001 2002) – A Fotografia Aérea na Arqueologia in *Angulo Repositório Didático*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, pp. 58 69.

- CARVALHO, André (1991) – Memória das Caldas 1758 - Caldas da Rainha: Ed. PH.
- DUARTE, Miguel Nuno Serieiro (2005) – Uma Vila que gravita em redor de uma instituição assistencial. A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533 – Dissertação de Mestrado – Universidade Aberta.
- CARVALHO, P. (2007) – Cova da Beira: ocupação e exploração do território na época romana (um território rural no interior norte da Lusitânia), Câmara Municipal do Fundão.
- CASTELO-BRANCO, Fernando (1959-1975) – O Estado Novo, das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1959) - Volume II, by João Freire, A.H. de Oliveira Marques, Stephen R. Stoer. Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELO-BRANCO, Fernando (1961) – Os moinhos na economia portuguesa - Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos.
- CATARINA, Maria; GASPAS, Sousa; QUERIDO, Carlos (2006) – Ficheiro epigráfico 84-2006, nº 378, Suplemento de Conimbriga, Universidade de Coimbra.
- CHAVES, Luís (1952) – Estudos de toponímia portuguesa. Influências militares na formação de topónimos – Revista de Guimarães – Vol. 62 – pp. 160, Guimarães.
- CHELINI, Jean (1991) – Histoire religieuse de l'Occident médiéval (em francês) . Paris: Coleção Pluriel, Hachette. OCLC271713144.
- CILIBERTO, E.; SPOTO, G. (2000) – Modern Analytical Methods in Art and Archaeology, John Wiley & Sons, Inc., 2000. ISBN: 0-471-29361-X.
- CORNS; SHAW (2011) – Accessing Irelands Growing and Diverse aerial archaeological resources, In book: Aerial Archaeology and Remote Sensor Techniques. Edit by: Marc Lodewijches and René Pelegrin.p.29-41.
- CORREIA, M. (2007) – Lagoa de Óbidos – Uma proposta de análise da sustentabilidade local, Tese de Mestrado em Ecologia Humana, Universidade de Évora.
- COSTA, M. (1994) – Agitação marítima na costa Portuguesa: Anais do Instituto Hidrográfico. 1994, n.13, p. 35 - 40.
- COWLEY, D. (2012) – In with the new, out with the old? Auto-extraction for remote sensing archaeology, Proceedings Volume 8532, Remote Sensing of the Ocean, Sea Ice, Coastal Waters, and Large Water Regions 2012. C. R. Bostater, S. P. Mertikas, X. Neyt, C. Nichol, D. Cowley, y J. P. Bruyant. Edinburgh: International Society for Optics and Photonics, vol. 8532.
- CRAVO, Manuel (2010) – Estudo arqueológico do território compreendido entre Aljazeera / Ateanha, Chão de Ourique / Póvoa e Vale do Rio Dueça – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- DAVEAU S et al. (1985) – Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes Térmicos, Centro de Estudos Geográficos, Memórias, 7, Lisboa, 84 p., 2 mapas fora do texto.
- Davis, D. S. (2018): Object-based image analysis: a review of developments and future directions of automated feature detection in landscape archaeology, Archaeological Prospection, n.º 26 (2), pp. 155-163.

DEMOULE, J-P et al. (2005) – Guide des methodes de l'Archéologie, La Découverte, 2005. ISBN: 2-7071-4204-2.

DINIS, J., et al (2006) – Natural to anthropogenic forcing in the Holocene evolution of three coastal lagoons (Caldas da Rainha Valley, Western Portugal), *Quatern. Int.*, 150, 41–51.

DJINDJAM, F. (2002) – Pour une théorie générale de la connaissance en archéologie, em XIV Congrès International UISPP, Liège, setembro de 2001. Colloque 1.3. *Arqueologia e Calculadores* 13: 101–117.

DJINDJAM, F. (2011) – Manuel d'Archéologie . Paris: Armand Colin.

DUARTE, L. V. (2020) – Histórias geológicas de Peniche e o seu inigualável Jurássico Inferior, *Rev. Ciência Elem.*, 2020, V8 (01):011. doi.org/10.24927/rce2020.011.

DUARTE, Miguel (2008) – Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial - A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533. (Vol.1) - Universidade Aberta, Lisboa.

ENCARNAÇÃO, José d' (2008) – Pela Toponímia até à História – Câmara Municipal de Albufeira.

FERDIÈRE, A. (1998) – Les prospection au so', *La Prospeccion*, Collection Archéologiques, Paris: Errance: pp. 161-206.: pp. 9-77.

FERREIRA, O., (1993) – Caracterização dos principais fatores condicionantes do balanço sedimentar e da evolução da linha de costa entre Aveiro e o Cabo Mondego. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa.

FERREIRA, T.; RAMOS, R.; FREITAS, M.; ANDRADE, C. (2009) – Morphological Evolution of the Óbidos Lagoon (Western Coast of Portugal) Since the Holocene Transgressive Maximum. *Journal of Coastal Research*.

FIDALGO, Costa (2012) – Uma Villa Romana no Rossio da Pederneira?, *Portugal Romano.com – Revista de Arqueologia Romana*, Abril

FIGUEIREDO, A. (2007) – Os Sistemas de Informação Geográfica na análise de sítios arqueológicos: o caso do Complexo Megalítico de Rego da Murta (Alvaiázere) Edit. Figueiredo, A. e Gonçalves, A. Ed. (2007), in *Algoritmos com História*. Actas do V congresso de Aplicações Informáticas à Arqueologia e Património. Leiria. Instituto Politécnico de Leiria e CAAPortugal, cd-rom.

FIGUEIREDO, A. (2018) – Relatório anual de progresso de 2017 – Projeto Carta Arqueológica das Caldas da Rainha", Instituto Politécnico de Tomar, policopiado.

FIGUEIREDO, A. (2019) – Relatório anual de progresso de 2018 – Projeto Carta Arqueológica das Caldas da Rainha", Instituto Politécnico de Tomar, policopiado.

FIGUEIREDO, A. (2020) – Relatório anual de progresso de 2019 – Projeto Carta Arqueológica das Caldas da Rainha", Instituto Politécnico de Tomar, policopiado.

FIGUEIREDO, A. e ENCARNAÇÃO, J. (2022) – Altar a I.O.M. de A-dos- Francos (Caldas da Rainha) (Conventus Scallabitanus) Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Ficheiro epigráfico (Suplemento de Conimbriga Nº 232, Inscrições nº 805-807, Inscrição nº 807, Instituto de Arqueologia Departamento de História, Estudos Europeus,

Arqueologia e Artes Coimbra 2022. https://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro, link do artigo https://www.uc.pt/fluc/iarq/pdfs/Pdfs_FE/FE_232_2022

FIGUEIREDO, A., e LOPES, R. (2018) – Moinhos das Caldas da Rainha, Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Instituto Politécnico de Tomar e CAAPortugal.

FIGUEIREDO, A., e LOPES, R. (2019) – Lendas e Fotografias Antigas das Caldas da Rainha, Câmara Municipal das Caldas da Rainha, CAAPortugal e Instituto Politécnico de Tomar (edição).

FIGUEIREDO, A.; LOPES, R.; MONTEIRO, C.; SILVEIRA, A. (2018) – Educar os mais jovens para o património cultural, CMCR, página do site do município, publicações do projeto CARACA. Site Município Caldas da Rainha.

FIGUEIREDO, A.; LOPES, R.; SIMÕES, S. MONTEIRO, C.; SILVEIRA, A. (2017) – A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica. In atas Arqueologia em Portugal, 2017. Estado em questão. Associação dos Arqueólogos Portugueses Lisboa, ISBN: 978-972-9451-71-3. 227-235.

FIGUEIREDO, A.; MONTEIRO, C. (2017) – Estudo das cerâmicas azulejares exumadas da praça da república das caldas da rainha, Leiria (portugal). In Revista Memorare, Tubarão, v. 4, n.3 esp. Dossiê: Marcas da Memória: direitos humanos, justiça de transição e anistia, set./dez. 2017. ISSN: 2358-0593. 182-208.

FIGUEIREDO, A.; MONTEIRO, C.; SILVEIRA, A.; LOPES, R. (2020) – Análise do conhecimento histórico-arqueológico da população juvenil no concelho das Caldas da Rainha, CPGP, in Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-História, Série III, Vol. 2, nº 2. <https://www.cpgp.pt/boletim.php>

FIGUEIREDO, Alexandra; LOPES, Ricardo; MONTEIRO, Cláudio; SILVEIRA, Adolfo (2020) – A Carta Arqueológica das Caldas da Rainha: resultados preliminares de um projeto em curso, in atas do Congresso de História e Património da Alta Estremadura e Terras de Sicó, Alvaiázere, 21 e 22 de setembro de 2019, Leiria: 47-60.

FIGUEIREDO, Alexandra; MONTEIRO, Cláudio; HENRIQUES, Raquel (2021) – Registo arqueológico e as alterações ambientais observadas na zona costeira da Lagoa de Óbidos ao longo do tempo, concelho Caldas da rainha: Evolução da paisagem e ocupação. Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-história 3 (2), 2021. <https://cpgp.pt/boletim.php>. ISSN (print): 2184-4518 (online): 1645-9806 (CD-ROM): 2184-4194.

FIGUEIREDO, Alexandra; MONTEIRO, Cláudio; SILVEIRA, Adolfo; LOPES, Ricardo (2020) – Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente consciente, In atas AAP, ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coords. Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 327-336. AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8; CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1 <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/34124/1/Magalh%C3%A3esetal2020.pdf>

FIGUEIREDO, Frei Manuel (S/d) – Memórias para formar a história da Comarca de Alcobaça. BN:Cod, 1479, pp.46-48.

FIGUEIREDO, Silvério (prelo) – O Património Paleontológico do Concelho das Caldas da Rainha. Instituto Politécnico de Tomar, CAAPortugal e Município de Caldas da Rainha.

FLAES, Raznier e ZBYSZEWSKI, Georges (1946) – Hallazgo de un yacimiento paleolítico en la Extremadura portuguesa, entre Caldas da Rainha y Foz do Arelho. In Ampurias. Barcelona. 78, p. 37-48.

FONTE, João. (2010) – Novas metodologias não-invasivas de prospecção arqueológica: o contributo das tecnologias geo-espaciais. Braga: Revista Fórum, 2010, v.. 44-45, pp.12.

FRAGA, T. (2017) – Trabalhos de arqueologia preventiva. Zona superior da Lagoa de Óbidos e tratamento dos materiais dragados. Prospecção geofísica e verificações, Relatório Preliminar, Faro de 2017, policopiado.

FREITAS, M. D. C.; ANDRADE, C.; CRUCES, A. (2002) – The geological record of environmental changes in southwestern Portuguese coastal lagoons since the Lateglacial. Quaternary International.

FREITAS, Maria Conceição (1989) – Lagoa de Óbidos. Morfossedimentogénese Aplicada – Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

GARCIA, Eduíno Borges (1968-1970) – As torres e os fachos na Lagoa da Pederneira: Vestígios de Navegações antigas na Lagoa da Pederneira, Arquivo de Beja.

GOMES, Saul António (2017) – Os cistercienses em Portugal nos alvares da Época Moderna: o caso da abadia de Alcobaça, por 1519-1520, Centro de História da Sociedade e da Cultura, in Lusitania Sacra, nº 36, pp.45-69.

GONÇALVES, Iria (1987) – Alcobaça e Leiria: uma relação de vizinhança ao longo da Idade Média, Revista da Faculdade de Letras. História, Porto, 2ª série, vol. IV, pp. 89-102.

GRAÇA, C. (2013) – A construção temporal do triângulo territorial Eburobritium, Óbidos e Caldas da Rainha, In III CITCEM CONFERENCE, Landscape – (IM)Materiality, Jornadas nas Paisagens Milenares do Douro Verde, 21st-24th November 2013. Porto: CITCEM.

GUERREIRO, N. (2014) – Redefinição e conceptualização do sistema aquífero da lagoa de Óbidos, Dissertação ao Mestrado em Geologia Aplicada à Hidrologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências departamento de Geologia.

GUIMARÃES, J.; PEIXOTO, Maria da Graça (1988) – A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira, Muxagata, Vila Nova de Foz Côa: Novos dados. In actas do I colóquio arqueológico de Viseu. Viseu. CMV. Pp.171-184.

GUIMARÃES, J.A. G. (2003) – Ervamoira: da granja romana à quinta medieval de Santa Maria, uma hipótese de musealização das ruínas. Camara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

GUINCHO, Carlos (2010) – O Povoamento na área da lagoa da Pederneira: Da ocupação romana ao séc. XII, Dissertação de Mestrado.

HENRIQUES, M. V. et. al. (2002) – Alterações morfológicas em ambientes litorais desde o último máximo transgressivo – exemplos da Estremadura e do Alentejo - Revista de Geomorfologia (1), Lisboa.

HENRIQUES, Susana (2005) – A idade da terra no sítio de Castelo – Santa Catarina. Caldas da Rainha. Relatório de intervenção arqueológica (policopiado). DGPC. Lisboa

HOCKING, Charles (1969) – Dictionary of disasters at sea during the age of steam, including sailing ships and ships of war lost in action, 1824-1962.

HUBNER, E. (1871) – Notícias Arqueológicas de Portugal. Published in 1871 in Lisboa, by Typographia da academia. <https://archive.org/details/noticiasarcheolo00hubn/page/10/mode/2up>

JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2000) – As grutas de Ribeira de Crastros (Caldas da Rainha): reinterpretações de um sítio. O arqueólogo português, série 4, volume 18. Pp.11-60.

LASAPONARA, G; MASINI G. (2011) – Satellite Remote Sensing in Archaeology: Past, Present and future; in Journal of Archaeological Science 38(9) 1995-2002.

LOPES, R. (2018) - Valorização e Salvaguarda do Património Cultural das Caldas da Rainha - O Centro de Interpretação, Projeto apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Técnicas de Arqueologia.

LOPES, Ricardo; FIGUEIREDO, Alexandra; MONTEIRO, Cláudio; SILVEIRA, Adolfo; SIMÕES, Sónia (2020) – A importância da Educação Patrimonial para a salvaguarda e reconhecimento do património local, in atas do Congresso de História e Património da Alta Estremadura e Terras de Sicó, Alvaiázere, 21 e 22 de setembro de 2019, Leiria: 61.

MACHADO, José Pedro (1952) – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – Editoria Confluencia, Lisboa.

MACHADO, José Pedro (1962) – Notas de toponímia portuguesa - separata do Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa, n.º 13, p. 3.

MACHADO, José Pedro (1984) – Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa – Editoria Confluencia, Lisboa.

MACHADO, José Pedro (2003) – Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa. Editora: Livros - 3 Volumes – 1504p. ISBN: 9789722408424.

MACIEL, Ariana (s/d) – Aplicações: Mapeamento móvel utilizando tecnologia LIDAR. Disponível em: <<http://www.dsr.inpe.br/sbsr2011/files/p0946.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2015.

MANGORRINHA, Jorge (1993) – Arquitectura caldense no século XVIII - Terra de Águas - Caldas da Rainha História e Cultura, p. 137-152.

MANGORRINHA, Jorge (2000) – O lugar das Termas – Livros Horizonte, Lisboa.

MANTAS, Vasco (1990) – As cidades marítimas da Lusitânia. In Les Villes de Lusitanie Romaine. Talence, 1988. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 149-205.

MANTAS, Vasco (2002) – Vias e portos na Lusitânia romana in J-G. Gorges et alii (eds.) V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana (Cáceres-2002) : Las comunicaciones, Min. Cultura, Madrid; pp. 427-453.

MARQUES, N. et al (2001) – Roteiro Cultural de Alcobaça - A oeste da Serra dos Candeeiros, coord. Carlos Mendonça da Silva C.M. Alcobaça, Alcobaça.

MARTINS, C. H. M.R. (2014) – O programa de obras públicas para o território de Portugal Continental, 1789-1809: intenção política e razão técnica: o porto do Douro e a cidade do Porto. 2 vol. Coimbra : [s.n.]. Tese de doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/25713>

- MOITA, Irisalva. N. (1951) – O Mosaico Luso-Romano da Póvoa de Cós. O Arqueólogo Português. Lisboa. Série II. 1: 143-149.
- MOREIRA, José Beza (2002) – Cidade Romana de Eburobrittium Óbidos – Mimesis, Ciência Arqueologia.
- MOZATA, F., (1992) - Dos concepciones de la prospección en arqueología, Arqrítica, Vol. 3: pp. 233-270, 1992.
- MUCKELROY, Keith (2004) – Maritime Archaeology. Londres: Cambridge University Press.
- NATIVIDADE, J. Vieira (1942) – Os monges agrónomos do mosteiro de Alcobaça, Alcobaça, pp. 11-14.
- NATIVIDADE, J. Vieira (1944) – As granjas do mosteiro de Alcobaça, sep. De Boletim da Junta de Província da estremadura, nº 5, pp.14-15.
- NATIVIDADE, Manuel Vieira (1906) – Alcobaça doutro tempo. Notas sobre indústria e agricultura, Relatório da Exposição Alcobacense de Maio de 1906. p.30.
- NEVES, Maria; ALMEIDA, Miguel (2000) – Relatório de Sondagem Arqueológica – Lanço Caldas da Rainha/Rio Maior, EIA da A15 (policopiado) Direção Geral do Património Cultural, Lisboa.
- OLCOZ YANGUAS, Serafin (2008). Cisterciense Fitero. Do Mosteiro à Vila (séculos XII-XV) . Tudela: Câmara Municipal de Fitero e TRACASA. ISBN 978-84-60-64665-5.
- OMOND, George W.T. (2011) – The merchant shipping acts, 1854 to 1876.
- OPITZ, R. S. (2013): An overview of airborne and terrestrial laser scanning in archaeology, Interpreting Archaeological Topography. Edición de R. Opitz y D. Cowley. Oxford: Oxbow Books, pp. 13-31.
- PAÇO, A. e CABAÇO, H. (1966) – Paleolítico das Caldas da Rainha. Ser. Da Brotéria. Porto. 78: 158-165.
- PEIXE, Alexandre; FIGUEIREDO, Alexandra; MONTEIRO, Claudio; TOGNOLI, Anderson (2020) – Um olhar espacial sobre o sítio do Algar da Água (Alvaiázere-Leiria): Contribuições dos Sistemas de Informação Geográfica para uma interpretação arqueográfica. CPGP, in Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-História, Série III, Vol. 2, nº 2. <https://www.cpgp.pt/boletim.php>
- POLLACK, Michael (1992) – Memória e Identidade Social - Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212.
- PRITCHARD, D. W. (1967) – What is an estuary: physical viewpoint. In: G. H. Lauf. Estuaries. Col: A.A.A.S. Publ. (em inglês). 83. Washington, DC: [s.n.]. pp. 3-5.
- QUERIDO, Carlos (2006) – A vila de Salir do Mato descoberta por um monge de Cister, Gazeta das Caldas, n.º 4587.
- QUERIDO, Carlos (2007) – Salir de Outrora, PH. Estudos e Documentos (Coleção) 1ª edição, Printmor. Isnb 978-972-8154-27-1.
- RACZKOWSKI, Włodzimierz (2002) – Aerial archaeology method in the face of theory - Adam Mickiewicz University.
- RENFREW, C; BAHN, P. (1991) – Archaeology. Theories, Methods and Practice, Thames and Hudson. ISBN: 0-500-27605-6.

RIBEIRO, Carla; NUNES, João Miguel (2007) – Relatório de acompanhamento arqueológico no âmbito do Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água e saneamento do Oeste (policopiado). DGPC. Lisboa.

RODRIGUES, L., TAVARES, M. e SERRA, J., (1993) - Terra de Águas: Caldas da Rainha, História e Cultura. Caldas da Rainha: Câmara Municipal.

RUIZ, A.R. (1985) – Sesión de trabajo I: La prospección, Arqueología Espacial, Vol. 6: pp. 31-97.

SENDRA, J.B. (1992) – “Sistemas de Información Geográfica” - Madrid: RIALP.

SERRA, J. (1995) – Introdução à História das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha: Património histórico.

SERRA, J. (2003) – 21 Anos, pela História. Caldas da Rainha, Estudos, Notas e Documentos, Caldas da Rainha: Património histórico.

SERRANO, L. (2011) – Lucernas, Candis e Candeias. Para uma distribuição geográfica no território português, FCTUC -Tese de mestrado em Arqueologia e Território, especialização em Arqueologia Medieval. Coimbra.

SILVA, Rodrigo Banha da (1993) – Contributos arqueológicos do concelho das Caldas da Rainha. In Terra de Águas. Caldas da Rainha.

SITHOLE, G., VOSELMAN, G. (2004) – Experimental comparison of filter algorithms for bare-earth extraction from airborne e laser scanning point clouds. ISPRS Journal of Photogrammetry and Remote Sensing, 59 (1-2): 85–101.

SOUSA, A. (1960) – Onomástica Pré-Romana – A propósito de três divindades antero-romanas da região entre Douro e Vouga – Revista de Portugal, Lisboa.

SOUTINHO, Pedro (s/d) – As vias romanas em Portugal, inventário. <https://viasromanas.pt/index.html>, consultado em fevereiro de 2020.

STÉNIO, Jardel; FIGUEIREDO, Alexandra (2023) – Os naufrágios e o potencial arqueológico marítimo nas Caldas da Rainha. *Atlanticus*. Vol. 2. Museu Exea, Brasil.

Štular, B.; Kokalj, Ž.; Oštir, K., y Nuninger, L. (2012) – Visualization of lidar-derived relief models for detection of archaeological features, *Journal of Archaeological Science*, n.º 39 (11), pp. 3354-3360.

UMBELINO, JAIME (2006) – A foz do Arelho na Lenda e na História, Ed. De Autor. Sogratol, Lda- Torres Novas.

VASCONCELLOS, José de Leite de (1910) – *Analecta archeologica*. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª série:15, p. 321328.

VASCONCELLOS, José de Leite de (1922) – Três inscrições. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª série: 25, p. 247250.

VERSHOOF-Van Der Vaart.; LAMBERS, K. (2019) – Learning to Look at LiDAR: The Use of R-CNN in the Automated Detection of Archaeological Objects in LiDAR Data from the Netherlands, *Journal of Computer Applications in Archaeology*, n.º 2 (1), pp. 31-40.

XAVIER, Antônio Roberto (2009) – A importância da História Oral – UECE.

ZÊZERE, José Luís (2005) – A geomorfologia da região das Caldas da Rainha - Luís Aires- Barros (coord.) – Caldas da Rainha: património das águas. Caldas da Rainha: Assírio e Alvim, 2005. p. 63.

ZILHÃO, JOÃO (1997) – The Paleolithic settlement of Portuguese Estremadura after the last glacial maximum. In *El món mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)*, editado por Fullola, Josep Maria; Soler, Narcis, 233-242. Girona, Espanha: Museu d'Arqueologia de Catalunya, 1997

Referências a Jornais e Sites:

Cartas Náuticas e Localizações. Disponível em: <https://www.wrecksite.eu/> . último acesso em out. 2021; <https://nauticalcharts.noaa.gov/>, último acesso em novembro de 2021; <https://shiplib.org/>, último acesso em novembro de 2021; <http://www.davidrumsey.com/>, último acesso em dezembro de 2021.

Diário do governo digital 1810 e 1920. Disponível em: <https://digigov.cepese.pt/>. Acesso em agosto. 2021.

Repositório Universidade de Évora. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/>. Acesso em agosto. 2021.

Repositório Universidade de Lisboa; <https://www.repository.utl.pt/>, último acesso em março de 2022.

Repositório de mapas de David Rumsey <http://www.davidrumsey.com/>, último acesso em abril de 2022.

Repositório Biblioteca Nacional Digital <http://purl.pt/5901/3/>; <http://purl.pt/3991/3/>; Diários ilustrado entre outros, último acesso março de 2022.

Repositório Instituto Pedro Nunes, Naufrágios ao largo da costa Oeste (lpn.pt).

Repositório Gazeta das Caldas da Rainha <https://gazedascaldas.pt/cultura/lagoa-obidos-nao-sobrevive-200-anos-sem-intervencao-humana/>; <https://gazedascaldas.pt/sociedade/ha-125-anos-navio-roumania-nafragou-na-foz-do-arelh/>, consultado em abril 2018.

<https://gazedascaldas.pt/sociedade/a-lagoa-de-obidos-era-uma-auto-estrada-de-navios-que-chegava-ate-eburobritium/>

<http://naviosnavegadores.blogspot.com/2015/04/historia-tragico-maritima-cxliv.html>

